



Activação Social dos Espaços em Aberto

Maria João Capelo Vicente

Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura Paisagista

Orientadora: Professora Doutora Maria Teresa Amaro Alfaiate

Júri:

Presidente: Doutor Francisco Manuel Cardoso de Castro Rego, Professor Associado com agregação do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Vogais: Doutora Maria Teresa Amaro Alfaiate, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

Ana Luísa Brito dos Santos Sousa Soares Ló de Almeida, Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa

AGRADECIMENTOS

O meu profundo reconhecimento à Professora Doutora Maria Teresa Alfaiate, enquanto orientadora da presente dissertação, pela exigência, pelo incentivo e pela disponibilidade demonstrada ao longo de todo o meu período de formação, não obstante as constantes condicionantes.

Agradeço ao meu colega e grande amigo Miguel Morão de Brito pela colaboração no desenvolvimento do tema e na realização da metodologia e circunstância dos Espaços em Aberto da cidade de Lisboa e por todo o nosso percurso académico.

Agradeço aos meus colegas e amigos João Machado, Inês Oliveira, Ana Mendes e Luís Brum pelo apoio e ajuda prestada ao longo deste trabalho.

Por último agradeço aos meus pais Georgina Capelo e Jorge Vicente e irmão Augusto Vicente pela educação que me proporcionaram, paciência e esperança que sempre depositaram em mim.

RESUMO

Analisando a cidade como um sistema em constante transformação, podemos distinguir uma multiplicidade de espaços em diferentes estados da sua evolução, em cada momento, é possível agrupá-los em dois géneros relativamente diferenciados. Uns são espaços relativamente consolidados que encerram em si e, presumivelmente a longo prazo, uma finalidade, uma configuração espacial e uma identidade legível, aceite num determinado contexto socio cultural, geralmente predominam na cidade. Os outros são aqueles espaços cujo fim é ainda incerto e/ou onde não é clara uma estrutura ou identidade própria, num determinado momento da Paisagem. Este segundo tipo de espaços, os quais denominamos de Espaços em Aberto, são experienciados através de um percurso pedonal e, simultaneamente é analisada a sua circunstância espacial e temporal, com a finalidade de descobrir as limitações, os potenciais e as oportunidades que estes espaços encerram em si. Para intervir, para além do estudo do carácter e da situação em que se encontram é necessário o entendimento das suas relevantes diferenças e a tomada de consciência da energia económica e social disponível para o fazer. É aprofundada uma abordagem participativa como forma de activação e reabilitação dos Espaços em Aberto. São por isso estudados os diferentes conceitos de participação e espacialização e vários casos de intervenção em espaços públicos urbanos. Foram concebidas e aplicadas quatro estratégias de intervenção em quatro espaços com diferentes contextos.

Palavras-chave: Espaços em Aberto, o percurso experiencia de paisagem , participação, activação.

ABSTRACT

Analysing the city as a system in constant transformation, it's possible to identify a multiplicity of spaces in different stages of evolution, in each moment it's possible to group them in two main types of spaces. Some are relatively consolidated spaces that enclose, presumably in the long term, a purpose, a spatial configuration and a legible identity, normally they are recognized in a certain sociocultural context and predominate in the city. The other spaces are those where the purpose, the structure or the identity is unclear, in a certain moment of its Landscape. This second type of spaces, denominated in this study as "Espaços em Aberto", are experienced through a pedestrian path and, simultaneously, analyzed in its temporal and spatial circumstances in order to discover the limitations, but specially the potentials and opportunities that these spaces contain. In order to intervene in this type of spaces besides the study of the character and the situation is necessary to understand the differences and the economic and social energy available to do it. The participatory approach is develop as a form of activation and rehabilitation of the Espaços em Aberto. Therefore different concepts of participation, spatialization and the several cases of intervention in urban public spaces are studied. Were designed and implemented four strategies of intervention in four spaces with different contexts.

Keywords: Espaços em Aberto, pedestrian path, participation, activation.

EXTENDED ABSTRACT

The increasing size of cities often pulls away the citizen from natural spaces, as other types of spaces more intervene by the men, that can play a fundamental role in human development and in the society that lives in the cities. On the other hand, the technological development associated with the virtual world tends to alienate the multisensory perception of citizen regarding the space that surrounds him. However, there are several places in the city that apparently have no use, this can be converted into spaces that fulfill major ecological, social, cultural, and even economic functions when activated or can even contribute to the purpose of education, leisure and development of a more participatory society.

These spaces, that in this study we choose to generically designate as “Espaços em Aberto”, are distinguished from those that are defined in form, function and identity, but cover those that have been nominated by numerous forms: lost space, spazio senza nome, residual space, dump-spaces, brown fields, interstitial space, terrain vague and urban void. The search of a term that combines the dimensions of this spaces has been sought by several authors, but there is no consensus yet regarding a definitive term. This ambiguity of designation it's reflected in the fact that among these spaces is possible to identify different circumstances, functions, stages of evolution, structure or configuration.

In the city of Lisbon there are several Espaços em Aberto which could be utilized for a number of purposes. These purposes may have economic and social benefits for certain citizens such as urban agriculture or ecological, economic, cultural, recreational and sports benefits. The benefits resulting from the appropriate use of these spaces are extremely important, specially in this recent context of economic difficulties, environmental risks and sustainability issues that this as other cities are facing. The use of these spaces can also contribute to environmental education and to promote the contact of inhabitants with nature or other spaces, different from those that are part of our basic routine in which we live and move. It is not also less important in the uncontrolled increase of the metropolis, the inappropriate use of land in the fringes of the city and the lack of consistency and consolidation of most of these uses. Increasingly in questions of sustainability of the urban environment, the holistic sense that this concept should be understood, the conversion of espaços em aberto is inscribed in the urban fabric has a priority.

The opportune use of these spaces is, according to François Ascher (2001) for whom the social and urban development presents a new set of priorities, a challenge that lead the landscape architect to: confront new issues in the area of public administration, such as the manage of projects in the context of great uncertainty; define objectives before the means that are available; integrate new assessment models, adapting the city to different needs; design spaces for new functions; act in the face of social diversity; readjust the mission of the public authorities; promote different urban qualities; and adapt democracy to new urban phenomenas.

These undefined spaces have to be evaluated and understood as object of proposals and hypotheses of opportune intervention. For that, it is important to study the circumstance (situation) of these spaces, the

search of the opportunities that these spaces can offer and the projection of the interventions that are possible in them.

In order to act in such spaces, participatory approach emerges as a means of activation and rehabilitation that can encourage the collective imagination and the sense of community. The participatory process introduces in the project a social and political dimension, it puts into question the role of the architect and the user, implies a new way of thinking, acting and engaging with the environment. To understand the concept of participation is necessary to anchor it in its own historical and social context. The ideological concept of participation has its origins in the late sixties and seventies, a period that is still seen in a linear way and it develops with the introduction of other concepts like “sharing of the sensible” from Rancière, the “relational aesthetics” from Bourriaud, the “conflictual participation” from Miessen, “urban curator” from Shalk and the “unsolicited architecture” from Bouman.

There are several methods of participatory intervention, which were analyzed and compared: bottom-up; ecological; cultural / sport; economic; and educational. Each strategy represent the various applications of participatory process according to the different contexts and intentions.

There were developed four practical cases of application of the studied strategies in four Espaços em Aberto. The method and the intervention process differs depending on the type of space, its context, the economic and social resources available and where the ideal opportunity is not always the possible or necessary one.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	i
RESUMO	ii
ABSTRACT	iii
ABSTRACT EXTENDED	iv
ÍNDICE	vi
ÍNDICE DE QUADROS	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	ix
1.0. Introdução	
1.1. Enquadramento	1
1.2. Objectivos	4
2.0. Experiência, cinestesia e sistematização da paisagem	
2.1. A experiência da paisagem	5
2.2. A cinestesia da paisagem – o movimento induzido pelo movimento do observador e o movimento implícito sugerido pela sua configuração	6
3.0. Circunstância dos espaços em aberto	
3.1. Conceitos e terminologia	7
3.2. Delimitação e contextualização da área de estudo	
3.2.1. Contextualização do percurso	13
3.2.1.1. As vias como continuidades geradoras de discontinuidades	13
3.2.1.2. Crescimento e consolidação da cidade de Lisboa	14
3.2.2. Delimitação da área de estudo - o trilho, o limite e o seccionamento	15
3.3. Descrição e análise dos Espaços em Aberto	19
3.3.1. Experiência do percurso e reconhecimento da paisagem	19
3.3.2. Influência da evolução urbana nas qualidades dos Espaços em Aberto	29
3.3.3. Aspectos biofísicos e antropológicos	34
3.4. Critérios de diferenciação dos Espaços em Aberto da cidade	35
3.5. Percurso revisitado	38

4.0. Uma abordagem participativa: A influência dos anos 60 e 70

4.1. Contexto histórico/social	40
4.1.1. Utopias urbanas- “Democratização da Arquitectura”	40
4.1.2. Direito á Cidade_ Henri Lefebvre	45
4.1.3. Máquina desejante_ Deleuze e Guattari	46
4.2. Conceito de participação e autoria do projecto	
4.2.1. Conceito de participação	47
4.2.2. Autoria do projecto	
4.2.2.1. O papel do arquitecto	48
4.2.2.2. O papel do utilizador	49
4.3. Operações do SAAL	
4.3.1. Contexto histórico/social	51
4.3.2. O processo do SAAL	52
4.3.3. Um fim anunciado	54

5.0. O que nos torna diferente da participação dos anos 60 e 70?

5.1. Conceitos e terminologia	
5.1.1. Partilha do sensível	56
5.1.2. Estética do relacional	56
5.1.3. Participação conflitual	57
5.1.4. Curador urbano	59
5.1.5. Arquitectura não solicitada	60
5.2. Estratégias de participação	61
5.2.1. Estratégia Bottom –Up	62
5.2.1.1. Squatting	62
5.2.1.2. Chicano Park	63
5.2.1.3. Campo Boario	64
5.2.1.4. Park Fiction	65
5.2.2. Estratégia Ecológica:	66
5.2.2. 1. Ecobox	66

5.2.2. 2. Eco-Boulevard	68
5.2.3. Estratégia Cultural/desportiva:	69
5.2.3.1. Eiichbaum	69
5.2.3.2. Mellowpark	72
5.2.4. Estratégia Económica:	74
5.2.4.1. Prinzessinnengarten	74
5.2.5. Estratégia Educacional:	76
5.2.5.1. Die Baupiloten	76
5.3. Projectos desenvolvidos	78
5.3.1. Berlin/Berlin- corporative/cooperative	78
5.3.2. Cinema na Parede	81
5.3.3. R.U.A.- Rede Urbana de Agricultura	82
5.3.4. Yes We Camp	86
6.0. CONCLUSÕES	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	102
ANEXOS	i
Anexo 1. Aspectos biofísicos e antropológicos dos Espaços em Aberto no percurso em Lisboa	

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 3.1. Critérios de diferenciação dos Espaços em Aberto da cidade	35
Quadro 4.1. Níveis de participação	50

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 3.1. Fases de crescimento e consolidação de Lisboa.	15
Figura 3.2. Trilho do percurso pedonal em Lisboa.	16
Figura 3.3. Limite da área de estudo e seccionamento.	17
Figura 3.4. Síntese das Qualidades	20
Figura 3.5. Representação da experiência do percurso no Vale de Chelas	21
Figura 3.6. Representação da experiência do percurso na Área Industrial Poente	22
Figura 3.7. Representação da experiência do percurso na Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa	23
Figura 3.8. Representação da experiência do percurso na Segunda Circular	24
Figura 3.9. Representação da experiência do percurso no Vale de Alcântara	25
Figura 3.10. Apropriação	28
Figura 3.11. Grau de influência de cada critério em cada secção	37
Figura 3.12. Apropriação	39
Figura 4.1. e 4.2. Walking City dos Archigram	42
Figura 4.3. Plano de Tóquio	42
Figura 4.4. Helix City	42
Figura 4.5. Dymaxion house	43
Figura 4.6. Pavilhão norte-americano da Exposição Mundial de 1967	43
Figura 4.7. Domo da Drop City	43
Figura 4.8. The Spatial City	43
Figura 4.9. Centre Pompidou	43
Figura 4.10. Fun Palace	44
Figura 4.11. Desenho interior do Fun Palace	44
Figura 4.12. Potteries Thinkbelt Project	44
Figura 4.13, 4.14 e 4.15 SAAL	52
Figura 5.1. Koepi squat	62

Figura 5.2. Tommy Weissbecker haus	62
Figura 5.3. Tacheles	62
Figura 5.4., 5.5. e 5.6. Chicano Park	63
Figura 5.7., 5.8. e 5.9. Campo Boario	64
Figura 5.10., 5.11. e 5.12. Park Fiction	65
Figura 5.13., 5.14. e 5.15. Ecobox	66
Figura 5.16., 5.17. e 5.18. Eco- Boulevard	68
Figura 5.19. e 5.20. Eichbaum Oper	69
Figura 5.21. Eichbaum Countdown	70
Figura 5.22. Eichbaumpark cronologia	70
Figura 5.23. Mapa Eichbaumpark	71
Figura 5.24. Mapa de activação informal	72
Figura 5.25. Mapa da futura network	72
Figura 5.26. Workshop	72
Figura 5.27. e 5.28. Prinzessinnengarten	74
Figura 5.29., 5.30. e 5.31. Taka Tuka Land Day Care Centre	76
Figura 5.32., 5.33. e 5.34. Based in Berlin	78
Figura 5.35. Mapa Based in Berlin	80
Figura 5.36. e 5.37. Cinema na Parede	81
Figura 5.38. e 5.39. Desenhos da intervenção na cerca do Convento da Graça	82
Figura 5.40. Mapa RUA	85
Figura 5.41. Mapa Envolvente	88
Figura 5.42. Cronologia Mapas	91
Figura 5.43. Cronologia Yes We Camp 2013	92
Figura 5.44. Mapa Atmosferas	93
Figura 5.45. Ciclo dos resíduos sólidos	96
Figura 5.46. Ciclo da água	97
Figura 5.47. e 5.48. C12O C8O	98

1.0. Introdução

1.1. Enquadramento

A crescente dimensão das cidades afasta frequentemente o cidadão dos espaços naturais tal como de outro tipo de espaços abertos, embora mais intervistos pelo homem, podem ter uma função fundamental no desenvolvimento humano e da própria sociedade que habita nessas cidades. Por outro lado, o desenvolvimento tecnológico associado à imagem virtual tende a afastar a percepção multissensorial do cidadão relativamente ao espaço que o rodeia. Contudo, muitas vezes encontram-se nas cidades áreas relevantes de espaços que aparentemente não têm utilidade e que poderão ser convertidos em espaços que possam ser proveitosos para fins ecológicos, sociais, culturais ou outros que contribuam para a educação, lazer e desenvolvimento de uma sociedade mais participativa.

Estes espaços, que neste estudo são por opção genericamente designados por Espaços em Aberto, distinguem-se daqueles que são inequivocamente definidos na forma, função e identidade, mas englobam a generalidade daqueles que têm vindo a ser designados por inúmeras formas: espaço perdido, sem nome, residual, espaço de lixo, castanho, intersticial, vazio urbano e terreno vago. O acordo sobre um termo que identifique globalmente estes espaços tem vindo a ser procurado por vários autores, não havendo ainda consenso relativamente a uma designação própria e conceito definitivo. A ambiguidade da designação destes espaços espelha o facto de entre estes se poderem identificar espaços em diferentes circunstâncias, nomeadamente função, estado de evolução, estrutura ou configuração.

Na cidade de Lisboa existem diversos Espaços em Aberto que poderão ser aproveitados para inúmeras finalidades. Desde finalidades que podem ter vantagens económicas e sociais para determinados cidadãos como por exemplo as hortas urbanas até finalidades ecológicas, económicas, culturais, de lazer ou de desporto. As vantagens que decorrem do aproveitamento oportuno destes espaços tornam-se particularmente importantes na actualidade em consequência das dificuldades económicas e dos riscos ambientais que dificultam a sustentabilidade da sociedade desta como de outras cidades. O aproveitamento destes espaços pode também contribuir para a educação ambiental e para o contacto dos habitantes com a natureza ou outros espaços, diferentes daqueles em que por rotina habitam ou se deslocam. Não é ainda de menor importância o aumento descontrolado das metrópoles, o uso desadequado de solo nas franjas da cidade e a falta de coerência e consolidação de boa parte destes. Cada vez mais por questões de sustentabilidade do meio urbano, no sentido holístico em que este conceito deve ser entendido, a reconversão de espaços em aberto já inscritos no tecido urbano tem prioridade.

Pelo exposto anteriormente se compreende que estes espaços indefinidos e desaproveitados têm de ser urgentemente avaliados e compreendidos e ser objecto de propostas e hipóteses de intervenção oportuna. Para isso, torna-se fundamental o estudo da circunstância (situação) destes espaços na cidade de Lisboa, a procura das oportunidades que estes podem oferecer e a projecção das possibilidades de intervenção nos mesmos.

Este estudo foi desenvolvido com o meu colega Miguel Maria Morão de Brito, em conjunto aprofundamos a circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa, o que, exigiu uma abordagem muito própria e muito específica: quanto á qualidade e características intrínsecas destes espaços; do meio no qual se inserem; e sobre as pessoas (comunidades) que os coabitam.

A metodologia aplicada neste estudo recorreu a um percurso pedonal, a informação geográfica, espacial e social recolhida em cartografia e iconografia. O percurso pedonal efectuado permitiu uma recolha de informação de ordem perceptiva e intuitiva, bem como uma apreensão experienciada da sua realidade espacial e social. Recorrer ao nosso corpo como meio de percepção da paisagem permitiu obter uma leitura desta através dos sentidos, em movimento, em repouso e assimilar as suas dinâmicas implícitas.

Este processo reflete-se nos vários desenhos produzidos, uma combinação entre o que foi experienciado no local e o conhecimento apreendido sobre o local a partir das formas convencionais de recolha de informação. A metodologia incluiu um processo de instrumentalização cuja finalidade foi fornecer as ferramentas necessárias para a implementação dos princípios capazes de lançar uma matriz estrutural, que informasse e vinculasse em linhas gerais os espaços do ponto de vista físico e, paralelamente do ponto de vista estratégico, desencadeasse os mecanismos de apropriação e preparasse, assim, o caminho para a activação dos espaços e conseqüente desenvolvimento urbano.

Ao nível estrutural, o trabalho exigiu, no capítulo 2 e 3 (Experiência, cinestesia e sistematização da paisagem e Circunstância dos Espaços em Aberto, desenvolvidos em conjunto com Miguel Brito), a escolha de uma nova terminologia – Espaço em Aberto - fundamentada através da revisão bibliográfica e de comunicações pessoais por investigadores com os quais se debateu este estudo; uma leitura horizontal que relacionou os Espaços em Aberto no contexto da cidade de Lisboa; no momento contemporâneo; e uma leitura vertical que detalhou e aprofundou cada um destes em vários momentos e tendo em consideração variáveis não aparentes com o objectivo de alcançar os critérios que os caracterizam e diferenciam. A descrição e análise intrínseca de Espaços em Aberto no seu contexto temporal evolutivo, não necessariamente cronológico, mas relacionando as varias layers relevantes para o seu entendimento, (leitura vertical) estruturou-se com base na experiência do percurso e reconhecimento da paisagem, na influência da evolução temporal e urbana nas qualidades dos espaços em aberto, e em aspectos biofísicos, ecológicos e culturais.

Pelo tempo alargado de desenvolvimento da tese, pela necessidade de experiência, houve a necessidade de visitar o percurso realizado em Setembro de 2010, com o objectivo de o comparar com a leitura inicial e registar as alterações significativas dos espaços em aberto identificados.

A utilização oportuna destes espaços está de acordo com François Ascher (2001), para o qual, o desenvolvimento social e urbano apresenta um novo quadro de prioridades que levam o arquitecto paisagista a confrontar-se com novos desafios na área da gestão pública, tais como os de governar projectos em contextos de grande incerteza, delimitar objectivos perante os meios que estão disponíveis,

integrar novos modelos de avaliação, adaptar a cidade a diferentes necessidades, conceber espaços para novas funções, actuar face à diversidade social, readaptar a missão dos poderes públicos, promover diferentes qualidades urbanas e adaptar a democracia aos novos fenómenos urbanos.

Na fase individual do trabalho foram adoptadas diferentes estratégias e opções metodológicas, enquanto o meu colega Miguel Brito desenvolveu os potenciais, as oportunidades e a programação de uma consequente activação de espaços em aberto presentes no nosso percurso, eu optei por aprofundar o estudo de uma abordagem participativa como meio de activação, intervenção, e reabilitação capaz de estimular a imaginação colectiva e o espírito comunitário. Esta pesquisa foi fortemente motivada pelo meu interesse pessoal no processo participativo, uma vez que este introduz no projecto uma dimensão social e política, põe em causa o papel do arquitecto e do utilizador, implica uma nova forma de pensar, actuar e de se envolver com o meio. Para compreender e desenvolver o conceito de participação surge a necessidade de experimentar vários processos participativos, o que me levou à procura de circunstâncias e condições onde se favorece formas alternativas de ver e intervir no espaço. Essa experiência foi adquirida através dos projectos desenvolvidos com vários grupos de trabalho com diferentes metodologias, com os Raumlabor Berlin, a Chão de Gente e os Yes We Camp (projectos apresentados no capítulo 5.3).

Para compreender o conceito de participação é necessário ancorá-lo ao seu contexto histórico e social. O conceito ideológico da participação tem origem nos finais dos anos sessenta e anos setenta, num período onde ainda é visto de forma linear, evolui com a introdução de outros conceitos como a “Partilha do sensível” de Rancière, a “Estética do relacional” de Bourriaud, a “Participação conflitual” de Miessen, o “Curador urbano” de Shalk e “Arquitectura não solicitada” de Bouman.

O estudo do conceito de participação e a sua evolução ao longo do tempo foi apoiado numa revisão bibliográfica, produzida por filósofos e profissionais responsáveis pelo design do espaço, como os urbanistas, arquitectos e arquitectos paisagistas. Este conceito tem um impacto profundo na maneira como os profissionais do design exploram a cidade, estrutura uma nova abordagem onde se aplica uma crítica social e política e onde o território é redescoberto como espaço possível de um novo quotidiano.

Existem várias metodologias de intervenção participativa, as quais foram analisadas e comparadas. Destacam-se as estratégias bottom-up, ecológicas, culturais/desportivas, económicas e educacionais que representam as várias aplicações de processos participativos consoante os diferentes contextos e intenções. No capítulo 5.2 (Estratégias de participação) são apresentados projectos desenvolvidos em Espaços em Aberto onde se aplicam abordagens participativas, são o testemunho da profunda capacidade transformativa da arquitectura ao longo do tempo, bem como a expansão do papel do arquitecto. Os projectos apresentados foram agrupados em estratégias de intervenção, fundamentado através da revisão bibliográfica e de comunicações pessoais por investigadores (como o Arquitecto Paisagista Klaus Overmeyer do Urban Catalyst Studio, o Arquitecto Benjamin Foerster-Baldenius da Raumlabor Berlin, entre outros) com os quais se debateu este estudo.

Por último são desenvolvidos quatro casos práticos, quatro projectos de intervenção e programas aplicados a quatro Espaços em Aberto. O método e o processo de intervenção difere consoante o tipo de espaço, o seu contexto e os recursos económico-sociais disponíveis para o fazer onde nem sempre a oportunidade ideal é a oportunidade possível ou necessária. Através destes projectos é colocada em prática e experienciada as estratégias conceptuais desenvolvidas neste estudo.

1.2. Objectivos

- Discutir conceitos e terminologia e optar por um conceito e respectiva designação que se adequa à globalidade dos espaços indefinidos, geralmente desaproveitados e que apresentam vários indícios de um desfasamento temporal do tecido urbano no momento actual.
- Apurar critérios que permitissem contextualizar e delimitar uma área de estudo adequada ao reconhecimento suficientemente documentado e diversificado da temática que é alvo deste projecto.
- Descrever e analisar a circunstância em que os Espaços em Aberto da área de estudo se encontram.
- Diferenciar os espaços em aberto por critérios objectivos.
- Contextualizar e analisar o conceito de participação no período da sua génese.
- Descrever e comentar a evolução do conceito de participação ao longo do tempo.
- Distinguir discutir as estratégias participativas contemporâneas.
- Apresentar propostas de intervenção e programas aplicados a Espaços em Aberto.

2.0. Experiência, cinestesia e sistematização da paisagem

2.1. A experiência da paisagem

A experiência da paisagem, realizada através da sua vivência pelo contacto directo com a mesma, é imprescindível para a compreender, tal como aos espaços abertos que nela se inserem. Para além das abordagens convencionais como o levantamento cartográfico e a pesquisa bibliográfica, neste contexto específico, o percurso pedonal é fundamental para a experiência da paisagem e para a compreensão dos Espaços em Aberto na cidade.

A experiência da paisagem, e dos seus Espaços em Aberto, assume-se como uma das formas primordiais de conhecimento e contribui para o raciocínio intrínseco à selecção dos conteúdos a aprofundar no estudo sobre a circunstância e oportunidade dos Espaços em Aberto. A relevância de caminhar nestes espaços, e nos percursos pedonais entre eles, é fundamental para reflectir sobre as potencialidades e possibilidades de intervenção que se podem realizar nos mesmos.

A utilização do caminhar como metodologia de análise surgiu da necessidade de presenciar, e de recolher informação pelo contacto directo numa cidade que na segunda metade do século passado se desenvolveu principalmente para beneficiar a circulação por automóvel. Este desenvolvimento diminuiu o contacto directo dos cidadãos, multissensorial, dos cidadãos com a generalidade dos espaços que não usufruem diariamente. Assim, embora seja a forma primária de deslocação humana, o movimento pedonal tem sido negligenciado no desenvolvimento do espaço urbano, ficando o peão com o remanescente dos espaços deixados livres pela circulação automóvel e pelos parques de estacionamento (SILVA 2009). Quando o contacto com os espaços é indirecto, ou virtual, está a ser condicionada a forma como a realidade é percebida. São privilegiados determinados sentidos em relação a outros, o que impede a comunicação das informações mais detalhadas e completas que provêm da experiência directa, extremamente rica em conteúdos preceptivos capazes de apreender a qualidade específica e singular dos espaços atravessados.

Foi através do caminhar que o homem começou a construir a paisagem ao seu redor (CARERI 2002). O acto de caminhar é um instrumento de conhecimento fenomenológico e de interpretação simbólica do território, é uma forma de ler psicogeograficamente a paisagem (CARERI 2002). O indivíduo parte da observação de uma determinada paisagem e cria na sua mente, primeiro, uma ideia física da mesma, e depois, através das suas referências, uma construção imagética e simbólica. Esta construção é o resultado da recolha e ordenação dos elementos recolhidos pelos sentidos, segundo o padrão de significados e símbolos específicos do observador. Diferentes observadores fazem construções simbólicas distintas da mesma paisagem, através de uma experiência e leitura pessoal, de onde surgem distintos “mapas mentais”. Este “mapa mental” reúne, por um lado, as referências geográficas (físicas e posicionais) e, por outro, as simbólicas (pessoais). As referências geográficas são aquelas que nos permitem relacionar partes aparentemente isoladas como resultado do processar e associar das várias experiências acumuladas. As referências simbólicas são o conjunto e a relação das entidades valoradas, construídas ao longo da

experiência individual ou de natureza arquetípica (referências existenciais integradas no “inconsciente colectivo”).

O sujeito, ao caminhar, expõe-se aos diferentes processos construtores da experiência, desde as sensações mais superficiais do corpo, aos raciocínios mais profundos de identidade do indivíduo (MERLEAU 1999). Esta experiência vivida permite a construção de representações do conhecimento de nós próprios e do meio envolvente, através dos mecanismos de auto-percepção e de percepção dos fenómenos exteriores ao nosso corpo, respectivamente. O sujeito tem consciência do corpo através do mundo e tem consciência do mundo através do corpo, é simultaneamente “coisa pensante” e “objecto pensado”, é o meio pelo qual a percepção é possível. Corpo, nesta acepção, é visto simultaneamente como sujeito e objecto. (MERLEAU 1999).

Neste tipo de exercício (caminhar como forma de experienciar) a acessibilidade dos espaços revela-se como o principal condicionante do acto de caminhar e até de apreciar. Deparámos-nos com barreiras de origem física, quer pela fisiografia, quer por construções humanas, culturais ou sociais. O atrito que se cria quando se percorrem este tipo de espaços explora os mecanismos da nossa percepção e preenche-nos de informação útil e necessária à compreensão dos mesmos. Um outro processo interessante de analisar, pela informação que reflecte, é o mecanismo de orientação e referenciação. Ao longo do percurso identificámos elementos dos quais nos servimos para nos orientar e referenciar no espaço. O mecanismo de orientação depende reciprocamente da paisagem e do indivíduo, ou seja, da existência de determinadas componentes da paisagem e da capacidade que o indivíduo tem de as identificar e experienciar. Por último destacamos as qualidades percebidas que, por sua vez, caracterizam e revelam o potencial embrionário de cada espaço.

Neste trabalho, a experiência da paisagem, obtida através do percurso pedonal, permitiu identificar os espaços, os seus atributos e o contexto que os envolvem, os quais, por sua vez permitiram revelar e caracterizar o que há de positivo ou negativo nos mesmos. Esta caracterização baseou-se em elementos arquitectónicos como as quintas, o aqueduto ou os muros das azinhagas; forças sociais ou determinados fenómenos de apropriação; ocorrências fisiográficas ou formas alternativas de ocupação dos espaços. Estudaram-se nestes espaços, os sinais de identidade ecológica, tecnológica, cultural ou social que permanecem visíveis e as dinâmicas que lhes estão implícitas.

2.2. A cinestesia da paisagem – o movimento induzido pelo movimento do observador e o movimento implícito sugerido pela sua configuração

No seguimento do contexto anterior é acrescentado ao conceito da experiência a relevância do movimento para o método/processo deste estudo. O corpo é o veículo primordial que, através do movimento, nos permite interagir e tomar posse da cidade. É através do corpo e do movimento que o sujeito experiência o mundo, quer pela consciência do seu próprio movimento e pela identificação dos movimentos no espaço. O significado da cidade emerge através destes movimentos e são eles que reconstituem constantemente a

nossa relação com ela e que permitem a verdadeira participação urbana. Essas participações são olhares subtis, colisões, evasões, encontros, desencontros, entre outros. Andar a pé expõe a pessoa aos elementos da paisagem, incluindo o ambiente humano, desde as palavras que nos comunicam aos sinais que percebemos. A representação da paisagem resulta desta leitura dinâmica do espaço e é constituída por partes ligadas por uma sequência temporal (LYNCH 1960).

Caminhar permite uma leitura cinestésica da paisagem que inclui, não só, o que se refere ao entendimento do observador em movimento e ao ritmo que lhe está associado, como também, a percepção dos movimentos quer efectivos de outros “corpos” em movimento quer induzidos pela paisagem em repouso. Esta primeira componente da experiência cinestética da paisagem, obtida através do movimento do observador, está intrinsecamente ligada ao tempo e ao espaço através do qual o corpo se move, influenciando a percepção. Caminhar é o modo multi-sensorial de transporte por excelência (LAVADINHO 2008). Os utilizadores da cidade são seres intensamente móveis que cada vez mais dispõem de menos tempo e cada vez mais viajam mais depressa. Quando um determinado ambiente é substituído por outro de forma rápida e constante, os novos estímulos acabam por desfigurar os anteriores, o que afecta o processo natural de percepção e acumulação das várias experiências (LAVADINHO 2008). Isto é o que acontece quando utilizamos modalidades de transporte cada vez mais rápidas, como o carro, autocarro, metropolitano, comboio, TGV ou avião. A outra forma de movimento capaz de enriquecer a experiência da paisagem e consequentemente a análise do Espaço em Aberto na cidade é o movimento próprio da paisagem em repouso. Também o movimento da água, do vento e de todos os seres vivos, incluindo o homem, são explorados por todos os sentidos do nosso corpo e registados como informação útil para este estudo, quer do ponto de vista dos fenómenos naturais cíclicos, quer aqueles que nos são sugeridos por determinadas organizações espaciais. Caminhar torna-se, então, uma ferramenta que serve simultaneamente como forma de analisar e como instrumento para projectar. Por um lado, permite-nos registar e depois informar os principais atributos e movimentos da paisagem e dos Espaços em Aberto nela contidos e, por outro, constitui uma ferramenta mediadora fundamental para auxiliar a abordagem ao projecto. De modo a intervir no contínuo devir, o caminhar age no campo do “aqui e agora” e nas suas transformações, desafiando as ferramentas convencionais do design contemporâneo (Careri, 2002).

3.0. Circunstância dos espaços em aberto

3.1. Conceitos e terminologia

Analisando a cidade como um sistema em constante transformação, existem em cada momento dois tipos fundamentais de espaços. Uns são espaços relativamente consolidados que encerram em si e, presumivelmente a longo prazo, uma finalidade, uma configuração espacial e uma identidade legível e aceite e uma articulação com a paisagem a varios níveis que geralmente predominam na cidade. Os outros espaços são aqueles cujo fim é ainda incerto e/ou onde não é clara uma estrutura ou identidade própria, bem como apresentam indícios de segregação, num determinado momento da Paisagem. Neste estudo,

pretende-se abordar este último tipo específico de espaços, geralmente não edificadas, caracterizados pela indefinição que apresentam relativamente à sua forma e/ou função e/ou identidade e sobretudo um evidente desfasamento temporal em relação ao contexto onde se inserem.

São espaços geralmente não consolidados que, por oposição aos da “boa forma da cidade” (LYNCH 1960) como as ruas, praças ou parques, não são (ainda) reconhecidos colectivamente. São espaços estranhos relativamente aos que estão presentes na nossa memória e, por isso, difíceis de designar com uma identidade própria e consensual. A diversidade de situações a incluir num só termo que defina estes (outros) espaços é um exercício quase impossível. Por isso, os diferentes autores que se referem a estes espaços têm utilizado diferentes termos: (i) *lost space* (espaço perdido)(TRANCIT 1986), (ii) *spazio senza nome* (espaço sem nome) (BOERI 1982), (iii) *residual space* (espaço residual) (SECCHI 1993, 2003), (iv) *dump-spaces* (espaço de lixo) (PIZZETTI 1993), (v) *brownfields* (WALDHEIM 2006), (vi) espaço intersticial (MATOS 2010), (vii) *void spaces* (espaços vazios) (KOOLHAAS 1995), (viii) *terrain vague* (terrenos vagos) (MORALES 1995), (ix) espaço em espera (AIFAITE comunicação pessoal) ou (x) Espaço em Aberto (MORGADO comunicação pessoal). O conjunto de espaços que se pretendem englobar num termo abrangente é extenso e complexo, onde cada espaço se destaca por determinadas particularidades mas partilha em comum com os outros o facto de estarem em transformação, enquanto esperam uma definição, uma função e uma forma.

Estes espaços, referidos no parágrafo anterior, incluem quanto à forma e dimensão, desde os mais pequenos e tencionados, aos mais vastos onde o horizonte se perde, com ou sem uma estrutura reconhecível, com fortes indícios de uma memória passada e onde a identidade é presente e evidente ou com total ausência da mesma, nunca utilizados ou totalmente apropriados, localizados no centro ou na periferia, em posição estratégica e acessível ou escondidos, em locais planos, por exemplo num vale, ou inclinados, como os taludes, e encontram-se numa situação mais ou menos desfasada do espaço (paisagem) circundante e do tempo (momento) em que têm existência e vida própria. Em comum, partilham a sua incerteza e a sua situação temporal, registando-se, algures na sua evolução, a entrada em desfasamento temporal com a realidade do contexto em que se inserem.

Este tipo de espaços tem vindo a ser objecto de estudo no âmbito do design e do planeamento urbano contemporâneo e denominados, como se referiu anteriormente, por diferentes autores, sob as mais variadas designações. Importa, agora, perceber as razões que levaram à não adopção (preferência) de uma das denominações até agora utilizadas, porventura, com maior frequência e à adopção de outra – Espaços em Aberto – ainda que menos citada na bibliografia, mas considerada mais pertinente pelo conjunto de espaços que agrupa, pela incorporação da dimensão temporal destes espaços, em transformação, por não restringir as possibilidades do seu futuro e por não ser um termo ambíguo.

Clement (2007) refere estes espaços como indecisos, desprovidos de função, aos quais é difícil dar um nome e que possuem em comum o facto de constituírem um território de refúgio para a diversidade. Mateus (2007) não conclui sobre um termo definitivo referindo que são os espaços que têm vindo a ser designados por vazios urbanos, *brownfields*, *terrain vague* ou espaços banais. Por vezes os diferentes

autores utilizam metáforas para os identificar, como espaços imundos (KOOLHAAS 2000) ou amnésias urbanas (CARERI 2002). Este último autor refere-se a estes espaços como não estando à espera de serem preenchidos com objectos, mas que no entanto estão receptivos a serem preenchidos com sentido. Solà-Morales (1995) acrescenta-lhes o adjectivo de estranhos, que ficam fora das estruturas produtivas. E considera-os *des-habitados* e *in-seguros*. Mas refere, também, que actualmente aparecem como contrários à imagem que tinham, tanto no sentido em que eram criticados como no sentido de que podem ter uma alternativa. Careri (2002) considera que estes espaços se constituem como as costas da cidade e que possibilitam uma vida paralela à que acontece na cidade organizada. Refere-os como espaços abertos distintos dos espaços abertos entendidos tradicionais, nomeadamente as praças os jardins os parques, entre outros, que permitem uma enorme liberdade de acção e apropriação.

Carapinha (2007), cita Italo Calvino e Ovídio para tentar definir o sentido de vazio como essência da realidade e refere-se a este tipo de espaços como espaços abertos (e não Espaços em Aberto), tão concretos como os espaços cheios, e fundamenta-se no facto de serem o garante para a liberdade dos ciclos da água, do ar, do solo e dos seres vivos na cidade. Matos (2010) optou pelo termo de espaços intersticiais apesar de referir que o mais comum será, aparentemente, vazios urbanos. Esta autora baseia-se em autores como Zardini (citado por BRU 2001) que advogou a inadequação do conceito de vazio porque, entre outras razões, anula as características e especificidades dos espaços. Desta forma, Matos (2010) prefere espaços intersticiais, como intervalos que podem propiciar uma continuidade no interior da cidade consolidada. Esta autora considera que estes espaços de articulação urbana podem ser fundamentais no futuro das nossas cidades. Careri (2002) também considera que estes constituem um sistema complexo de espaços que podem ser percorridos sem necessidade de limites ou fronteiras.

Augé (1998) destaca o lugar antropológico como possuidor de três características comuns (serem identitários, relacionais e históricos) para definir um “não lugar” como o que não possui aquelas três características. No entanto, referia-se também a espaços que não são objecto deste estudo, com as áreas comerciais, aeroportos ou periferia de grandes cidades. Penelas (2007) considera que estes espaços “não lugares” podem adquirir outra leitura, mais complexa, e evoluir até ao conceito de “super lugares”, incluindo aqueles que têm sido chamados de espaços residuais, intersticiais, vazios sem significado ou vazios sem função. A terminologia e o estudo referente a estes espaços foram aprofundados por Ignasi de Solà-Morales e Rem Koolhaas. O arquitecto e filósofo Ignasi de Solà-Morales (1995), utiliza o termo francês “**terrain vague**” e começa por defini-lo como “espaços expectantes, mais ou menos abandonados, mais ou menos delimitados no coração da cidade tradicional, ou mais ou menos indefinidos nas periferias difusas”. Como manchas de “não-cidade”, espaços ausentes, ignorados ou caídos em desuso, alheios ou sobreviventes a quaisquer sistemas estruturantes do território. No trabalho de Solà-Morales (1995) são expressas várias noções importantes, relativas a aspectos físicos, funcionais e identitários dos espaços designados por “terrain vague”. A definição “terrain vague” utilizada por este autor é bastante clara quanto às duas vertentes físicas, descritas de seguida. São diferenciados dois tipos de espaços pela sua origem; uns como consequência de uma urbanização descontínua e heterogénea sobre o território, deixando nos seus

interstícios retalhos de uma ruralidade persistente; e os outros são os resquícios de uma cidade industrial passada e esquecida nas ruínas de grandes unidades produtivas desactivadas. Surgem aqui algumas dúvidas quanto ao conjunto de espaços que Solà-Morales (1995) abarca nesta definição. São referidos os espaços rurais ainda não ocupados e as marcas da industrialização passada mas não é claro se são incluídos, por exemplo, os interstícios deixados entre vias, que podem também ser estranhos e improdutivo, tal como os “terrain vague”.

Uma outra noção, muito presente nos textos de Solà-Morales (1995), é a de ausência. Em primeiro lugar surge-nos a ambiguidade e multiplicidade de significados que a palavra “vague” evoca. Por um lado vago no sentido de ausência, vazio, livre de actividade, improdutivo, em muitos casos, obsoleto e, por outro, vago no sentido de impreciso, indefinido, sem limites determinados. A dúvida aqui é, se estamos perante uma ausência de função ou a ausência de uma estrutura reconhecível.

Na sequência do referido anteriormente, surge-nos um outro aspecto, logo à partida, confrangedor. A visão fria e distante, de fora para dentro do “terrain vague”. Aparentemente foi posta de lado qualquer possibilidade de haver uma identidade que vá para além desta mancha, quase nódoa, de “não cidade”. Mas será assim mesmo, nesta definição que Solà-Morales (1995) pretende encontrar o verdadeiro valor intrínseco dos “vazios urbanos”? Para questionar o valor dessa “ausência” voltámonos para o interior destes espaços, ponderando sobre se existe em si algum potencial de valor de memória individual e colectiva, de e para a cidade. Memória, aqui, significa aquilo que une a realidade presente a um passado remoto, rural, através de um tempo impreciso e nebuloso, suscitada por uma qualidade de duas faces, onde a primeira corresponde à memória colectiva e a segunda à memória individual. Para Solà-Morales (1995) esta memória revela-se, não como ícone colectivo (identificado, catalogado e divulgado), mas antes, como ele próprio o diz, numa série de “indícios territoriais” que, ao serem descontextualizados em clusters, representam a ausência desse mesmo colectivo. Em contrapartida, a estranheza que provoca essa ausência colectiva no meio urbano percorre individualmente a memória do sujeito. Esta memória individual é de extrema importância para o sedentário que entra, percorre, vagueia, no “terrain vague”, tornando-o, assim, responsável pelas emoções de reconhecimento e/ou estranheza, só possíveis pela distância física e sobretudo temporal. Estamos perante um choque de falta de sincronia, provocado pela tal memória de um espaço passado no presente, mas cuja representação é a ausência colectiva, um passado com futuro em aberto, não orientado, fonte de possibilidades, de tudo o que podia ter sido mas não foi. Esta condição rasga, entre os dois tempos, a ordem urbana, permitindo que o usufrutuário, momentaneamente ausente de ordem, e presente na ausência, contemple a cidade de fora para dentro.

Ignasi de Solà-Morales (1995) insiste no valor do estado de ruína e, quanto à tendência generalizada para ‘reincorporar’ esses espaços na lógica produtiva da cidade, transformando-os em espaços reconstruídos, ele reivindica a permanência do estado de improdutividade, de diferenciação e de fuga. Este autor defende que só desta forma é que estes espaços urbanos se manifestam como espaços de liberdade, como uma alternativa à realidade lucrativa vigente na cidade do capitalismo tardio. Eles representam, assim, uma realidade anónima, que cumpre um importante papel na vida urbana. Perante esta visão, alertamos para o

facto de muitos destes espaços gerarem o distanciamento de determinadas comunidades e, ao permanecerem como espaços de fuga, acabam por não resolver os verdadeiros problemas em que estão inseridos. Embora não seja adoptada a expressão “*terrain vague*” pelas razões acima referidas, isto não significa que ela não contenha ideias produtivas e válidas que pudessem tornar este termo numa opção aceitável no âmbito deste trabalho. Koolhaas (1995), entre outros arquitectos, utiliza o termo “**vazio urbano**”. A grande questão aqui é a forma como estes autores empregam a palavra *vazio*, não para caracterizar determinados espaços, mas como objecto conceptual, espacial e plástico da arquitectura e do urbanismo. Este autor fundamenta a noção de *vazio* numa acepção de carácter operativo, como condição prévia do cheio (construído) e trabalham com a dialéctica cheio-vazio para projectar e programar a cidade às diferentes escalas. Em termos urbanísticos, Koolhaas (1995) propõe o *vazio* como conceito operativo da intervenção. Face à realidade caótica e problemática que a cidade contemporânea atravessa, surge um fascínio crescente pelos espaços vazios da metrópole e, simultaneamente, pelas suas possibilidades programáticas. Os profissionais da arquitectura tiram partido deste novo conceito como algo que deve ser estimulado, ou seja, produzir *vazio* em vez de cheio. Esta abordagem surge no contexto de resposta ao rápido crescimento da tecnologia, principalmente a dos transportes, onde actuar na cidade se torna um processo cada vez mais imprevisível. *Vazio* surge, assim, como uma ferramenta de ajuste, como o ultimo recurso para fazer cidade e responder às novas necessidades que mudam constantemente.

Realçamos, em primeiro, um dos conceitos mais produtivos desta expressão: o sentido de oportunidade, tão vivido por Koolhaas (1995) no fascínio pela não definição e consequente abertura perante novas formas e funções, tal como a intenção programática de produzir e alargar a fonte das possibilidades em vez de construir e encerrar usos. No entanto, questionamos o significado de “*vazio*” nesta expressão, pois os espaços em estudo não são propriamente vazios, possuem, frequentemente, uma multiplicidade de códigos, não necessariamente identificados por todos, mas que os encham de um conteúdo. *Vazio* é utilizado para referir a ausência de função ficando de fora a possibilidade de existir uma identidade. O termo *vazio urbano* revela-se, então, como não sendo o mais indicado para referir estes espaços por falhar na definição, quer pela ambiguidade da palavra “*vazio*”, quer por não incorporar a dimensão temporal inerente à condição própria destes espaços.

Cada designação para este tipo de espaços surge num contexto histórico específico, como resposta a determinados conflitos vividos na cidade nos diferentes períodos, o que os torna actualmente inadequados, em muitas circunstâncias. Estes espaços são abordados pelos vários autores segundo diferentes ópticas, e os termos e respectivos significados desenvolvidos variam e sujeitam-se a interpretações também variadas. Pretende-se um termo menos ambíguo, sem uma conotação implícita, mais abrangente, capaz de englobar a dimensão temporal e sem um fim implícito. “*espaços em espera*” e “*espaços em aberto*” preenchem estes mesmos requisitos, e surgem, neste âmbito, como os mais completos, pois abarcam o conceito de morfose e transformação do território urbano. *Terrain vague* e “*vazio urbano*” falham, aqui, por serem termos ambíguos e por não incorporarem a circunstância temporal própria destes espaços. “*Espaços intersticiais*”, apesar de não ser um termo ambíguo, não é abrangente, dado que muitos *Espaços em Aberto* não são de

facto intersticiais, nem aponta para a inclusão da visão temporal de transformação. Os espaços intersticiais constituem apenas um conjunto da totalidade dos espaços estudados neste trabalho. Os conceitos de “espaços em espera” e “espaço em aberto” expressam de forma clara a condição circunstancial em que estes espaços se encontram, aspecto muito diferente das terminologias acima discutidas. Têm implícito este mesmo conteúdo temporal e não restringem as possibilidades de futuro nem o conjunto de espaços por este abarcados (quer em escala, posição relativa na cidade e/ou papel na estrutura urbana). De facto estes dois termos parecem abranger todos os espaços que se encontram nesta situação intermédia e não os limitam quanto à forma, estrutura, localização ou topografia. Simultaneamente não encerram uma finalidade específica, nem mesmo a hipótese de permanecer no seu estado aberto. Optou-se pela expressão Espaços em Aberto pela preferência da palavra “Aberto” pelo seu carácter vasto, ou mesmo ilimitado, em vez de “espera” que se associa muitas vezes a demora ou a expectativa e também porque o estudo detalhado das suas qualidades e posição relativa na paisagem aponta para uma diversidade da sua condição/posição física.

3.2. Delimitação e contextualização da área de estudo

3.2.1. Contextualização do percurso

O critério que esteve na base da selecção do trilho a seguir no percurso deste estudo bem como das áreas que directamente se relacionam com ele foi a diversidade de situações, o seu padrão distributivo relativo à cidade e a frequência das ocorrências.

Tomou-se consciência que, de uma forma geral, as áreas associadas a grandes eixos viários possuem em comum o facto de criarem rupturas físicas e sociais no tecido da cidade. Estas zonas da cidade têm tendência para apresentar uma malha menos consolidada e mais “Espaços em Aberto”.

Por outro lado, tendo a cidade uma estrutura radiocêntrica e havendo tendência para uma diferença do nível de consolidação a Ponte e Nascente, seria adequado seleccionar uma ou mais vias que percorresse circularmente a cidade. Vias essas que atravessassem as diversas situações: as franjas orientais onde se encontram registos significativos de uma ocupação rural; a direcção Sul/Norte onde se encontram os espaços mais consolidados da cidade; e a franja poente muito marcada por infraestruturas.

3.2.1.1. As vias como continuidades geradoras de discontinuidades

A cidade como organismo funciona num sistema de linhas de estruturação e condução. Estas linhas possuem diferentes perfis, graus de conexão, modalidades e velocidades. Na cidade encontramos, por um lado, avenidas e ruas de distribuição local, como exemplo de elementos estruturantes da malha onde se inserem, e por outro, vias-rápidas de alta velocidade, de uso exclusivamente automóvel, e vias-férreas que restringem a circulação pedonal e causam impactes negativos a determinadas componentes do sistema urbano. Esta diferença está frequentemente associada à forma como foram pensados: como eixos organizadores do tecido (estruturantes) ou por cortarem o tecido para articular outras vias e áreas da cidade.

Actualmente encontramos na cidade vias que foram desenhadas única e exclusivamente para proporcionar a eficiente circulação de automóveis na cidade, consideradas, por isso, como um planeamento irresponsável do ponto de vista dos peões. São vias cujo quadro de referência por detrás do seu design é apenas utilitário e infra-estrutural, em vez de urbano e integrado. Estamos perante a concepção de uma circulação estritamente eficiente como um sistema independente dentro da cidade, que, por surgir de um projecto pouco abrangente, não articula os espaços públicos e privados necessários a uma vida urbana quotidiana integrada e qualificada. Estas vias são pensadas a nível municipal e regional e raramente surgem do planeamento total que articule igualmente as necessidades do local e do cidadão. O resultado é um desenho estritamente funcional, que passa, exclusivamente, pelas mãos de engenheiros de estradas, sem interacção com os planeadores, profissionais de design e com o público geral. É uma rede de vias urbanas cada vez mais difundida e, ao mesmo tempo, “meticulosamente” definida, cuja força física continua a expandir-se em resposta ao crescente uso do automóvel, ignorando outros pressupostos de qualidade. Por outro lado, divide e marginaliza bairros e causa graves danos à qualidade de vida dos habitantes (TATOM 2006).

3.2.1.2. Crescimento e consolidação da cidade de Lisboa

A forma como a cidade de Lisboa cresceu e se consolidou determinaram também a escolha do percurso seleccionado para este estudo, bem como, a delimitação da área a estudar e a diferenciação da mesma em diferentes secções.

A cidade de Lisboa cresceu e desenvolveu-se centrada no rio Tejo. A sua posição geográfica e a sua condição topográfica/morfológica assegurou, desde sempre, a sua defesa, vindo, mais tarde, a exercer a função de capital do império além-mar. Lisboa cresceu sempre pelas oportunidades físicogeográficas do seu território. Estruturou-se a partir de um sistema de forma digital, que escolheu estrategicamente as linhas de fosto e talvegue.

O núcleo inicial era muito denso e permaneceu concentrado na parte sul da cidade, no sistema de colinas viradas ao Tejo. Depois do terramoto de 1755, e até ao século XIX, a cidade foi alvo de reformas de carácter iluminista promovidas pelo Marquês de Pombal. O centro chamado, então, de Zona da Baixa, foi reconstruído com um novo desenho, a que se veio a denominar de Baixa Pombalina. O traçado medieval foi substituído por ruas largas e rectilíneas que passaram a abrigar, na sua maioria, estabelecimentos comerciais no nível térreo das novas residências. Esta reforma abrangeu apenas a área central da cidade e foi concluída em 1806.

Só no final do século XIX, início do século XX é que Ressano Garcia, com o Plano Geral de Melhoramento, desenhou as principais linhas estruturantes do crescimento norte da cidade, e os primeiros focos industriais que se estabeleceram na margem do rio Tejo e nas suas periferias mais próximas. A sua intervenção no crescimento da cidade para norte demonstra uma clara influência das operações de Haussmann em Paris. Ressano Garcia propôs novas tipologias de espaço público urbano, estruturado por um sistema de avenidas radiais ligadas ao centro de Lisboa. Esta intervenção delineou a principal área de crescimento de Lisboa e deu origem a uma malha urbana central bastante consolidada, atravessada por linhas infra-estruturais circulares como a linha férrea de meados do século XIX e a segunda circular dos anos 60. Estas linhas infra-estruturais ligam a parte oriental à ocidental da cidade, mas verifica-se que fragmentam a consolidação das áreas que vão atravessando. Toda a frente ribeirinha de Lisboa foi transformada, desde o final do século XIX, pelo desenvolvimento de vários núcleos industriais, actualmente em situação de abandono ou reutilização. A desocupação e nova ocupação da margem do rio Tejo sucede-se ao longo da história e subsiste até hoje, originando uma rotatividade na ocupação das estruturas, com vista ao abrigo de novas funções.

Ocorrências fisiográficas como o Vale de Chelas, o Vale de Alcântara e Monsanto, dissuadiram durante bastante tempo o crescimento urbano nestas zonas, mantendo-se nestes espaços um carácter rural, permanecendo ainda hoje visíveis elementos como as quintas, azinhagas e o parcelamento agrícola. O grande crescimento da cidade ocorreu com o desenvolvimento de núcleos industriais adjacentes, no final do século XIX/ início do século XX, que conduziram à fixação de população operária em núcleos de habitação de grande precariedade. A construção deste tipo de habitação veio colmatar a grande

necessidade de habitação que existia em Lisboa, em consequência do êxodo rural e do fim das colónias portuguesas em África. Entre os anos 1960-1990, foram áreas ocupadas por bairros de lata sendo, actualmente, a configuração espacial destas áreas caracterizada por um mosaico rural em constante transformação, entre a expansão da cidade sedimentada e a capacidade de carga dos seus solos.

Por outro lado a expansão da cidade no sentido Norte, sobretudo ao longo dos eixos principais (Fontes Perereira de Melo, Av. da República e Av. Almirante Reis), fez-se de uma forma mais contínua e associada a áreas de ocupação funcional de natureza distinta (Fig. 3.1.).

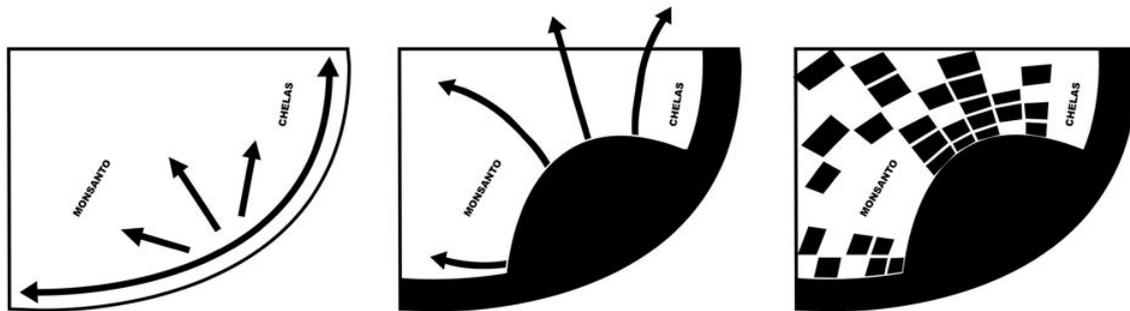


Figura 3.1. Fases de crescimento e consolidação de Lisboa.

3.2.2. Delimitação da área de estudo - o trilho, o limite e o seccionamento

Delimitação do trilho do percurso (i), da área de estudo (ii) e seccionamento (iii).

No seguimento das realidades referidas no contexto da cidade de Lisboa, podemos identificar: (i) as vias que se integram no circuito seleccionado; (ii) o limite (específico) das áreas que acompanham este circuito; e (iii) a sua diferenciação (das áreas) de acordo com as suas características particulares.

i) Trilho (Percurso)

ii) Limite

iii) Secções

O trilho (i) incluiu as seguintes vias (Fig. 3.2):

- Vale de Chelas: Av. Do Santo Contestável, Estada de Chelas e Rua Gualdim Pais
- Segunda Circular: Avenida General Norton de Matos, Avenida Marechal Craveiro Lopes e Avenida Cidade do Porto
- Vale de Alcântara: Av. de Ceuta
- Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa



Figura 3.2. Trilho do percurso pedonal em Lisboa.

Ao longo do trilho seleccionado delineou-se um limite (ii) que abrange as áreas adjacentes ao mesmo onde se integram os já referidos Espaços em Aberto (Fig. 3.3). O critério base da delimitação foi a selecção de áreas onde a frequência de Espaços em Aberto se apresenta maior em relação a outras áreas imediatamente contíguas e onde a sua presença começa a perder continuidade ou relevância. Dependendo da situação atravessada, o limite da área total de estudo pode seguir: por ocorrências naturais como pela linha de fecho mais próxima; pelo limite que define uma transição com outra área evidentemente mais consolidada; ou por linhas estruturantes do tecido urbano.

A área total de estudo, adjacente ao percurso, foi diferenciada em 5 secções (iii) consoante: a sua qualidade mais marcante; posição relativa às frentes de crescimento da cidade; e nível de consolidação da mesma (Fig. 3.3). Verifica-se, por exemplo, que algumas ocorrências topográficas de maior magnitude, como Monsanto ou a presença do rio, não só condicionam o crescimento da cidade como geram conjuntos alargados de Espaços em Aberto.



Figura 3.3. Limite da área de estudo e seccionamento.

Apresentam-se em seguida as secções e as suas razões de diferenciação.

Vales de Chelas. O vale de Chelas, pela sua condição topográfica, sempre impediu o fácil desenvolvimento da cidade para oriente. Desviada, então, do crescimento para norte, toda a zona de Chelas permanece, quase até hoje, desconectado da restante vida quotidiana da cidade. Só recentemente foram construídos os eixos urbanos que rompem com este isolamento. Por outro lado Chelas está inserida numa zona particularmente sensível a nível ecológico que, apesar de desfavorável ao estabelecimento de comunidades urbanas, encerra um grande potencial. Chelas é composta por um sistema de vales, em situação de sistemas húmidos, sujeitos a inundações periódicas. É uma zona de terrenos férteis, desapropriada para a edificação, mas apta a uma série de outros usos tão essenciais para o bom funcionamento ecológico, social e económico da cidade. Veja-se o caso do crescente fenómeno de aproveitamento dos Espaços em Aberto para fins agrícolas, nesta área.

1º e 2º anel de crescimento. Num mesmo grupo, foram incluídas as duas linhas de remate da expansão da cidade para norte. São elas a Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa (LFCIL) e a Segunda Circular no troço correspondente à sua secção central (Norte), que marcam respectivamente o 1º e 2º anel de crescimento da cidade. Como infra-estruturas também potenciaram a ruptura da malha urbana e o surgimento de Espaços em Aberto, ainda que localizadas na parte mais consolidada e activa da cidade, onde habitualmente se posicionam serviços e terciários, geralmente sujeitos a uma renovação/evolução bastante rápida.

Áreas Industriais. Estas são as secções de estudo de menor dimensão (área). São zonas de uso maioritariamente industrial, destacadas das restantes por constituírem uma situação particular. Aqui os

Espaços em Aberto surgem, não tanto pela falta de consolidação, mas por acções sucessivas de desafecção sem reposição dos mesmos ou outros usos.

Monsanto - Vale de Alcântara. Monsanto, como ocorrência topográfica, possui influência directa na direcção e forma de expansão da cidade. Monsanto funciona, assim, como elemento tampão e cria na sua franja espaços de remate, ocupados de diversas formas. O vale de Alcântara diferencia-se das restantes áreas do perímetro de Monsanto pelo confronto directo com a área central da cidade e por constituir um vale profundo e abrupto. É uma zona de vale, sujeita a inundações, com encostas de elevado declive, onde a construção de edificado é limitada. Desapropriado para o uso quotidiano, toda a situação do vale foi especializada como espaço canal, onde predominam infra-estruturas de circulação de alta velocidade. Os resíduos desta configuração espacial são um sem número de Espaços em Aberto, que decorrem da própria implantação das infra-estruturas ou da não ocupação dos espaços intersticiais que vivem à sombra da proximidade da cidade central consolidada.

3.3. Descrição e análise dos Espaços em Aberto

Com o objectivo inicial de melhor compreender a existência dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa e dando agora desenvolvimento ao terceiro aspecto da nossa investigação, já anteriormente referido, avançamos o nosso estudo considerando a nossa abordagem a três níveis. Por um lado, no primeiro ponto (3.3.1.), é representada e descrita a experiência do percurso em cada secção e são registadas o tipo e distribuição das apropriações mais recentes nos Espaços em Aberto estudados, como reflexo da relação que possuem actualmente com a cidade. Por outro lado, nos dois últimos pontos procuramos sistematizar os vários factores (variáveis) que mais directamente parecem interferir no processo de formação e/ou transformação dos Espaços em Aberto. Os factores de carácter histórico (evolutivo) estão no segundo ponto (3.3.2) e os que decorrem do levantamento cartográfico no terceiro (3.3.3).

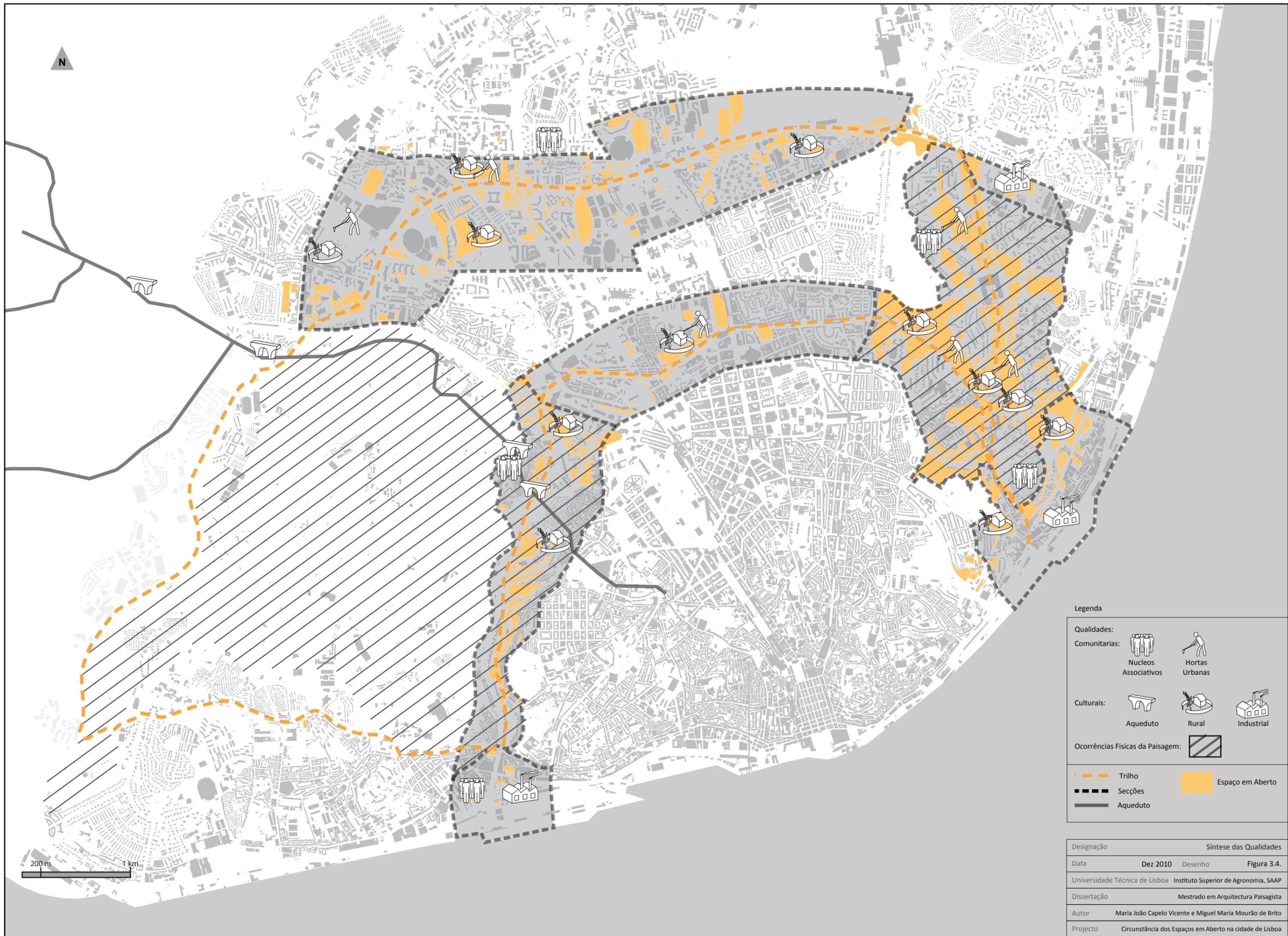
3.3.1. Experiência do percurso e reconhecimento da paisagem

O percurso foi efectuado, pela primeira vez, em Setembro de 2010, teve a duração de vários dias e foram percorridos cerca de 35 km pelas secções acima indicadas. Como já foi referido, o percurso teve como objectivo o contacto directo com zonas da cidade onde predominam áreas improdutivas/desactivadas, de difícil acesso, e por onde não é prevista a circulação pedonal. Foi também importante o contacto com determinadas situações, umas mais caricatas e outras mais hostis, que de outra forma nunca seriam reconhecíveis e possíveis. Como seria de esperar, não foi sempre possível caminhar nas vias incluídas no trilho, tendo-se seguido por linhas alternativas, as quais se limitaram, muitas vezes, a simples carreiros que atravessam os espaços. Este percurso proporcionou, através das suas dificuldades, um tipo de contacto em que os sentidos foram estimulados de forma mais intensa, resultando numa experiência insubstituível na sua qualidade. O percurso permitiu perceber como os Espaços em Aberto se relacionam com a cidade e com os seus pontos de atracção, o tipo de apropriação actual e o potencial mais evidente que revelam como futuros espaços vividos.

Para melhor transmitir esta experiência, caracterizou-se em seguida cada subsecção de acordo com as dificuldades que atravessámos, e com as qualidades com que contactamos e, ainda, a forma actual de vivência (apropriação) dos espaços.

a) Representação da experiência

De forma a sintetizar e traduzir as múltiplas experiências vividas no percurso, optámos por uma carta com uma representação múltipla que engloba as qualidades particulares encontradas (Fig. 3.4) e figuras representativas e abstractas de cada secção (Fig. 3.5 a 3.9). A carta (Fig. 3.4) revela a localização das qualidades comunitárias (núcleos associativos e hortas urbanas), culturais (de carácter rural, industrial e o Aqueduto da Águas Livres) e as ocorrências físicas da paisagem (Monsanto, Vale de Alcântara e Vale de Chelas) percorrida. (mapa A3 Síntese das Qualidades, Figura 3.4.)



Legenda

Qualidades:

Comunitarias: Núcleos Associativos Hortas Urbanas

Culturais: Aqueduto Rural Industrial

Ocorrências Físicas da Paisagem:

Trilho Espaço em Aberto

Secções

Aqueduto

Designação	Síntese das Qualidades		
Data	Dez 2010	Desenho	Figura 3.4.
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autor	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		

O conteúdo das representações (Fig. 3.5 a 3.9) pretende mostrar, por um lado, os fenómenos experienciados ligados à captação pelos sentidos aquando do acto de caminhar e, por outro, as referências que permitiram um sentido de orientação, familiaridade e identificação dos locais.

Vale de Chelas



Figura 3.5. Representação da experiência do percurso no Vale de Chelas.

No Vale de Chelas (Fig. 3.5) os sentimentos de amplitude e liberdade foram realçados pelos vales menos encaixados e pela abertura visual sempre presente. A estrutura da paisagem surgiu marcada por elementos soltos na forma de ilhas habitacionais e por hortas espalhadas em talvegues desertificados, onde as linhas de circulação são praticamente as únicas referências de direcção. Trata-se de uma paisagem de grandes contrastes, onde permanece um carácter bastante rural, de ritmos mais calmos, em oposição ao ritmo do comboio e do metro, mais acelerados. A ocupação de alguns Espaços em Aberto, por hortas urbanas, condiciona a travessia do vale. Cada hortelão, limpa, cultiva e constrói a barreira do seu espaço, desenvolvendo um sentimento de posse e identificação com o mesmo. Um outro contraste provem da mistura entre vestígios de quintas e azinhagas, que remetem a memórias do passado, com aglomerados de prédios e infra-estruturas tipicamente modernistas.

Área Industrial Poente



Figura 3.6. Representação da experiência do percurso na Área Industrial Poente.

A área industrial de Lisboa (Fig. 3.6) encontra-se predominantemente na frente ribeirinha, limitada pela linha férrea que a separa de todo o centro da cidade. Só é possível entrar em determinados pontos de acesso como as estações, passagens de nível e entradas de serviços. A orientação nesta subsecção é possibilitada ou pelos elementos existentes na proximidade ou pela relação que estabelece com a outra margem do rio. No percurso não destacámos nenhum elemento em particular como mais interessante, mas antes, toda a área e respectivo conteúdo, como uma componente riquíssima e cheia de potencial da cidade, vista aqui como um todo. O potencial de transformação destas áreas industriais é visível até pelas mais recentes reabilitações, como é o caso da LX Factory e do Braço de Prata. Apesar deste recente interesse pelas áreas industriais abandonadas, estas são ainda consideradas como áreas de desfasamento na cidade. São áreas em constante desafectação e reutilização com interesse ecológico, estético e cultural, e onde o tempo é sentido de forma única. A qualidade, aqui, abrange todos os espaços, edifícios ou infra-estruturas, que remetem a usos e acontecimentos do passado e que pela localização junto ao rio e disponibilidade se tornam os locais privilegiados para os novos usos, onde um sem fim de actividades podem aí acontecer.

Anéis de Crescimento

Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa (LFCIL)



Figura 3.7. Representação da experiência do percurso na Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa.

A LFCIL entre o Vale de Chelas e o Vale de Alcântara revela-se como um troço encerrado e impermeável o que provoca uma forte tensão interna (Fig. 3.7). Entalada no tecido urbano, a LFCIL quase nunca contacta com a imediação, sendo apenas possível atravessá-la em pontos específicos de abertura. É uma linha descaracterizada, impessoal e virada de costas para a cidade. É constantemente acompanhada por edifícios, entre os quais, alguns constituem-se como uma referência que nos informa da nossa localização.

Nesta paisagem, uma vez que se trata de uma parte consolidada da cidade, onde escasseia o espaço aberto e acessível a todos, consideramos os Espaços em Aberto existentes as verdadeiras qualidades desta subsecção.

2ª Circular



Figura 3.8. Representação da experiência do percurso na Segunda Circular.

A 2ª Circular (Fig. 3.8), ao contrário do que era previsto, foi mais fácil de percorrer, devido por um lado à menor quantidade de obstáculos e por outro, ao relevo mais plano. Foi, no entanto, um dos troços onde a intensidade de tráfego é mais sentida, e por isso, com mais ruído e o ar mais poluído. Aqui, a diferença de escala foi transmitida, não tanto pela infra-estrutura viária em si, mas antes pelos vários elementos que se implantam neste território. O aeroporto, os estádios do Benfica e Sporting, as torres aí existentes, o centro comercial Colombo, entre outros, são os principais elementos que contribuem para essa mesma diferença de escalas. Nesta paisagem, fundem-se, de forma muito contrastante, elementos actuais com outros mais antigos, como o caso das torres com as quintas, nomeadamente a Quinta da Granja.



Figura 3.9. Representação da experiência do percurso no Vale de Alcântara.

O percurso pelo Vale de Alcântara (Fig. 3.9) foi um dos mais inóspitos e perigosos onde, como peões, fomos sufocados pela quantidade e dimensão das infra-estruturas que aí predominam. Trata-se de um vale mais encaixado, com vias de alta velocidade, em que o ritmo acelerado dos carros impossibilita qualquer cruzamento. Funciona como espaço canal, preenchido por infra-estruturas e onde são as linhas de circulação e a estação de tratamento de águas residuais que servem como únicas referências de direcção e orientação. Encontramos, no entanto, qualidades, como a relação com Monsanto ou o Aqueduto das Águas Livres, mas que, pelo predomínio da circulação automóvel e ferroviária, é impedido aos pedestres de os usufruir.

b) Apropriação dos Espaços em Aberto

De forma a melhor compreender os Espaços em Aberto não é suficiente investigar apenas a sua origem, importa também perceber a relação destas com o homem. Estamos perante um tipo de espaços que proporcionam brechas susceptíveis de serem aproveitadas espontaneamente por utilizadores temporários ou ocasionais. A compreensão deste fenómeno ajuda não só a perceber aquilo que são e representam na actualidade como, também, a entender como podem ser reabilitados e como podem ser devolvidos às dinâmicas da cidade. Na paisagem urbana contemporânea onde existem situações desarticuladas e caóticas, em que muitas vezes o espaço público é escasso ou mesmo pouco versátil, os Espaços em Aberto, como espaços indefinidos e simultaneamente disponíveis, tornam-se uma oportunidade para diversas actividades colectivas desejadas. Veja-se como exemplo as hortas urbanas, onde determinados utilizadores,

maioritariamente idosos e emigrantes, face à indisponibilidade de espaços adequados ao uso específico pretendido, procuram este tipo de ocorrências em seu proveito. Outro exemplo, muito observado durante o percurso, foi o da utilização por parte de crianças ou jovens que aí procuram o sentido de liberdade, onde brincam e jogam, aproveitando as formas e os recursos que encontram disponíveis no terreno.

A apropriação deste tipo de espaços depende de vários factores, de entre os quais destacamos o título da propriedade, o conflito, ou não, de interesse público ou privado pelo terreno, e a acessibilidade ao mesmo. Aquando da apropriação é necessário reflectir acerca do seu uso e respectivo sentimento de pertença. O título de propriedade é um factor importante, mas não limitante, como é, por exemplo, o caso de algumas hortas em Benfica, onde o proprietário cede os terrenos, ou mesmo em Chelas, onde a CP os aluga (comunicação pessoal de um utilizador). Importa também referir os casos onde existe um conflito de interesses, como, por exemplo, o da antiga feira popular onde a especulação restringe a possibilidade de apropriação espontânea. A acessibilidade reflecte-se na forma como as características físicas do espaço possibilitam, ou não, a sua utilização. Esta condição pode ser medida pelas características dos percursos, tratamento dos limites, distribuição da vegetação, declive, entre outras. O uso exprime a relação quotidiana que se estabelece entre o homem e o espaço no tempo e o próprio contexto social reflecte-se na forma e expressão da apropriação (Valera, 1999). É possível, então, distinguir vários tipos de espaços em função do período de tempo durante o qual é ocupado e das manifestações territoriais que aí ocorrem. Dependendo destes mesmos factores, o espaço delimitado adquire diferentes graus de significado pessoal e sentimento de pertença. As fronteiras, criadas ou existentes, não são necessariamente formais, o território é definido por actos de ocupação e, para que exista um espaço territorial, não é necessário um espaço formado por partes físicas, mas sim um agente que exerça controlo espacial (ALFAIATE 2000).

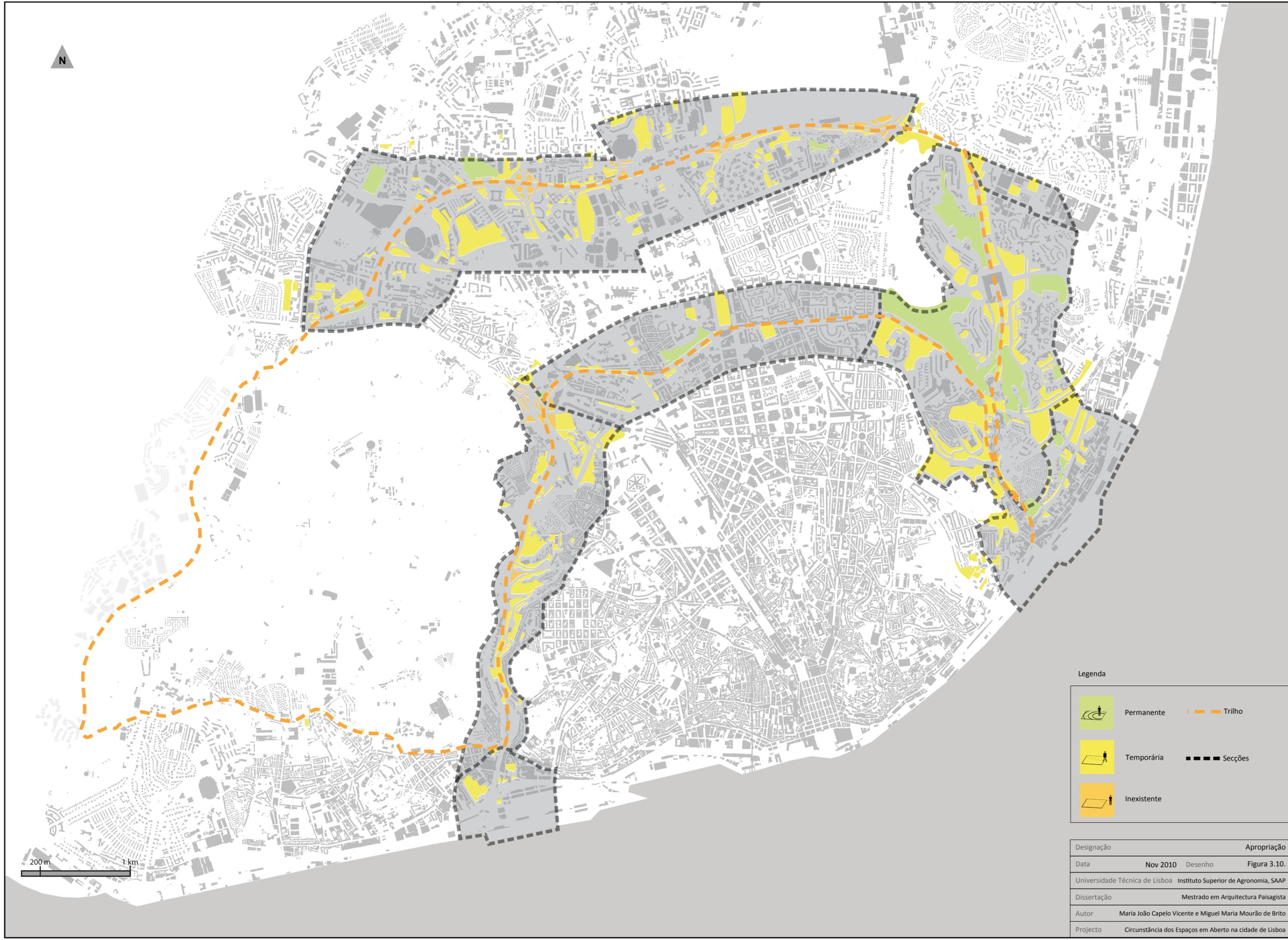
Os Espaços em Aberto embora identificados, actualmente, como elementos não incluídos no entendimento da cidade, possuem uma relação de consequências, como que de simbiose, com a mesma. A existência destes espaços tem tido, de facto, um efeito significativo na cultura e vida da cidade. O espaço público, pelo seu carácter encerrado, não permite, muitas vezes, a expressão das subculturas que serve. Esta expressão surge em circunstâncias específicas como resposta a necessidades particulares da população. Os Espaços em Aberto, por sua vez, por não possuírem as características que estimulam o processo de reconhecimento e identificação, proporcionam um encontro e liberdade de utilização muito mais directo e menos mediado.

O estudo das várias formas como estes espaços são utilizados é necessário para a compreensão do seu potencial. São como que indícios do que ali pode acontecer mais. A apropriação expressa a identidade social e cultural do espaço e envolvente, revela quais as qualidades mais aproveitadas e traça posteriormente o raciocínio sobre o mesmo (CUPERS E MIESSEN 2002).

Os três tipos de apropriação que se distinguiram no percurso foram os seguintes (Fig. 3.10):

- Permanente (maioritariamente hortas)
- Temporária (feiras, passagens, actividades, jogos, etc.)
- Inexistente (na sua maioria espaços isolados e/ou cercados)

(mapa A3 Apropriação, Figura 3.10.)



Legenda

	Permanente		Trilho
	Temporária		Secções
	Inexistente		

Designação	Apropriação
Data	Nov 2010
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista
Autor	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa

3.3.2. Influência da evolução urbana nas qualidades dos Espaços em Aberto

Os Espaços em Aberto surgem na cidade pelas mais variadas razões, as quais, podem estar relacionadas com acontecimentos relativamente recentes, nomeadamente, falhas na concretização de planos e implantação de infra-estruturas, ou com factores de natureza mais estruturante e/ou mais remota, como a ocorrência de acidentes naturais ou variações das características geológicas e edáficas determinantes na forma como o espaço urbano foi sendo usado e ocupado. A natureza dos Espaços em Aberto e os processos da sua estigmatização são fortemente influenciados pelo planeamento e crescimento urbano. Torna-se, então, necessário investigar a história da evolução urbana das várias secções do percurso pedonal e relacioná-la com a existência destes espaços, a vários níveis. “Cada época revela certas qualidades do lugar e sombreia outras” (SCHULZ 1997).

2ª Circular

A proposta das avenidas que compõem a 2ª circular surge no Plano Director de Urbanização de Lisboa de 1959 (revisão e actualização do Plano de 1948 de Etienne de Groer pelo Gabinete de Estudos de Urbanização (GEU), numa altura de grande expansão da cidade de Lisboa, quando o automóvel começava a ser o principal meio de transporte no seu interior. Este plano procurou resolver os problemas da comunicação viária na cidade de Lisboa, em consequência da crescente circulação automóvel, através da optimização do sistema viário com diversas circulares de carácter extra-urbano que permitissem a ligação da zona ocidental à zona oriental da cidade. (RODRIGUES 2008). Foi neste contexto que surgiu o projecto da segunda circular, constituída por três avenidas:

Avenida General Norton de Matos, Avenida Marechal Craveiro Lopes e Avenida Cidade do Porto. O desenho da 2ª circular não considerou a topografia da cidade de Lisboa, sendo constituído por extensos viadutos de dimensões desproporcionadas à escala da cidade e apresentando em boa parte da sua extensão uma independência relativa à estrutura urbana pré-existente. Estes viadutos foram ladeados por grandes construções, nomeadamente estádios, edifícios terciários e residenciais, o que criou um contraste entre os dois tipos de estruturas completamente desligadas uma da outra. (RODRIGUES 2008) O traçado da segunda circular intersecta uma série de diferentes tecidos urbanos, por vezes também estes caracterizados por descontinuidades ou má articulação entre si. Esta estrutura linear agrega a si problemas de duas naturezas: (i) a escolha do traçado da linha, em que a única lógica clara é a de ser circular numa cidade de estrutura radiocêntrica, mas introduzindo grande rotura sobretudo do ponto de vista espacial/altimétrico; e (ii) a incapacidade, quase implícita, de articular eficazmente os tecidos que com ela confinam. O resultado é o surgimento de significativo número de espaços residuais.

Vale de Chelas

Até ao início do século XIX o Vale de Chelas consistia essencialmente em áreas de cultivo associadas a conventos e quintas, nomeadamente, hortas nos terrenos baixos e culturas de sequeiro de trigo ou cevada nos terrenos em declive. Esta forma de ocupação ancestral deve-se às características deste Vale, com abundância de terrenos com solos muito férteis e de água nos terrenos baixos. No século XIX ocorreu um grande desenvolvimento industrial que se veio a fixar principalmente na frente ribeirinha de Lisboa. Os factores que levaram à instalação da indústria neste local incluíram a facilidade de comunicação fluvial e a construção dos caminhos-de-ferro para leste e norte, a partir de 1856. (RODRIGUES 2008) Desenvolveram-se os pólos industriais de Xabregas, Beato, Chelas, Poço do Bispo, Marvila e Braço de Prata. O grande desenvolvimento industrial desta zona da cidade promoveu a fixação de população operária em torno das fábricas, a qual gerou núcleos de habitação de grande precariedade. Também em 1919 foi construído o Bairro Madre Deus, para a população que trabalhava na indústria (DIAS 2000).

A expansão da cidade para Chelas foi feita através do Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa de 1948, elaborado entre 1938 e 1948 por Etienne de Groer. Com este plano foram iniciados os estudos das possibilidades de ocupação da zona de Chelas, que até então possuía características maioritariamente rurais. Foi proposta como uma zona de habitação de baixa densidade, incluindo a poente uma zona industrial, e a norte uma zona verde de separação. O sistema viário constituía-se como a continuação do proposto para o centro da cidade, com um sistema de vias circulares e radiais.

Posteriormente, em 1954, a CML criou o Gabinete de Estudos de Urbanização (GEU) com o objectivo de proceder à revisão e actualização do Plano de 1948. O Plano Director de Urbanização de Lisboa de 1959 retomava a estrutura viária anterior, reduzia a área industrial, ampliava a zona habitacional e aumentava as densidades de ocupação. A zona verde deslocava-se para poente, para as áreas de servidão do aeroporto, onde se previa a criação de um parque. Porém, em consequência de um período alargado de planeamento, parca implementação e crescente aumento do número de habitantes, surgiram vastas áreas de habitação precária (bairro de lata). O Inquérito Habitacional aos Bairros de Lata e Construções Abarracadas na Área Administrativa de Lisboa (1960-1961), desenvolvido pelo Gabinete Técnico da Habitação - GTH (1960-1961), revelou que na freguesia de Marvila 30% da população residente vivia em “bairros de lata” ou em construções de alvenaria de condições precárias, numa percentagem (\approx 5%) superior à das restantes freguesias da cidade (DIAS 2000).

O Plano de Urbanização de Chelas de 1965 surge com o objectivo de promoção de habitação social, para resolver a falta de habitação resultante de uma acelerada e desorganizada concentração de população na cidade de Lisboa. É proposta a criação de vários núcleos de habitação de alta densidade e um núcleo principal de equipamentos e actividades. Em comparação com o plano do GEU, a ocupação da zona habitacional é mais densa e são ampliados os espaços verdes para que desempenhassem um papel de separação e protecção entre a zona habitacional e a zona industrial. A estrutura viária também é alterada, são propostas duas vias que se intersectam no centro geométrico de Chelas, que passa a ter como estrutura principal dois eixos paralelos ao vale central, a partir do qual se formou uma estrutura secundária, que

estrutura cinco zonas habitacionais, designadas por: I, J, L, M e N, cada uma com o seu próprio núcleo. O “núcleo principal” de equipamentos, designado por zona O, ocupou uma posição estratégica no centro da malha de Chelas.

As propostas feitas para o Vale de Chelas previam a criação de uma malha contínua, espacial e funcionalmente articulada. No entanto, uma vez mais, o prolongamento na concretização dos planos comprometeu a eficácia da proposta, no que se refere à articulação com as áreas envolventes e à continuidade da parte edificada. Os espaços deixados livres comprometeram a unidade do tecido urbano e acentuaram a descontinuidade face às áreas circundantes.

Chelas revela-se actualmente como um conjunto de partes morfologicamente distintas, incluindo uma zona industrial desactivada separada pela linha ferroviária e uma zona habitacional assente no vale e nas suas encostas. Como resultado, verifica-se uma paisagem complexa e desarticulada, onde coexistem testemunhos de ruralidade (hortas e azinhagas), conjuntos habitacionais modernos e património industrial. O desenvolvimento deste território ocorreu de forma monofuncional, sem diversidade, tendo como consequência o isolamento deste território em relação à cidade. Uma boa parte dos equipamentos comuns estruturantes da intervenção nunca chegaram a ser construídos o que contribuiu, também, para o carácter confuso e desarticulado desta paisagem. A “nova” estrutura do plano impunha-se à estrutura rural pré existente, ignorando a sua especificidade e adaptação ao local, aspecto que leva à existência de situações estranhas como é o caso do terreno de uma quinta em Marvila cuja geometria perdeu o significado uma vez que ficou “entalada” pela geometria própria dos prédios de habitação social construídos posteriormente.

O Vale de Chelas, é constituído por um território em que se sucedem os espaços devolutos causados pela consecutiva desactualização das várias monofunções e outros espaços desactivados das suas funções ancestrais - terrenos de cultivo vazios, quintas e conventos abandonados, espaços industriais e portuários sem utilização, infra-estruturas de transporte desactivadas. A desocupação sucedeu-se ao longo da história e subsistiu até hoje, originando uma rotatividade na ocupação das estruturas, com vista ao abrigo de novas funções (Ochoa, 2005). Este tipo de circunstâncias gerou um género de Espaços em Aberto que não são necessariamente interstícios, são espaços que por vezes perderam a articulação e coerência original e que não se integram na actual estrutura urbana.

Vale de Alcântara

Em 1147 Alcântara tinha uma ocupação muito dispersa. As terras eram razoavelmente férteis e, desde muito cedo, foram apropriadas pelos reis como domínio fundiário. No século XVIII devido à proximidade ao centro da cidade e aos bons acessos, foram construídos alguns palácios na zona da Junqueira e, após o terramoto de 1755, o rei e o governo instalaram-se em Alcântara, o que atraiu a nobreza a fixar-se nesta zona (Junta de Freguesia de Alcântara, 2008). É nos finais do século XVIII, inícios do século XIX, que ocorre o seu grande desenvolvimento industrial. De entre as várias indústrias destacam-se as estamparias, fábricas de curtumes, de louça e de lanifícios, pedreiras (para fabrico de cal) e, em meados do século XIX, fixaram-se algumas unidades fabris da indústria química. Apenas na segunda metade do século XIX surgiram os bairros operários e os pátios. A melhoria dos transportes públicos e a abertura dos caminhos-de-ferro levaram a um grande desenvolvimento da área industrial e do bairro de Alcântara. Entre 1884 e 1886 começaram a ser urbanizados os bairros de Santo Amaro e do Calvário e, nas primeiras décadas do século XX, foram desactivadas quase todas as grandes fábricas do núcleo de Alcântara e do Calvário. O bairro de Alcântara foi-se tornando cada vez mais comercial e residencial (Junta de Freguesia de Alcântara, 2008).

Com o Plano Geral de Melhoramentos de Ressano Garcia de 1903, surgiram os primeiros focos industriais de Alcântara no início do século XX. Enquanto no centro da cidade eram aplicadas medidas higienistas para resolver problemas de salubridade, os núcleos industriais eram planeados na frente ribeirinha e nas periferias imediatas de Lisboa, para tirar proveito da comunicação fluvial e linhas ferroviárias.

No plano de Groer (Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa de 1948) o grande desenvolvimento industrial dá-se na zona oriental da cidade. O franco crescimento do pólo industrial de Alcântara deve-se à acentuada pendente do vale. A indústria e os núcleos residenciais associados ocuparam as cotas mais baixas do vale, o que fez surgir problemas relacionados com o controlo de cheias. Groer propôs também a criação do Parque de Monsanto, que deveria funcionar como um anel periférico da cidade.

O Plano Director de Urbanização de Lisboa de 1959 procurou a resolução de problemas da comunicação viária, tendo sido proposta a construção da ponte sobre o Tejo, que transformou drasticamente a imagem do Vale de Alcântara. A construção da Ponte 25 de Abril foi responsável pela profunda modificação do troço terminal do Vale de Alcântara, provocando a demolição de uma boa parte da zona habitacional.

O rápido crescimento da cidade de Lisboa e a crescente vaga de imigração foram as principais preocupações do Plano Geral de Urbanização de Lisboa de Meyer Heine de 1977. Foi proposta a supressão da área industrial de Alcântara e a sua deslocação para a periferia da cidade, de modo a controlar o crescimento de núcleos habitacionais de operários.

O Vale de Alcântara que outrora era uma ribeira navegável é hoje um tecido urbano fragmentado por vias e linhas ferroviárias. Esta zona foi também extremamente afectada pela crescente circulação automóvel e pelo inerente desenvolvimento da cidade nesse sentido, perdendo-se, uma vez mais a escala do peão. É um local onde a ocupação se deu principalmente nas cotas mais baixas, originando problemas de drenagem,

que se verificam até aos dias de hoje. O estudo deste vale surge da necessidade de repensar as suas dinâmicas ecológicas e de humanização de uma paisagem já muito degradada.

Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa (LFCIL)

A Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa tem aproximadamente onze quilómetros e meio de comprimento e um traçado aproximadamente semi-circular em via dupla na maioria do seu percurso, quádrupla entre Sete Rios e Roma-Areeiro e única de Campolide a Alcântara-Terra (Torres, 1958). Esta linha insere-se ao longo das principais unidades da paisagem de Lisboa, o planalto, os vale encaixados virados ao rio Tejo, e o aterro ribeirinho, os quais se apresentam determinantes na génese e qualidades da paisagem nela implantada e evoluída. Possui as seguintes paragens: Alcântara-Terra, Campolide, Sete Rios, Entre Campos, Roma-Areeiro, Chelas, Marvila e Braço de Prata. Liga todas as linhas radiais ferroviárias que terminam em Lisboa: Cascais, Sul, Sintra/Oeste e Norte. A LFCIL cruza todas as linhas do Metropolitano de Lisboa, com ligações de transbordo em quatro estações de três destas linhas. Trata-se de uma circular numa cidade de estrutura de forma digital (radiocêntrica) que adquire um papel determinante do ponto de vista distributivo. A LFCIL não foi planeada nem construída de uma só vez. Ao longo dos finais do século XX (início em 1970) foram progressivamente pensados e executados determinados troços consoante o interesse nas várias ligações (também ferroviárias) do centro de Lisboa ao Norte, Sul e Oeste (Cascais e Sintra), inicialmente, para exploração comercial. O percurso integral só ficou completo na última década do século XX sendo denominado oficialmente por Linha de Cintura Interna. Actualmente a LFCIL já não serve tanto o transporte de mercadorias sendo uma das artérias ferroviárias portuguesas mais movimentadas, com circulações suburbanas, regionais, Alfa Pendular, e Inter-cidades. A linha sofreu transformações recentes nomeadamente na multiplicação das linhas de circulação ao longo do trecho Areeiro – Braço de Prata, devido às novas exigências da procura e às futuras ligações de alta velocidade com o Porto e com Madrid (que inclui a eventual 3ª travessia).

A Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa representa, assim, uma determinada conjuntura do passado, presente e futuro. Do passado, ligado a todo um processo de transformação da paisagem, próprio da época em que foi construído, sendo uma consequência, mas também, uma causa da época. Funcionou como limite urbano até meados do séc. XX, estando de momento perfeitamente inscrita em troços de cidade consolidada. Do presente, quer pela função que exerce como linha de transporte e acesso quer pelas marcas físicas que deixa no território. Como objecto físico (infra estrutura), incluindo, não só, as próprias linhas de circulação ferroviárias como, também, as estações e, em alguns casos, uma zona de alargamento com linhas extra para manobras e estacionamento.

Note-se que a LFCIL revela-se, hoje, como um elemento “esquecido” na cidade. Negligenciada no crescimento da cidade funcionou mais como obstáculo do que como elemento estruturante. Apesar dos diferentes graus de relação que estabelece com o meio surge como que escondida e permanece como um elemento relativamente desconhecido na cidade. Até à data pouco foi feito para alterar esta situação,

perdendo-se o seu potencial na activação/re-activação dos Espaços em Aberto, com o qual se relaciona, e na articulação das respectivas zonas (localidades) no qual está contido.

A LFCIL é uma estrutura de movimento e uma infra-estrutura que “amarra” vários subespaços de qualidade distinta, é também uma oportunidade de ler cinesteticamente a paisagem quer pelos movimentos explícitos a ela associados quer pelos movimentos implícitos registados nos vários subespaços da paisagem que atravessa.

3.3.3. Aspectos biofísicos e antropológicos

Neste ponto, procedeu-se à sistematização das várias características intrínsecas e de envolvência dos Espaços em Aberto (Anexo 1.1) e à recolha de outros constituintes da paisagem, de forma a possibilitar a sobreposição dos vários layers de informação, que permite encontrar as possíveis relações existentes. Com este objectivo, seleccionámos determinados parâmetros biofísicos, culturais e ecológicos.

Ao nível biofísico é possível interpretar a fisiografia destes espaços a partir da intercepção da altimetria (Anexo 1.3) com as linhas de água e de fecho (Anexo 1.2). Através da intercepção deste ultimo conjunto com os declives (Anexo 1.4) é possível perceber se os espaços estão, ou não, inseridos no sistema húmido ou seco, o que determina a aptidão dos mesmos aos vários usos. Designadamente, se são mais adequados, por exemplo, à edificação ou à produção agrícola. (MAGALHÃES 2001) Ainda ao nível biofísico mostrou-se necessária a geologia (Anexo 1.5) por completar a informação anterior, permitindo identificar outras características da paisagem como as zonas da cidade mais férteis e mais permeáveis e, em cruzamento com os declives mais baixos, as zonas de maior grau de infiltração.

Ao nível antropológico recolheram-se os elementos culturalmente relevantes para este contexto como as quintas e estruturas de água (Anexo 1.6), o sistema de circulação (Anexo 1.7), a distribuição do edificado e dos espaços verdes urbanos (Anexo 1.8). Uma vez mais, abordaram-se as componentes espaciais do território que permitem caracterizar e enquadrar os Espaços em Aberto no seu envolvente: se estão totalmente rodeados por vias e assim mais isolados que os restantes; se estão mais próximos ou mais afastados das zonas de habitação; se estão, ou não, relacionados com antigas quintas ou indústrias, entre outros.

3.4. Critérios de diferenciação dos Espaços em Aberto da cidade

Com os critérios de diferenciação encerra-se a fase do estudo da circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa.

Recolheu-se a informação necessária dos pontos anteriores de leitura horizontal (3.2) e, em especial, de leitura vertical (3.3) do território, onde se inserem os Espaços em Aberto, e foram então sistematizados os vários factores que estão por detrás da sua origem, transformação e situação actual. Destacamos, no ponto 3.3., de análise mais profunda, a experiência do percurso (3.3.1); o contexto histórico das secções (3.3.2); e a intercepção de cartografia relacionada com as características biofísicas e culturais onde se inserem (3.3.3), por serem os principais contributos para as conclusões agora alcançadas. Desta forma, foi possível diferenciar os Espaços em Aberto de acordo com os critérios que se encontram no quadro 3.1.

Quadro 3.1. Critérios de diferenciação dos Espaços em Aberto da cidade

a. Impedimento à edificação	b. Desafecção	c. Fragmentos da zona consolidada da cidade	d. Interstícios (que resultam da implementação de infra-estruturas)
a.1. Por risco de inundação	b.1. Agrícola		d.1. Viária
a.2. Por risco de erosão	b.2. Industrial		d.2. Ferroviária
	b.3. Habitação precária (bairros de lata)		d.3. Edificada

a. Impedimento à edificação: por risco de inundação e por risco de erosão

Como seria de esperar, muitos dos Espaços em Aberto resultaram da incapacidade de construção de edifícios devido, principalmente, a condicionantes biofísicas. Designadamente, devido a riscos de inundação ou de erosão. É o caso de linhas de água, sujeitas a problemas que podem causar inundações, e os terrenos com grandes declives, onde a obra de edificação se torna dispendiosa e a acessibilidade limitada. Neste grupo não estão incluídos os espaços que sofreram uma intervenção e foram convertidos em espaço público.

b. Desafecção: agrícola, industrial e habitação precária

Muitos Espaços em Aberto resultam da desactualização de usos que lhes eram afectados, como áreas industriais desafectadas, campos de cultivo abandonados, ou edifícios de habitação precária demolidos. São espaços que perderam a sua função inicial e nunca foram “oficialmente” reconvertidos. No caso de Lisboa, o abandono agrícola está, na sua maioria, relacionado com as antigas quintas, os edifícios demolidos com os bairros de lata e a desafecção industrial com as zonas portuárias, mais próximas do rio, cujo uso original tem vindo a desaparecer.

c. Fragmentos da zona consolidada da cidade

São entendidos enquanto fragmentos da zona consolidada da cidade todos aqueles espaços, normalmente de escala mais reduzida, onde ocorrem situações de embargo, planos não aprovados ou lotes não construídos. São espaços normalmente entre edifícios que, não sendo objecto de desenho urbano, tornam-se momentaneamente espaços residuais apesar de estarem plenamente inseridos no sistema modular do tecido.

d. Interstícios, que resultam da implantação de infra-estruturas: Viária, Ferroviária e Edificada

Por último, existem os espaços que resultaram da implantação de infra-estruturas no terreno, nomeadamente as viárias, ferroviárias e edificadas. Podem ser taludes ou outro tipo de espaços, entre ou ao lado de determinadas linhas viárias ou ferroviárias (d.1 e d.2) que, devido ao difícil acesso, não são facilmente aproveitados. Podem ser, também, os espaços muitas vezes não calculados, que sobram após a construção de um determinado edifício (d.3).

A variedade e complexidade destes factores (de transformação) é tal, que tornou impossível classificar cada espaço de forma individual. Acontece com frequência a sobreposição de mais do que um factor num mesmo espaço. Por isso, agrupamos, para cada secção e de forma hierarquizada os factores que mais contribuíram para a origem e sucessivas transformações do respectivo conjunto de espaços incluídos (Fig. 3.11).

(mapa A3 Grau de influência de cada critério em cada secção, Figura 3.11.)



2ª Circular

Vale de Chelas

Monsanto -Vale de Alcântara

Linha Ferroviária de Cintura Interna de Lisboa

Industria Poente

Legenda

a. Inpedimento á edificação		Grau de Influência
	a.1. Por risco de inundação	
	a.2. Por risco de erosão	
b. Desafecção		
	b.1. Agrícola	
	b.2. Industrial	
	b.3. Habitação precária (bairros de lata)	
c. Fragmentos da zona consolidada da cidade		
d. Interstícios (que resultam da implantação de infra-estruturas)		
	d.1. Viária	
	d.2. Ferroviária	
	d.3. Edificada	



Designação	Grau de influência de cada critério em cada secção		
Data	Nov 2010	Desenho	Figura 3.11.
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autor	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		

3.5. Percurso revisitado

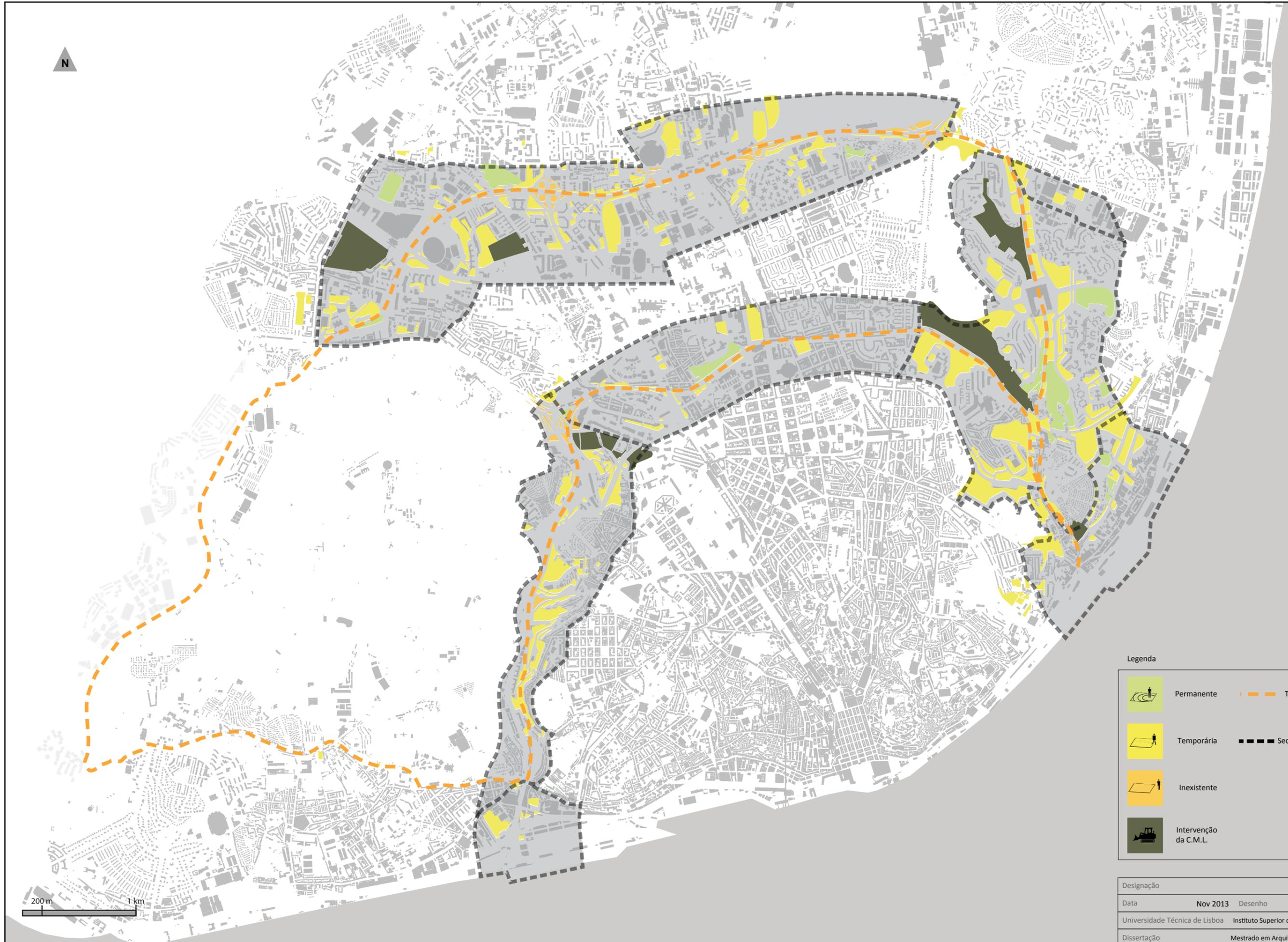
Para apresentar os resultados do percurso que foi efectuado com o meu colega Miguel Brito, foi necessário voltar a percorrê-lo. Passados três anos do percurso inicial, houve a necessidade de o visitar, com o objectivo de registar as possíveis alterações nos espaços em aberto identificados no percurso realizado em Setembro de 2010. O novo percurso foi iniciado em Março de 2013 e teve a duração de vários dias, foram percorridos os cerca de 35 km, tal como na primeira caminhada.

De uma maneira geral os espaços em aberto identificados ao longo do percurso não sofreram grande alteração, as representações da experiência do percurso (Fig. 3.4 e Fig. 3.5 a 3.9) e os critérios de diferenciação dos espaços em aberto (Fig. 3.11) permanecem iguais. É na carta da Apropriação (Fig. 3.10) que se identificam as maiores alterações:

- o fenómeno das hortas urbanas cresceu nos últimos três anos, por um lado resultado da intervenção da câmara municipal de Lisboa que se encontra numa fase de execução de vários parques hortícolas: Chelas, Telheiras, Olivais, Ameixoeira, Ajuda, Jardim de Campolide e Quinta da Granja; por outro lado a expansão espontânea das hortas de subsistência, que se mostram bastante necessárias em tempos de crise.
- a formalização do corredor verde de Lisboa, onde foram integrados vários espaços em aberto, desde o parque Eduardo VII até Monsanto permitindo o percorrer de cerca de 6km.

Os novos parques hortícolas da cidade são a interpretação da câmara municipal de Lisboa do conceito de hortas urbanas e a sua formalização numa nova tipologia de espaço público. Apesar da concretização de alguns parques hortícolas falta reconhecer e infra-estruturar, numa maior escala, o fenómeno espontâneo das hortas urbanas. Em termos de desenho é evidente a opção por uma aplicação homogênea e standartizada dos materiais utilizados para definir o espaço como a casa das ferramentas, os pavimentos e as vedações.

(mapa A3 Apropriação, Figura 3.12.)



Legenda

	Permanente		Trilho
	Temporária		Secções
	Inexistente		
	Intervenção da C.M.L.		

Designação	Apropriação		
Data	Nov 2013	Desenho	Figura 3.12.
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autor	Maria João Capelo Vicente		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		

4.0. Uma abordagem participativa: A influência dos anos 60 e 70

4.1. Contexto histórico/social

Os académicos descrevem os anos 60 e 70 com a queda e relaxamento de alguns tabus sociais e o exacerbar da “liberdade do indivíduo”. Justificado como uma reacção contra as rígidas normas sociais dos anos 40 e 50. Foi nos anos 60 que se deu o início de uma grande revolução comportamental, surgindo mesmo uma contra cultura. Este período é sinónimo de novo, radical e subversivo. Vários países ocidentais eram governados pela esquerda, John F. Kennedy nos Estados Unidos da América, a coalizão de centro-esquerda em Itália e os trabalhistas no Reino Unido. Este contexto político permitiu o crescimento de movimentos sociais de causas utópicas ou minoritárias de grande expressão populacional. Surgiu o movimento feminista, o movimento dos direitos civis dos afro-americanos, o movimento hispanico e chicano, os movimentos civis LGBT, o movimento Anti-guerra do Vietnam, o movimento estudantil e dos trabalhadores do Maio de 68.

Por vários factores socio- económicos a habitação tornou-se um problema mundial. Desde as cidades mais consolidadas dos países ricos até as cidades emergentes dos países pobres, recebiam uma grande afluência de população do meio rural. Este êxodo rural deve-se essencialmente ao crescimento económico sentido nos anos 50. No contexto de pós guerra, o desenvolvimento urbano então preconizado visava essencialmente reconstituir o sistema económico e solucionar rapidamente o problema da habitação (devido ao elevado número de desalojados). As cidades europeias desenvolveram-se a passos largos através da instalação de indústrias pesadas geradoras de emprego. A existência de emprego nas grandes cidades foi condição essencial para o êxodo rural. O abandono das zonas rurais foi em prol de uma melhor qualidade de vida prometida nas cidades. Rápidamente estas(cidades) foram incapazes de responder ao fluxo populacional, densificando-se com extensas aglomerações periféricas e habitações precárias.

4.1.1. Utopias urbanas- “Democratização da Arquitectura”

É neste contexto de discussão dos direitos e liberdades do indivíduo e a procura de condições para uma melhor qualidade de vida que surge, nos anos sessenta, na disciplina de arquitectura, uma abordagem participativa. Considerada uma prática “revolucionária”, que procura uma nova liberdade dentro da profissão de arquitectura.

Surgem novas utopias urbanas supertecnológicas, que procuram redimensionar morfologicamente a cidade e o território. Desde as utopias mais tecnócratas - Archigram, Metabolism, até às mais românticas - Buckminster Fuller, Yona Friedman e Cedric Price. Seria, no entanto, as situações latentes geradas pelos processos reivindicativos urbanos, pelo planeamento marginal, em paralelo, pelos clamores de humanização do cliente e da encomenda que emergiam maiores focos de debate e acção, conduzido pelo anseio de trabalhar para o povo, ou para os habitantes, ou para os utentes.

O crescente reconhecimento das múltiplas necessidades de um “cliente” cada vez mais plural e diferenciado e a consciência das complexidades que caracterizam o seu envolvimento social conduziam o

corpo disciplinar da Arquitectura em direcção a um campo de referências mais vocacionado para a compreensão das relações entre o meio ambiente e o comportamento.

Este tema de um novo compromisso da Arquitectura para com as “ verdadeiras” aspirações da população vai sendo desenvolvido, de um modo muito intenso, ao longo dos finais da década de sessenta e do início da de setenta. Ora teorizando em volta das potencialidades geradas por uma anunciada “democratização” da Arquitectura, ora ampliando e divulgando os movimentos sociais que se vão desenvolvendo em torno do direito à cidade e da melhoria das condições de vida, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos, várias são as vozes que se erguem por uma participação mais activa das pessoas nos projectos que decidirão os destinos dos seus bairros das suas cidades.

Do ponto de vista dos rumos que tomava o debate arquitectónico, nunca foi, porém, clara a distinção entre a necessidade de ampliar a função da Arquitectura e da organização do espaço nas diferentes sociedades e a diluição dos saberes disciplinares no genérico melting pot das práticas sociais.

Construir para o povo ou construir com o povo; ergue a bandeira do regresso à cidade contra as propostas dos urbanistas oficiais, flics du pouvoir, que, um pouco por todo o lado, iam suprimindo a rua, a praça, a cidade e a vida; lutar contra a redutora sublimação do espaço a um mero produto do mercado; tais eram as grandes prerrogativas que, mais ao jeito da palavra de ordem, se iam colando aos arquitectos militantes de Maio de 68.

A cidade, como matéria objectiva sobre a qual se colava o plano da crítica social e política, tinha, entretanto, sido redescoberta como o território possível de um novo quotidiano, liberto dos constringimentos opressores e do sentido “alienante” do uso produtivo- consumista, que polarizava a trindade *métro-boulot-dodo*. Durante os acontecimentos de Maio, a cidade ganhou uma nova dimensão temporal juntamente com uma outra dimensão de uso, menos alienada, mais pública, mais própria de todos e de cada um.

Depois de Maio de 1968, a consciência do uso da cidade, sobretudo em França, mas também noutras paragens, nunca mais foi a mesma. Estudantes e arquitectos, militantes partiram então para o terreno concreto das lutas urbanas mais intensas e procuraram, no apoio possível aos movimentos contestatários, um novo significado para a sua profissão, uma nova motivação para o exercício da Arquitectura.

A grande influência dos grupos utópicos dos anos 60 foi a mudança do objecto concebido pela arquitectura, deixou de ser só um objecto estático para concepção de um forma crítica cultural e como uma prática social e política.

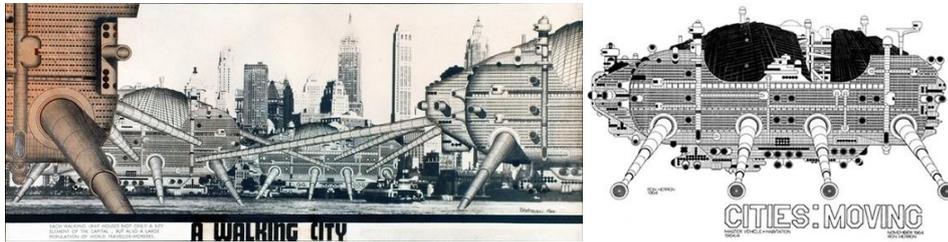


Figura 4.1. e 4.2. Walking City dos Archigram

O grupo Archigram defendia uma abordagem tecnológica, com infra- estruturas leves, explorando o universo das estruturas inflamáveis. Computorizados, ambientes descartáveis, cápsulas espaciais e imagens da consumo de massas (Figura 4.1. e 4.2.).

O seu trabalho apresentava uma visão sedutora de um futuro da era da máquina, de uma sociedade orientada para o consumo, altamente informatizada e nómada. Os Archigram confiavam no poder libertador da tecnologia, procuravam através da tecnologia modificar as relações de produção e de consumo. Partiam do pressuposto de uma sociedade de produção e de consumo de massas.

Apesar do optimismo em relação á tecnologia sentiam a necessidade de resolver a tensão entre o indivíduo e o sistema, de compatibilizar a produção em serie com a individualidade. Desenvolveram conceitos como Plug-in e Clip-on, possibilitando a participação, isto é, cada utilizador poderia conectar á sua revelia os artefactos técnicos, gerando novos aparelhos e possibilitando um maior grau de interactividade. Tentaram apresentar uma alternativa á homogeneização e estandardização modernista.

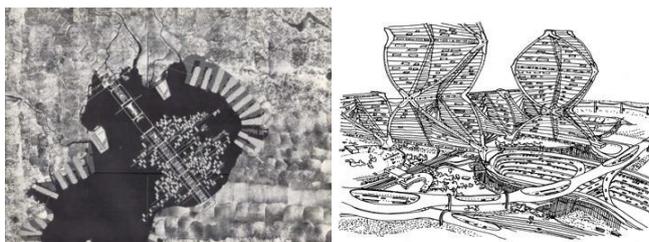


Figura 4.3. e 4.4. Plano de Tóquio e Helix City

O grupo Metabolism composto por arquitectos e urbanistas japoneses, foram muitas vezes comparados ao grupo Archigram. Para estes arquitectos as leis tradicionais da forma e função eram obsoletas, tal como os Archigram, questionavam as formas vigentes de produção de espaço. Criaram utopias baseadas no progresso e na revisão das categorias que balizavam a produção de espaço, tais como o tempo, espaço e tecnologia.

A sua visão era uma cidade futurista de grande escala com estruturas flexíveis e expansíveis que simulam o crescimento (figura4.3. e 4.4.), habitada por uma sociedade de massa. Recurriam a designs tecnológicos constituídos de mega- estruturas adaptáveis e plug-ins.



Figura 4.5., 4.6. e 4.7. Dymaxion house, Pavilhão norte-americano da Exposição Mundial de 1967 e Domo da Drop City

O arquitecto e designer R. Buckminster Fuller desenvolveu a sua filosofia “mais para menos” numa série de projectos, foi mesmo dos primeiros a reconhecer que os recursos naturais são finitos, convicto de que o design e a tecnologia podem oferecer soluções para problemas de gestão de recursos.

O seu design mais conhecido é o domo géodesio (figura 4.5.,4.6.e 4.7.), uma estrutura leve que pode alcançar grandes distâncias sem necessitar de apoios internos. O seu design foi utilizado para vários fins desde uso militar, exposições, abrigos de emergência a habitação.



Figura 4.8. e 4.9. Ville Spatiale e Centre Pompidou

As ideias de Yona Friedman foram além da arquitectura e do planeamento, englobaram a arte contemporânea, sociologia, ecónomia e sistemas de informação. O seu trabalho está ligado com o princípio da liberdade individual, este foi pela primeira vez apresentado em 1958 no seu manifesto Arquitectura Móvel (Architecture Mobile) onde aprofundou conceitos como o imprevisível, a mudança e maior poder para o utilizador não especialista.

No seu projecto “Ville Spatiale” (figura 4.8. e 4.9.), o arquitecto testa os princípios de uma arquitectura capaz de entender as constantes mudanças que caracterizam a “mobilidade social”. Consiste numa “infra-estrutura” a cima do nível do solo que poderia cobrir cidades existentes, campos, corpos de água, criando uma paisagem continua que podia ser apropriada e habitada pelo utilizador.

“Ville Spatiale não é uma forma, a sua forma não é importante, o importante é a maneira como funciona, como o utilizador interage e modifica o seu meio.” (Yona Friedman acerca de Ville Spatiale)

Friedman dá ênfase á participação, no seu trabalho encontramos sempre a procura de dar poder ao utilizador.

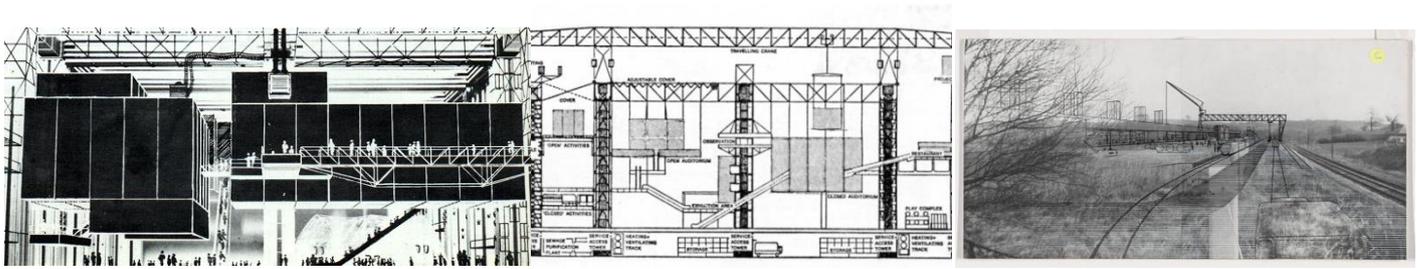


Figura 4.10., 4.11. e 4.12. Fun Palace, desenho interior do Fun Palace e Potteries Thinkbelt Project

Para Cedric Price a arquitectura era muito lenta para resolver os problemas do momento, oponha-se a projectos permanentes, limitados a uma determinada função. Nesse sentido defendia que os edifícios construídos deviam primar pela adaptabilidade, devido ao carácter imprevisível do uso do espaço (figura 4.10., 4.11. e 4.12).

Começou a imaginar uma forma de construir não só meramente estática, mas constituída de espaços que se adaptam consuante complexas mudanças sociais, económicas e culturais das sociedades dinâmicas. Esta visão contribuiu para uma mudança no pensamento sobre a cidade, esta já não é concebida como uma estrutura coesa, mas a partir de uma série de sistemas instáveis, em contínua transformação, constante reorganização através de processo de expansão e concentração.

Para Price o tempo é uma componente crítica e esquecida da arquitectura. A seu ver o tempo e as potenciais necessidades da forma devem ser consideradas, mas uma vez que o arquitecto não pode prever com precisão os usos e as suas mudanças ao longo do tempo, é necessário reconhecer a impossibilidade de um planeamento total. Admitir um certo grau de indeterminação para permitir um certa incerteza no programa, obsulência e mudanças de uso.

Price propôs a ideia de “Non-Plan”, uma crítica aos prepotentes e desactualizados regulamentos do planeamento, propunha a transferência do control para os cidadãos, permitindo a ocorrência de processos auto-organizados. Non-Plan explorava maneiras de envolver as pessoas no design do seu ambiente, contornando as burocracias do planeamento, deixando as pessoas dar forma ao ambiente em que vivem e trabalham.

A abordagem de Price desenvolveu termos como “arquitectura antecipativa” e “mudança positiva”, questionou propostos estabelecidos na arquitectura procurando dar maior poder aos utilizadores, colocando-os no papel de colaboradores.

4.1.2. Direito á Cidade_ Henri Lefebvre

Ao propor o direito á cidade como forma superior de direito, Lefebvre (1968) entendia que estava a propor o direito á liberdade, o direito á individualização na sociedade, o direito ao habitar e ao habitat. O direito á cidade foi desenvolvido por Lefebvre na sua obra manifesto *Le droit à la Ville*.

“Espaço mantém a promessa de libertação da tirania do tempo para além de qualquer outra coisa, mas também da repressão e exploração social, das categorias auto- aprisionadas, libertação do desejo.” (LEFEBVRE 2003:4). Critica a postura determinista e metafísica do urbanismo modernista, a seu ver os problemas da sociedade não podiam ser reduzidos a questões espaciais. Recusa o carácter alienante do urbanismo e do planeamento, bem como a sua pretensão de tornar os problemas urbanos uma questão meramente administrativa, técnica, científica.

Em oposição a esta perspectiva administrativa, Lefebvre politiza a produção social do espaço. Assume a óptica dos cidadão, colocando o direito á cidade na sua luta pelo direito de criação e plena fruição do espaço social. Avança numa concepção de cidadania que vai além do direito de voto e expressão, trata-se de uma forma de habitar a cidade, produzida como obra humana colectiva em que cada indivíduo e comunidade tem espaço para manifestar a sua diferença. A luta pelo direito á cidade procura contrariar a sociedade da indiferença e caminhar para um modo diferente de produção de espaço urbano, marcado pelo florescimento e interacção dos diferentes ritmos de vida, expressão das diferentes formas de apropriação do espaço.

O processo de industrialização determinou um crescimento acelerado dos centros urbanos, procurava dar resposta á falta de habitação, mas como defende Mauro Wolf (2003), colocou o indivíduo isolado na massa, desligado dos seus laços comunitários e da sua própria cultura, em proveito de uma cultura política homogeneizada.

O urbanismo é “uma superestrutura da sociedade neo-capitalista, uma forma de capitalismo de organização, que não é o mesmo que o capital organizado, em outras palavras, uma sociedade burocrática de consumo controlado.” (LEFEBVRE 2003:164). A seu ver a cidade é um espaço produzido segundo uma lógica capitalista que padroniza o indivíduo, o que resulta num espaço abstracto, em que o quotidiano da sociedade moderna é programada por hábitos orientados para a produção e para o consumo.

A rua, uma série de exposições, uma exposição de objectos à venda, ilustra como a lógica da mercadoria é acompanhada por uma forma de contemplação passiva que assume a aparência e significado de uma estética e uma ética. Neste sentido, podemos falar de uma colonização do espaço urbano que ocorre na rua através da imagem, através de publicidade, através do espetáculo de objectos-um "sistema de objectos" que se tornou símbolo e espetáculo(LEFEBVRE 2003:21).

Guy Debord (1994) designou “A Sociedade do Espectáculo”, onde a contemplação passiva das imagens substitui o vivido, onde o indivíduo passa a ser um mero espectador.

A construção teórica de Lefebvre (2003) funda-se no princípio de que "o espaço é um produto social", de um só golpe arranca a produção de espaço dos especialistas, principalmente dos arquitectos e urbanistas, e coloca-a num contexto social muito mais amplo. Considera que o espaço é dividido em muitas disciplinas, onde cada uma é parcial, o que torna o espaço social um resultado invisível. A questão por descobrir ou desenvolver uma união teórica entre campos que são vistos como separados. A vida urbana não se explica só através da função da forma espacial da cidade, mas também em função dos efeitos dos padrões de mobilidade social: a fragmentação e a diversidade da vida urbana, bem como o movimento, a diversidade de estímulos e as apropriações visuais dos lugares, constituem aspectos centrais da experiência do espaço urbano.

Lefebvre (2003) parte do princípio de que a sociedade é composta de desigualdades sociais e necessidades distintas. Defende que o espaço social é um espaço dinâmico, a sua produção é continua ao longo do tempo e não é fixo a um só momento de contemplação. Esta dinâmica muda inevitavelmente o foco de atenção dos objectos estáticos, que constituem o plano de tanta produção arquitectónica, e move-o para o ciclo contínuo de produção espacial, acessível a todas as pessoas e os processos que nela participam. Uma dinâmica, por isso temporal, o que significa que a produção espacial deve ser entendida como parte de um processo, sem começo ou fim fixo, em que múltiplos actores contribuem em várias etapas.

Lefebvre (2003) distingue entre: o espaço concebido, um espaço de teóricas, representado nos planos concebidos pelo conhecimento dos especialistas; o espaço percebido, o real com todas as contradições da vida quotidiana, onde a prática espacial é diferente para cada indivíduo; e o espaço vivido, espaço de representações, que o indivíduo pode apropriar com as suas imagens e símbolos.

4.1.3. Máquina desejante_ Deleuze e Guattari

Deleuze e Guattari (1999) partem do pressuposto que a realidade é pura produção, composta por singularidades e sustentada pelo desejo, sendo assim, desejo aqui é produtor de realidades. O desejo cria a possibilidade de produção, criação, invenção de modos e formas vitais. A realidade é produção desejante e o desejo é a força motriz que impulsiona a máquina subjetiva, ou seja, que impulsiona o ser humano a produzir, a imergir num devir criador e impulsiona a subjetividade em múltiplas direções.

Seus fluxos e intensidades desejantes funcionam como dispositivos e deixam acontecer os processos de subjetivação, desarranjando e rearranjando as subjetividades em suas cristalizações e criando o novo na medida das possibilidades de cada corpo e na potencialização da vida. Deleuze e Guattari (1999) rejeitam a noção marxista de que o desejo pertence à ideologia. Outro aspecto importante do desejo é que nunca desejamos algo sozinho, desejar é uma produção maquinaica, é construir um agenciamento, construir um conjunto, uma região, somos máquinas desejantes. Pode-se dizer, que desejar é passar por devires.

4.2. Conceito de participação e autoria do projecto

4.2.1. Conceito de participação

Participação é um conceito debatido entre as profissões responsáveis pelo design do espaço, como o urbanismo, arquitectura e arquitectura paisagista. O processo participativo é apresentado como uma forma de introduzir no projecto uma dimensão social e política. Os princípios do design participativo chamam a atenção para a natureza política do design, do espaço público e o seu efeito na vida de uma comunidade, procura uma maior sensibilização dos que controlam decisões espaciais, bem com dos que são afectados por estas decisões.

Sanoff (1992) descreve participação como “factor ou condição de partilha em comum com outros, e refere-se á tomada de decisões no que diz respeito ao bem comum.” Wulz (1986) refere uma série de sinónimos para participação, “isso implica que participação é um conceito geral que cobre diferentes formas de tomada de decisão pelas partes envolvidas.” De Carlo define participação como “uma série de acções contínuas e independentes que visam uma situação em que todos os partidos têm igual poder de decisão.” Arnstein (1969) simplesmente define participação como “a redistribuição de poder que permite o cidadão ser incluído no futuro.” Burke (1979) afirmou que “participação emerge como uma questão de direito a ser reconhecida”, apesar de referir a dificuldade de definir consistentemente participação, devido á sua grande variação. Para Petrescu (2005) participação é “criar espaço”, abrindo espaço á discussão e libertando o discurso.

O processo participativo põe em causa a democracia representativa, integrando directamente os valores, interesses, perspectivas, aspirações e necessidades dos cidadãos nas decisões que os afectam. Fomenta o exercício de cidadania, criando um envolvimento efectivo e mais activo dos cidadãos, o que dá um sentido crescente e fundamentado aos princípios da democracia participativa.

O processo participativo procura tomar as melhores decisões, ganhar legitimidade e contribuir com respostas mais dinâmicas e flexíveis face aos múltiplos contextos (territoriais, temporais, políticos,...)em que tem de operar.

Neste processo o papel do arquitecto e do utilizador é redefinido, o que permite ao indivíduo uma nova forma de pensar, actuar e de se envolver com o meio.

4.2.2. Autoria do projecto

4.2.2.1. O papel do arquitecto

Segundo Gaincarlo De Carlo (2005) desde que o dinheiro, materiais, terra e autoridade eram necessários para agir, e desde que o poder dominante era a única força capaz de lhe fornecer estes meios, o arquitecto por definição teve de se identificar com ele, até mesmo transformar-se no seu apêndice operativo.

Como profissional, o arquitecto tornou-se um representante da classe no poder. Produzindo (fornecendo) uma arquitectura académica ou empresarial, com preocupações restritas às relações entre clientes e empresários, proprietários de terras, críticos, conhecedores e arquitectos, ou seja, construída na base de uma rede de interesses económicos e de uma classe social.

Jeremy Till (2011) fala de uma cultura arquitectonica que tende a priorizar aspectos associados às propriedades estáticas dos objectos: o visual, o técnico e o atemporal. Daí a predominância da estética, estilo, forma e técnica na discussão habitual da arquitectura, e com isso a supressão da discussão da sua ocupação, temporalidade, relação com a sociedade e a natureza.

Para estes autores a produção de espaço é um acto autoritário, que através da introdução da participação pública se transforma num processo participativo, que questiona os valores do sistema tradicional de produção de espaço e que redefine o papel do arquitecto e do utilizador.

O arquitecto, como o processador de conhecimentos especializados, estabelece os termos de referência para o envolvimento participativo.

Em primeiro lugar o arquitecto deve ganhar o empenho da entidade promotora para o desenvolvimento de um processo participativo, identificar os actores afectados pelas decisões tomadas e as suas necessidades em relação ao espaço.

O processo participativo começa com a descoberta das necessidades dos utilizadores, passando pela formulação de hipóteses formais e organizacionais, antes de entrar na fase do uso (DE CARLO 2005:16). A descoberta das necessidades do utilizador não é apenas pré-requisito do processo, mas também uma questão focada nas opções básicas. Descobrir as reais necessidades dos utilizadores, significa expor e reconhecer os seus direitos de posse e os seus direitos a expressar-se.

Compete ao arquitecto avaliar as expectativas que os cidadãos criam sobre o processo participativo e definir o modo de participação a ser utilizado, isto é lançar os termos de referência do processo participativo. O que implica conhecer o processo de decisão adoptado, por fim estabelecer e verificar que os objectivos da participação pública respondem às necessidades do utilizador.

O papel do arquitecto torna-se o de compreender e extrair as implicações espaciais das narrativas urbanas. O processo participativo, como um sinal da realidade devir, confronta os arquitectos com questões que estes podiam de outra forma ter preferido esconder, ou lidar com elas o mais tarde possível. Obviamente isso acontece, trazendo para a frente e priorizando os desejos dos utilizadores. Onde os clientes estão geralmente preocupados com economia, eficiência e longevidade.

Mas identificar as necessidades do utilizadores não significa planear “para eles”, mas planear “com” eles. Para De Carlo (2005) no caso do planeamento “para”, o acto de planear permanece sempre autoritário e repressivo, no entanto liberto das intenções iniciais. No caso de planeamento “com”, o acto torna-se libertador e democrático, estimulando uma participação múltipla e contínua.

A passividade forçada do utilizador deve ser dissolvida na condição de criatividade e equivalência de decisão. Através deste argumento, a natureza autoritária do arquitecto é reduzida, dando maior importância no envolvimento do utilizador com o seu ambiente construído. Durante o processo de planeamento, o utilizador deve ser tratado como personagem central. Dá-se a subversão do papel do arquitecto ditador, deixa de ser o único autor, passando a ser um colaborador. De Carlo apercebeu-se dos potenciais que surgem através da estrutura da participação. Acreditava que o crescimento da arquitetura e a sua flexibilidade seria possível através da interacção do utilizador com o processo de planeamento desde a sua concepção.

4.2.2.2. O papel do utilizador

Participação como um termo genérico incontestado, disfarça o facto de que em todos os processos participativos há graus de envolvimento, desde a participação simbólica até ao poder total dos cidadãos participantes no processo.

Sherry Arnstein (1969) desenvolveu uma tipologia de oito níveis de participação, que ilustram oito degraus numa escada de participação dos cidadãos. Os oito níveis são: Manipulação, Terapia, Informação, Consulta, Consolidação, Parceria, Delegação de poder e Controle do cidadão.

Burke (1979) por sua vez identificou cinco papéis: Revisão e crítica, Consulta, Aconselhamento, Decisão partilhada e por fim Decisão controlada.

Por outro lado Wulz (1986) descreveu sete graus de participação baseados na relação que se estabelece entre o arquitecto e o utilizador: Representação, Questionários, Regionalismos, Diálogo, Alternativa, Co-decisão, Autodecisão.

Burns (1979) classifica participação de uma maneira diferente, não se baseia na decisão de dar poder ou na relação que é estabelecida entre os participantes. A sua classificação baseia-se no grau de envolvimento do utilizador ao longo do processo: Consciência, Percepção, Decisão, Implementação.

Quadro 4.1. Níveis de participação

	Arnstein	Burk	Wulz	Burns
Níveis de poder do cidadão	Controle do cidadão	Decisão controlada	Auto- decisão	Implementação
	Delegação de poder	Decisão Partilhada	Co-decisão	Decisão
	Parceria			
Níveis de concessão mínima	Consolidação	Aconselhamento	Diálogo	Percepção
	Consulta	Consulta	Regionalismo Questionários	
	Informação	Revisão e crítica	Representação	Consciência
Não participação	Terapia			
	Manipulação			

Jeremy Till (2005) descreve a plena participação como “onde cada membro de um órgão de decisão tem igual poder para determinar o resultado de decisões”. Participação parcial é quando não há igual poder na forma como a decisão é tomada: “o poder final de decidir fica num único partido”. Para este autor plena participação é um ideal, impossível de alcançar na arquitectura. Faz referência a uma participação transformativa, uma participação que procura através da relação arquitecto-utilizador transformar o espaço individual e colectivo.

Petrescu (2005) defende que a abordagem participativa não deve procurar a eficácia total, mas permanecer aberta a conclusões inesperadas. O processo de participação deve permitir aos utilizadores contribuir como sujeito “activo-criativo”, como sujeito em transformação.

Jonathan Hill (2003) no seu texto “Action of Architecture” sugere três tipos de utilizador: passivo, reactivo e criativo. O utilizador passivo é previsível e incapaz de transformar o uso, o espaço e o significado. O utilizador reactivo transforma as características físicas do espaço, consoante a sua necessidade, mas está restrito a configurações estreitas e previsíveis definidas pelo arquitecto. O utilizador criativo, ou cria um novo espaço ou dá um novo significado e uso a um já existente. O uso criativo pode ser uma reacção ao meio, resultado do conhecimento adquirido através do meio, ou ser baseado no meio, como uma consciência, um desvio dos comportamentos estabelecidos.

Influenciado pelo texto “The Death of the Author” de Roland Barthes, Hills (2003) sugere que a importância do autor é sobrevalorizada. Sublinha o processo em que o leitor se envolve no texto, como uma parte importante do processo criativo. Para Barthes (1978) o nascimento do leitor têm de ser às custas da morte do autor. Hill (2003) não sugere a morte do autor, mas a morte da natureza autoritária do autor. O autor e

o leitor têm ambos um papel criativo na produção do texto, a relação escritor-texto-leitor é análoga à relação arquitecto-espaço-utilizador.

4.3. Operações do SAAL

4.3.1. Contexto histórico/social

Durante quarenta e oito anos a população portuguesa viveu sobre um regime autoritário repressivo, a revolução de 25 de Abril tornou possível a intervenção de movimentos populares de luta pelo direito a casa e à cidade(SIZA 1986:37). Este momento de mudança despoltou nos portugueses sentimentos reivindicativos que foram suprimidos durante o regime. A revolução concede a possibilidade da população se associar, intervir e participar civicamente na vida e na construção da sua comunidade. Desencadeou-se uma nova fase de luta pelo direito à habitação marcada, fundamentalmente, pela poderosa iniciativa dos moradores dos bairros pobres que se organizaram e levaram a cabo processos reivindicativos e acções sucessivamente mais agressivas que o então desarticulado aparelho de estado dificilmente poderia conter(cidade campo, nº2, pag 7).

A luta dos movimentos de moradores passou pela ocupação de edifícios públicos e protestos, transformando-se num mecanismo e plataforma de mobilização da população, teve um efeito contagioso que desencadeou e promoveu diversas manifestações e ocupações do norte ao sul do país. As ininterruptas demonstrações de descontentamento adquiriram tal dimensão que o primeiro governo provisório foi de certa forma obrigado a legalizar as sucessivas ocupações(OLIVEIRA 1978:33-36) esforçando-se, contudo, em instituir algumas normas, e simultaneamente iniciar processos de negociações com os moradores de forma a estabelecer alguma ordem dentro da referida conjuntura. No rescaldo do golpe militar de 25 de Abril, a 16 de Maio de 1974, Nuno Portas foi nomeado Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo do 1º Governo Provisório. Sobressaía, no seu discurso, o profundo conhecimento que tinha da realidade do país: falava na resolução imediata do problema da habitação, falava da criação de “brigadas de urbanismo activo” para descentralizar os serviços e contornar a burocracia, ainda teimosamente “colada” às instituições. Mas sentia-se, também, a configuração teórica da experiência que, por todo o mundo e em contextos de maior ou menor paralelismo, fora sendo acumulada ao longo da última década. Experiências muito vivas e, nalguns casos, servidas ainda a quente, no ardor do deslumbrado quotidiano revolucionário. Dois meses e meio depois, a 31 de Julho de 1974, saía o despacho conjunto dos Ministérios do Equipamento Social e Ambiente e da Administração Interna, que instituiu o Serviço de Apoio Ambulatório Local- SAAL.

4.3.2. O processo do SAAL



Figura 4.13, 4.14 e 4.15 SAAL

Criado com o intuito de dar apoio às populações que se encontravam alojadas em situações precárias, o SAAL surgiu como um serviço descentralizado que, através do suporte projectual e técnico dado pelas brigadas que actuavam nos bairros degradados, foi construindo novas casas e novas infraestruturas, foi oferecendo melhores condições habitacionais às populações mais carentes (BANDEIRINHA 2007:13).

O processo do SAAL surge como programa político, tinha como objectivo principal resolver rapidamente as necessidades habitacionais, após 40 anos de um regime ditatorial que não conseguiu responder efectivamente há necessidades habitacionais de uma população. Obviamente que o contexto político-social do país determinou, peremptoriamente, o espírito e a actuação do SAAL e dos responsáveis pela implementação do programa. Por outro lado, a sua concretização concedeu a possibilidade de implementação de novas dinâmicas e permitiu, simultaneamente, o ensaio de novas alternativas metodológicas na elaboração dos projectos e dos modelos arquitectónicos propostos pelos técnicos responsáveis.

Para além da implementação de novas dinâmicas sociais, a experiência do SAAL concedeu também a oportunidade de ensaio de alternativas metodológicas na elaboração dos projectos e dos modelos arquitectónicos propostos pelos técnicos responsáveis quer no plano central, quer no plano local. Pela primeira vez as comissões e associações de moradores locais tinham a oportunidade cooperar activamente na discussão dos programas habitacionais (figura 4.13 e 4.14.) e na regeneração dos próprios espaços públicos, num modelo de arquitectura participada que promoveu na maioria das vezes a autoconstrução (figura 4.15) e a constituição das primeiras cooperativas económicas de habitação.

Pelo seu carácter pioneiro e experimental foi necessário desde cedo definir uma estratégia para lidar com a complexa realidade da população. Mesmo antes do lançamento do despacho que oficializava o SAAL Nuno Portas reuniu-se em Lisboa com um conjunto de personalidades internacionais ligadas à questões da habitação e da cidade, composto, entre outros, por Manuel Castells, Bernardo Secchi, Manuel de Solà-Morales, Jordi Borja, Martín Echenique e Paolo Ceccarelli (BANDEIRINHA 2007:114). Nesta reunião foram debatidos os critérios de intensidade das diferentes fases do processo de construção, o do controlo económico e administrativo à definição programática, da concepção do projecto à execução da obra. Em que fases e com que intensidade se verificaria a eficácia da participação? Em todas? Só em algumas? Ou

seria o próprio conceito, potenciado e radicalizado, a determinar a sublimação- subversão dessas convenções processuais? (BANDEIRINHA 2007:115)

Enquanto conceito, a participação na definição dos espaços, próprios ou comuns, podia ter muitas configurações, muitos níveis formais, e também diversas asserções sociológicas. Ciente destas, e de tantas outras implicações, Nuno Portas nutria uma predileção muito especial pelos processos de auto- construção tecnicamente assistida. Acreditava na necessidade de adequar uma forma de participação total aos limites da realidade objectiva. As condições fundamentais dessa adequação eram a existência de uma estrutura organizativa, que partisse realmente das bases, e a possibilidade de acção em todos os momentos do processo. Em seu entender, era, sobretudo, imprescindível que os destinatários das habitações “mexessem” na obra, esse era o meio mais directo para promover a apropriação e, também, para evitar que os membros das associações de base se tornassem meros funcionários administrativos(BANDEIRINHA 2007:115).

O princípio da autonomia na gestão do projecto e da obra, que garantia vínculos mais fortes entre os moradores e a obra desde o início do processo, traduzia também, no essencial, uma nova forma de encarar, sob o ponto de vista institucional, a promoção habitacional com participação pública. A ampla autonomia concedida às populações organizadas, desde a engenharia financeira às permissas do programa e do projectos, desde as opções tipológicas à condução da obra, estava talhada para eliminar as prováveis ingerências tecnocráticas a que este tipo de acções esteve, desde sempre sujeito. Portanto, este princípio não se instituiu só em função de uma certa euforia libertadora e reivindicativa que vigorava no país, mas sim, e essencialmente, em função de uma das questões mais quentes da época, que o debate arquitectónico também acolhera em lugar de honra, ou seja, a correlação de forças e as estratégias das batalhas que, um pouco por todo o lado, opunham o povo à tecnocracia. E era nessas estratégias, cujos instrumentos mais visíveis eram, até aí, o caos urbanístico(BANDEIRINHA 2007:122).

Na maioria dos casos, no entanto, não se avançou por essa via(autoconstrução), em grande parte pela posição dos próprios moradores, que, de um modo geral, desconfiavam de tudo aquilo que sugerisse a “recuperação” das suas condições miseráveis de alojamento. Depois surgia, também, por via da consciencialização política e ideológica, a recusa assumida e declarada de colaborar na construção das casas(BANDEIRINHA 2007:253).(há autores que reconhecem nessa recusa um sentido ideológico mais profundo, ou seja, os moradores recusavam também a humilhação de ter de continuar a construir as casas num contexto social que parecia querer aproximá-los da igualdade em relação àqueles que as compram, os burgueses.)

As circunstâncias que envolveram a elaboração dos projectos do SAAL pesaram de modo muito desigual em cada uma das brigadas, a experiência anterior dos coordenadores, o tipo de relação com os moradores, o entusiasmo social das populações, a constante oscilação das expectativas políticas, o contexto físico dos lugares, as motivações dos arquitectos e mesmo o seu grau de envolvimento e de militância perante as frentes de luta que emergiram. Foi uma época pautada por um ritmo de quotidiano em permanente

alteração, durante a qual se renovavam expectativas e compromissos, valores sociais e culturais, desejos e pontos de vista.

O SAAL foi criado para responder aos graves e acumulados problemas da crise de alojamento que explodiram súbita e espontaneamente. Foi, explicitamente, uma das tais “instituições paralelas” criadas no seio do aparelho de Estado, menos burocrático e sobretudo, preenchidas com funcionários activamente identificados com a revolução, cujos objectivos segundo Bandeirinha (2007) eram os de articularem a adaptação do Estado às novas condições e, portanto, de encontrarem respostas institucionais e administrativas para a explosão social já em movimento.

O projecto estava, então, sujeito a uma “negociação” dialéctica de pólos imprecisos, os quais podiam, a todo o momento, entrar em erupção, total ou parcial. Pelo que diz respeito aos sistemas de racionalização, de pensamento e de desenho, deduzidos da tradição metodológica, assomava a ideia, frequentemente reproduzida em escritos e reflexões, da possibilidade de mudança ou mesmo de ruptura.

Cedo se percebeu, ou pelo menos alguns arquitectos mais experientes perceberam, que o êxito das operações tinha como condição absoluta e necessária a existência de um projecto, que o tempo de procura excessiva de novas, e “revolucionárias” formulações, ou, mais ingenuamente, o do mergulho no abismo da entropia total com os moradores, corria o risco de aniquilar o proprio sentido essencial das operações(BANDEIRINHA 2007:252).

4.3.3. Um fim anunciado

Aparentemente, à partida, tudo parecia relativamente linear para a maioria dos arquitectos que avançava para as operações: fase de inquérito e preparação de terrenos, projecto participado pelos moradores, critérios de escolha do carácter da empreitada e, por fim, obra. Contudo, à medida que os processos avançam, eram inevitavelmente bloqueados por inúmeros problemas. A duplicidade de objectivos com que se confrontam as brigadas- cumprimento do papel para que tinham sido criadas pelo aparelho estatal e apoio efectivo aos desígnios das organizações de moradores- que chegaria mesmo a ser caracterizada como ambiguidade por alguns autores, traduzindo-se num complexo novelo de hierarquização de critérios que, a despeito da dramatização sociológica em torno da opção de classe dos técnicos, trouxe mais problemas práticos do que impasses teóricos. Não raro, os arquitectos das brigadas ficavam “entalados” pelo aperto dos pólos da mediação que corporizavam. As principais contradições não se jogavam entre o território do projecto e o da vontade dos moradores, mas sim entre estes dois campos e o da “permeabilidade” ou “impermeabilidade” da acção relativamente às restantes instituições do Estado necessariamente envolvidas no processo, com as autarquias à cabeça. E se, numa primeira etapa, tudo parecia correr sobre rodas, à medida que as relações de poder no Estado capitalista se iam “normalizando”, o SAAL ia-se expondo, gradualmente, à contaminação, invertendo, desse modo, um dos papéis para que estava investido. Só que essa contaminação já era muito difícil, senão impossível, já havia muita imunidade que lhe fora conferida

precisamente pelo contacto directo com os movimentos de moradores e pela conseqüente dimensão quantitativa do trabalho efectuado. Daí a necessidade de extermínio(BANDEIRINHA 2007:256).

Foi também nesta altura que o aparelho burocrático-administrativo que subsistia se foi inteirando gradualmente do alcance real dos objectivos do SAAL. Pouco mais de uma dezena de processos de expropriação não tinha ainda muito significado, mas a sua multiplicação por todos aqueles que já estavam na calha iria certamente gerar a derrocada de uma das mais atractivas actividades económicas da cidade: a especulação fundiária.

Para Badeirainha (2007) a determinada altura do movimento, o SAAL era entendido pelas estruturas de coordenação como um processo que não deveria crescer. Por outro lado, e esta circunstância não será de descurar, o SAAL tinha já perdido o seu principal vínculo institucional, personalizado na figura política do seu mentor, o Secretário de Estado Nuno Portas. Num determinado nível de decisão, já não tinha ninguém que o apoiasse tão abertamente. Embora os governantes que se seguiram, Ministros ou Secretários de Estado, não hostilizaram frontalmente o processo, por precaução política, mas na verdade as bases empíricas da sua formulação inicial já não gozavam de qualquer espécie de “protecção” superior para as vacilações próprias do experimentalismo, estavam “orfãs”. Num nível superior de governação, Primeiro Ministro, Conselho de Ministros, o SAAL era olhado com alguma desconfiança, duvidava-se que uma medida experimental, de contornos tão imprecisos e tão dependente da actuação militante das brigadas e dos architectos, tivesse alguma vez a capacidade de enfrentar a resolução rápida e eficaz do problema da habitação.

Os bairros do SAAL que se construíram, mesmo pobres, mesmo inacabados, mesmo degradados, resultaram, na generalidade e enquanto estruturas urbanas, frentes de expansão e unidades de ordenamento muito mais conseqüentes, e incomparavelmente mais consolidadas e coerentes, do que a grande maioria das áreas residenciais de extensão urbana que lhes seguiram, fossem elas de iniciativa pública, privada ou mista Foi uma colheita produtiva na medida em que não se quedou pela prefiguração de alternativas reluzentes, provavelmente utópicas, mas inertes, e avançou para o confronto com a realidade, avançou para o projecto, avançou para a construção, avançou para o compromisso de vizinhança com as implantações da cidade e do território capitalistas. Para Badeirainha (2007) os architectos do SAAL não fizeram planos para a cidade do proletariado, antes encetaram um processo de construção de fragmentos dessa cidade em conjunto com os moradores, um processo tão credível e tão assustador que teve de ser interrompido.

5.0. O que nos torna diferente da participação dos anos 60 e 70?

5.1. Conceitos e terminologia

5.1.1. Partilha do sensível

Nas últimas décadas do século 20 reconhece-se uma decrescente motivação ideológica, a obsessão herdada do neo-liberalismo é o crescimento e o progresso. Nos termos de Rancière (1995) esta é a era de “morte da política”, o “fim das divisões políticas, do antagonismo social e dos projectos utópicos”. A grande alteração encontra-se na dissolução da bipolaridade entre os grandes sistemas políticos da actualidade, com a consequente afirmação generalizada de um capitalismo globalizado. Surgem termos como crescimento, capitalismo, progresso e troca.

O que leva Rancière (2004) a repensar o papel do filósofo, considera que o filósofo deve olhar para o que sobra da estrutura política, descobrir e expor as suas partes, processos e resultados. Para o fazer desenvolve uma forma alternativa de compreender o sistema político em termos de “distribuição do sensível”. A palavra “sensível” relaciona-se com o que é possível de se ver e ser activado, refere-se a acções ou expressões que uma sociedade acha aceitável. A relação entre a arte, arquitectura e política é necessariamente preocupada com a distribuição do sensível (RANCIÈRE 2006:b) e definida pela delimitação do visível e do invisível, do discurso e barulho(RANCIÈRE 2004:13).

5.1.2. Estética do relacional

No campo das artes o crítico de arte Nicolas Bourriaud reflete sobre a produção artística dos anos 90. Reconheceu um número crescente de artistas contemporâneos que utilizam técnicas performativas e interactivas, que dependem da resposta do observador, o seu papel é subvertido, uma vez que é convidado a participar. Classifica esta forma de arte como arte relacional ou estética relacional e define-a como uma arte que tem como ponto de partida teórica e prática a esfera das interacções humanas e o seu contexto social, em vez da afirmação de um espaço simbólico independente e privado(BOURRIAUD 2002:14).

Por outras palavras, arte relacional procura estabelecer encontros intersubjectivos (literais ou potenciais) em que o significado é desenvolvido colectivamente (BOURRIAUD 2002:18) em vez de um espaço individual de consumo individual. Uma arte que procura reflectir sobre e mudar os modelos de sociabilidade. O papel do artista já não se encontra ao centro, já não é visto como o único criador, mas antes como um catalizador.

Em vez de um trabalho de arte discreto, portátil e autónomo que transcende o seu contexto, arte relacional é totalmente dependente das contingências do meio e do público(BISHOP 2004:54). O público é visto como uma comunidade, em vez de uma relação um-para-um entre a obra de arte e o espectador, a arte relacional configura situações em que os espectadores não são apenas tratados como uma colectividade, entidade social, mas são lhes fornecidos os recursos para criar uma comunidade, por mais temporário e utópico que possa ser.

O trabalho artístico cria um ambiente social, no qual as pessoas reúnem-se para participar numa actividade compartilhada. Bourriaud (2004) afirma que o papel da obra de arte não é mais o de conceber realidades imaginárias e utópicas, mas ser realmente formas de vida e os modelos de acção dentro do real, qual quer que seja a escala escolhida pelo artista.

Tanto Bourriaud na “estética relacional” como Rancière na “partilha do sensível” procuram apresentar configurações e constituições possíveis de uma colectividade política, estética e social. Trata-se de estratégias participativas complexas e plurais que, têm por um lado como incontornável a contaminação do campo das práticas sociais, culturais, artísticas e arquitectónicas, por outro lado, uma polarização irreversível de propostas, estratégias, instrumentos e tecnologias.

5.1.3. Participação conflitual

Geralmente quando se fala de participação em arquitectura o que se imagina é a aplicação de um modelo inclusivo, lido através da ideia romântica de negociação.

Para Markus Miessen (2008) os modelos participativos são utilizados como confirmações em vez de expansões do processo de decisão, o que sublinha a urgência de re-democratização da esfera pública. Foi em Inglaterra, nos anos 90, sobre o governo New Labour de Tony Blair, que observou em particular os processos participativos implementados pelo governo. Foram criadas inúmeras estruturas de participação para uma população muito pouco interessada em participar. A pouca adesão por parte da população a estas estruturas participativas permitiu o governo legitimizar uma série de ambições políticas, que não foram contestadas.

Markus Miessen (2008) critica a aplicação do conceito de participação como ferramenta de legitimação política. Recalma a necessidade urgente de desfazer a inocência do termo participação e a forma como determinadas práticas sequestram a noção de participação como inequestionavelmente positiva, orientada para o utilizador através do compromisso. Neste contexto, poderia ser útil pensar através de um conceito de “participação conflitual” como uma forma produtiva da prática intervencionista.

A “participação conflitual” de Miessen desenvolve a ideia de participação a partir não do consenso mas do conflito. Num contexto social e cultural de consenso ingénuo, de inclusão inocente e compromisso fictício, a participação conflitual propõem reactivar as estratégias participativas, através da tensão e fricção inerente a práticas conflituais, que se afastam da exterioridade das lógicas do protesto ou da provocação.

Claro que há muitas formas diferentes de participação. Se é algum tipo de participação agonística ou conflitual, em que há uma confirmação real entre diferentes pontos de vista, então sim, eu acho que é muito bom. Mas a participação pode também implicar participar em algum tipo de visão consensual, na qual ninguém é realmente capaz de perturbar o consenso e em que uma forma de acordo é pressuposto(MIESSSEN 2007:47).

A “participação conflitual” de Miessen inspira-se nos conceitos teóricos desenvolvidos pela teórica política Chantal Mouffe. Para Chantal Mouffe (apud MIESEN 2008:44) o que é realmente necessário hoje é criar um espaço público agonístico, um tipo de política agonística.

Segundo Chantal Mouffe (apud MIESEN 2008:46) a política, está relacionada com a dimensão do conflito. Um conflito que não pode encontrar uma resolução através do diálogo e ,ao mesmo tempo, não pode ser eliminado. É um conflito antagônico, ou seja, um conflito para o qual não existe uma solução racional. Existem, naturalmente, conflitos em que se pode encontrar uma solução racional ou uma solução em que todos concordam. Os conflitos antagônicos, estão vinculados a uma compreensão específica do pluralismo, o pluralismo da maneira que foi interpretado por Max Weber ou por Nietzsche, um pluralismo de valores que não podem ser conciliados. Isto é, muito diferente do entendimento liberal do pluralismo, para os liberais pluralismo implica que existem muitas visões diferentes no mundo, mas se pudéssemos ver as coisas do ponto de vista dos outros, veríamos que todos esses valores juntos formam uma espécie de conjunto harmonioso. Esta é a forma de pluralismo que encontramos no pensamento liberal. Existe outro pluralismo, que é o pluralismo do antagonismo, um que reconhece que o pluralismo implica a existência de conflitos, o que pode não ter solução racional. Isto é o que eu chamo de a dimensão da política.

Uma vez que se reconhece isto, também é importante perceber que o conflito antagônico pode assumir diferentes formas. Ele pode assumir uma forma puramente antagônica através da distinção de amigo e inimigo, na qual ambas as partes em conflito não têm nada em comum, e onde o adversário é tratado como um inimigo a ser destruído. Este tipo de conflito é incompatível com uma democracia sustentável, pois, pode levar a uma guerra civil. Mas existe outra maneira em que este conflito antagônico se pode expressar, e isso é o que Mouffe chama de forma de agonismo, é o caso em que as partes envolvidas, em vez de se tratarem como inimigos, tratam-se como adversários, o que significa que não há um reconhecimento da legitimidade das demandas do Outro. Sabemos que não estamos de acordo e que não seremos capazes de conciliar nossos pontos de vista, mas estamos de acordo que os nossos adversários também têm o direito de ter uma posição diferente. Esta é a forma de expressão de agonismo, que eu acho que é compatível com a sociedade democrática.

Esta dimensão do conflito não pode ser erradicada, logo é necessário saber como controlá-lo. A visão tradicional seria encontrar maneiras de criar um consenso. Mouffe critica a idéia de que a democracia é exercida através da tentativa de chegar a um consenso. E defende que a tarefa principal de uma democracia não é chegar a um consenso, mas a de gerir o dissenso, para encontrar novas formas de co-existência possível e de proporcionar algumas formas de liberdade e reconhecimento das diferenças.

O papel do arquitecto é redefinido numa prática contextual– isso pode ser arte ou arquitectura- não necessita de só construir o contexto actual, mas também reconhecer-se como uma produção ou fabricação activa do ambiente em que se insere. O que está a ser identificado não é simplesmente formal ou uma intervenção arquitectónica, mas uma conexão implícita, visível ou invisível, para uma potencial organização e funcionamento de estruturas de poder e control. Seu trabalho é organizado em torno da criação de um loci alternativo para o discurso e a acção(MIESEN 2007:34). Criando estruturas compostas por uma

polaridade de vozes individuais, instituições, organizações, cooperativas, associações que co-existem no espaço agonístico.

5.1.4. Curador urbano

O arquitecto, como o processador de conhecimentos especializados, estabelece os termos de referência para o envolvimento participativo. Numa tentativa de reverter essa relação de poder, os activistas da comunidade do final dos anos 60 e 70, resolveram retirar a autoridade aos especialistas e reduzi-los a facilitadores técnicos, para realizar os desejos da comunidade. O seu conhecimento não é usado de forma transformativa, as suas capacidades são antes usadas instrumentalmente(TILL 2005:31).

Miessen, Petrescu, Cruz, entre outros utilizam o termo curador urbano, o que define o papel do arquitecto no meio, entre instituições, clientes e utilizadores. Não têm uma posição autoritária, nem é unicamente utilizado como facilitador técnico, é mais um mediador.

O curador urbano move-se no meio. Os instrumentos oficiais do planeamento urbano são fechados e pouco flexíveis, existe a necessidade de mediação, que pode ter diferentes faces e deve ser constantemente redefinida(SHALK 2013). Antes de regenerar a cidade, é necessário regenerar as estruturas dentro dos programas de regeneração, as instituições e os órgãos que executam os mesmos programas. Permitindo o reformular do mecanismo participativo e da produção de subjectividades. O curador urbano contacta com diferentes domínios, o que lhe permite reconfigurar relações económicas, políticas e sociais que permaneceram periféricas. O curador desenha sobre a criatividade dos outros, zela e liga pessoas, desejos, histórias, oportunidades, analisa e estabelece novos campos de acção e leitura do meio que identifica e contextualiza. Cria novas leituras e interfaces com práticas e usos criativos.

Markus Miessen (2010) estabelece uma analogia entre o novo papel do arquitecto e os crossbenchers, políticos da British House of Lords, estes são essencialmente políticos independentes que não pertencem a um partido específico nem promovem alianças com outros partidos. Apresentam alternativas diferentes dos partidos representados na British House of Lords, uma vez que não subcrevem aos consensos de nenhum dos partidos, as suas decisões são baseadas nas suas convicções éticas. Isto reflete-se na sua disposição espacial na British House of Lords, enquanto os labour sentam-se de lado e os conservadores no outro, os crossbenchers estão no meio. Uma prática crossbench pode ser descrita como uma acção sem mandato, isto é uma prática pro-activa que produz uma realidade alternativa e paralela, que é activada e conduzida pela auto-motivação, agenda política e a vontade de colaboração do arquitecto.

5.1.5. Arquitectura não solicitada

A “arquitetura não solicitada” de Ole Bouman (2007) defende a intervenção arquitectónica através não da encomenda passiva, mas da auto-proposta proactiva. Procura redefinir a lógica de participação do arquitecto na sociedade, colocando-o numa posição criticamente produtiva. Uma nova forma de prática que de forma proativa procura novos territórios de intervenção, procura abordar as urgentes necessidades sociais e aproveitar as oportunidades que surgem para a arquitetura. Perante a uniformização da profissão, a ideia de “arquitetura não solicitada” propõe explorar as oportunidades de intervenção oculta e inexploradas, adaptando um papel mais criativo e autónomo na definição do âmbito e estratégia do projecto. Apesar da sua vincada dimensão crítica, esta ideia apresenta-se como um apelo a um desafio á profissão.

Os conceitos críticos apresentados por Miessen e Bouman investem principalmente no questionamento e redifinição do papel do arquitecto. O que sugere a questão: que tipos de estruturas podem permitir-nos imaginar diferentes tipos de compromissos?

5.2. Estratégias de participação

Os projectos ilustrados neste capítulo procuram representar espacialmente a teórica elaborada nos capítulos anteriores.

Segundo Clausewitz (2007) a estratégia deve sempre procurar resolver o conflito entre dois interesses opostos, o que significa que o fim do jogo está permanentemente aberto. Uma das frases mais enigmáticas de Clausewitz é: "tudo em estratégia é muito simples, mas isso não torna tudo fácil". Estratégia é um conjunto de ações estabelecidas de acordo com um plano prévio, necessárias, para atingir determinados objectivos. Essas metas são realizadas em diferentes escalas de tempo e, por essa razão, a estratégia requer uma visão de futuro. Para Clausewitz (2007) a incerteza na estratégia não é apenas a incapacidade de prever acontecimentos externos, mas muito mais importante, a consequência da indeterminação dos eventos provocados pela oposição. A incerteza torna-se um conceito central que os estrategas não devem lamentar, mas abraçá-la como a sua fonte de arte.

Apesar das inúmeras diferenças conceptuais e práticas as intervenções apresentadas possuem denominadores comuns: a crítica ao consumismo presente na sociedade moderna, a instigação á participação individual em projetos coletivos e aos projectos espontâneos para transformar a cidade, o não reconhecimento da propriedade intelectual, a inclinação para projetos libertários e hedonista, a luta contra o trabalho alienante e, em particular, a fusão das actividades diárias de lazer e diversão na carga de trabalho, isto com o objectivo de permitir a cada pessoa construir sua própria vida de forma diferente, de acordo com seus desejos e preferências pessoais. Isto é têm em comum a preocupação com as complexas relações entre contexto e intervenção espacial, e o redefinir de um novo envolvimento da estrutura social. São o testemunho da profunda capacidade transformativa da arquitectura ao longo do tempo, bem como a expansão do papel do arquitecto. Trata-se de práticas espaciais que ganham força conceptual através da combinação de um design multidisciplinar e da reflexão sobre as suas consequências no espaço construído. Os projectos apresentados respondem aos desafios dos actuais sistemas sociais, políticos, ecológicos e económicos.

Os exemplos dividem-se em cinco diferentes estratégias: bottom-up, ecológica, cultural/desportiva, económica e educacional, que revelam os diferentes meios utilizados para desenvolver os projectos.

5.2.1. Estratégia Bottom –Up

As estratégias bottom-up partem de um movimento iniciado por uma comunidade, a sua origem surge do desejo, necessidade e força de vontade de desenvolver um projecto. Geralmente estratégias bottom up caracterizam-se pela ausência de um controle centralizado, o que permitem a interação e a formação de grupos de interesses, sem que os membros desses grupos tenham a necessidade de seguir um líder. Para a integração destes projectos no modelo de planeamento tradicional, os especialistas são chamados a intervir, assumindo o papel de mediador entre a vontade de uma comunidade e as instituições.

5.2.1.1. Squatting



Figura 5.1., 5.2. e 5.3. Koepi squat, Tommy Weissbecker haus e Tacheles

Squatting é definido como a ocupação e transformação de terra e edifícios que são pouco ou completamente desaproveitados(AWAN 2011:199). Baseia-se no pressuposto de que ocupação e uso constituem um direito em si, superior á propriedade legal.

Squatting é um acto de grande carga política, são geralmente contra a privatização e especulação de terras e edifícios. São geralmente estruturas auto-organizadas que procuram ter uma acção directa em vez de procurar mudança por processos governamentais.

No hemisfério sul, squatting está geralmente ligado ao direito á habitação e estratégias sobrevivência. O caso do “Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra”, trata-se de um movimento de ocupação rural que procura distribuir terras improdutivas a pessoas que necessitam delas para a sua alimentação e como fonte de rendimento.

No hemisfério norte squatting está normalmente relacionado com a luta ideológica e o desejo de encontrar formas alternativas de vida. Este movimento teve diferentes configurações em diferentes países. Em Itália o movimento Centri Sociali criou uma série de centros culturais e políticos. Na capital da Dinamarca, Copenhaga, desde 1971 um grupo de activistas ocupou um antigo quartel desactivado do exército e proclamou-o Cristiania- Terra Libre.

Foi em Berlim que o movimento Squatter teve maior impacto e expressão (figura 5.1., 5.2. e 5.3.). Este movimento foi além da “simples” ocupação de prédios vazios e tornou-se uma solução para a crise habitacional e uma oposição á demolição de edifícios no centro urbano. Esta ocupação conseguiu a alteração do sistema de políticas de habitação, de uma política de tábua rasa para uma abordagem de renovação urbana que dá valor à participação e a auto-organização(AWAN 2011:199).

Geralmente este tipo de espaços não fazem parte das estratégias de desenvolvimento de uma cidade, assim que atingem alguma força política, económica ou social, são neutralizados por pelo poder central.

5.2.1.2. Chicano Park



Figura 5.4., 5.5. e 5.6. Chicano Park

O parque foi resultado de uma tomada de posse de terras por baixo da ponte San Diego no Colorado por parte da comunidade do Bairro Logan nos anos 60. A população do Barrio Logan é na sua maioria mexicanos ou mexicano-americanos, foi a partir dos anos 60 que esta comunidade começou a reivindicar o seu direito á participação nas dicussões que diziam respeito á tomada de decisões no seu bairro.

A construção do Chicano Park foi uma das reivindicações desta comunidade (figura5.4.), que pretendia ter um parque que lhes permitisse o acesso á frente ribeirinha. Através da sua reivindicação e ocupação dos espaço começaram a desenvolver a sua visão de um parque. O parque tornou-se num centro cultural para a comunidade do bairro, é conhecido pelos seus grandes murais (figura 5.5. e 5.6.), uma representação física do movimento Chicano(ANGUIANO 2000).

5.1.3. Campo Boario



Figura 5.7., 5.8. e 5.9. Campo Boario

Foi uma experiência desenvolvida pelo grupo Stalker nas redondezas do antigo matadouro Testaccio em Roma, zona sem uso definido desde 1975. O Campo Boario é onde vivem juntas diferentes comunidades, a comunidade dos Roma Calderanha que ocupam o espaço central com as suas caravanas, enquanto que os estábulos são ocupados pelos cavallari e os seus 300 cavalos, no lado oposto do terreno é o Villaggio Globale, um centro social, que foi ocupado e auto-gerido, é palco de actividades inter-culturais durante todo o ano, e de uma forma mais dispersa outras comunidades estrangeiras, principalmente Senegaleses, Norte Africanos e sem-abrigo (JONES 2005:232).

Os Stalker propuseram a integração da comunidade Curda refugiada da Turquia no contexto da comunidade multicultural já existente no Campo Boario. Os Stalker organizaram workshops com estudantes de uma das escolas de arquitectura de Roma (figura 5.7., 5.8. e 5.9.). Durante esse workshop ocuparam e restauraram um antigo edifício que servia de sala de operações ao veterinário do Campo Boario.

Nomearam o edifício de “Ararat”, este tornou-se um local de encontro para a comunidade Curda e um local de trabalho para artistas, arquitectos, investigadores e cidadãos, que eram convidados a partilhar a sua experiência do espaço.

Foi necessário muito tempo e consumida muita energia para ser possível entrar no Campo Boario, para encontrar a maneira certa de se relacionar com os habitantes e os Curdos, com quem os Stalker partilharam Ararat. Lentamente os Stalker encontraram uma maneira de actuar e de fazer parte dos processos de transformação, propondo actividades lúdicas e métodos para descobrir e activar a complexidade que o espaço acarreta. Foi utilizada a energia e a inteligência presente no espaço para o redefinir, foram desenvolvidas as suas capacidades de auto-gestão e novas e diferentes regras para o espaço.

Foram definidas novas ferramentas e metodologias que permitem estas comunidades representarem-se a si mesmas. Não foi produzido um projecto ou um objecto, somente caminhos e relacionamentos. A disciplina torna-se híbrida, movendo-se de arquitectura para arte pública, o que se pode chamar de “arte cívica”. As principais características deste local são a incerteza, indefinição e a auto-organização e gestão dos seus espaços físicos e relacionais (JONES 2005:232).

5.1.4. Park Fiction

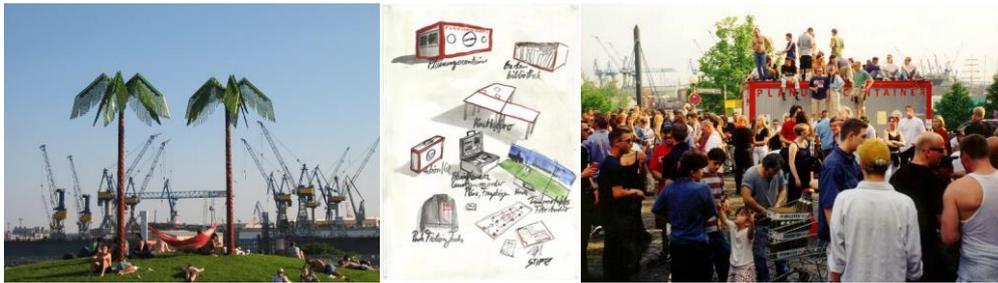


Figura 5.10., 5.11. e 5.12. Park Fiction

Park Fiction (figura 5.10.) foi um projecto iniciado em 1995 na zona do porto no bairro St. Pauli em Hamburgo. Este projecto foi promovido pela associação de moradores de St. Pauli para impedir a venda do local a promotores imobiliários privados.

O bairro de St. Pauli é conhecido pelo seu poder de oposição, a maioria dos seus habitantes faziam parte do movimento de ocupas dos anos sessenta. Foi neste ambiente activista e com o desinteresse e negligência por parte das autoridades locais, que surgiu a demanda de um parque público na zona.

A associação de moradores organizou uma serie de eventos públicos no espaço (figura 5.12.), conversas, exposições, cinema ao ar livre e concertos. Este uso do espaço por parte dos residentes e visitantes tornou o parque numa “realidade social”, o que dificultou às autoridades o desenvolvimento do seu plano inicial para o espaço(AWAN 2011:181).

A fase inicial do projecto foi financiada pelo Programa Arte em Espaço Público, do departamento cultural da cidade, foi desenvolvida a ideia de “produção de desejos colectivos”.

Ao longo do processo, Park Fiction, desenvolveu ferramentas e técnicas especiais para tornar o processo de planeamento mais acessível(AWAN 2011:181). Isto incluía a organização de eventos temporários no parque, bem como, a instalação de um “contentor do planeamento” no local, este podia-se mover ao longo do bairro e recolher os desejos dos moradores (figura5.11.).

O projecto foi filmado, “desire will leave the house and take the streets” de Margit Czenki, foram filmadas as diferentes vozes do parque e o seu processo de planeamento participado.

5.2.2. Estratégia Ecológica

A estratégia ecológica surge como resposta á crise ecológica que o planeta enfrenta, procura usufruir dos recursos locais e reduzir os impactos ambientais decorrentes da sua construção e operação. Trata-se de uma estratégia que tem como base a compreensão da interdependência entre o homem e o meio, procura estabelecer a interecção entre o homem e o ambiente – e ao modo como nele vivemos e com ele nos relacionamos. O termo «consciência ecológica», que remete aos anos 70, advém da união entre a ecologia científica e a tomada de consciência da degradação do meio natural a nível local e global, que afecta o ambiente, os recursos, os alimentos, a saúde e a psique do ser humano.

Depreende-se que uma «visão ecológica» da arquitectura não compreende apenas uma relação material-objectiva-quantitativa entre o homem e o meio ambiente, mas fundamentalmente, uma relação ecossistémica-qualitativa, que engloba também factores sociais, culturais e mentais (subjectivos). Felix Gattari promoveu a construção de uma “*tripla visão ecológica*” que trata de modo articulado três registos ecológicos diferentes: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjectividade humana. Guattari define assim as «três ecologias» – a ecologia ambiental, a ecologia social e a ecologia mental – que visam promover uma visão de mundo transversal

Para isso é necessário adoptar modos de pensar e de agir muito diferentes, que sejam capazes de corresponder aos actuais desafios sem hipotecar o futuro.

5.2.2. 1. Ecobox

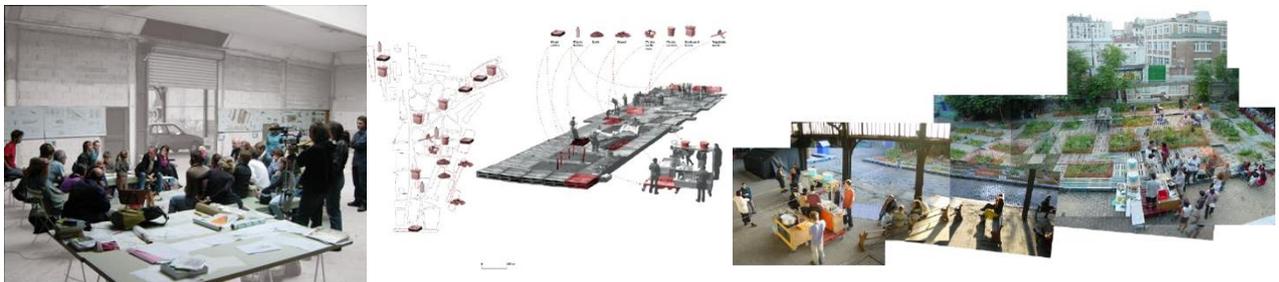


Figura 5.13., 5.14. e 5.15. Ecobox

Ecobox é um jardim temporário feito de materiais reutilizados na área La Chapelle a norte de Paris. La Chapelle é um distrito que pela sua localização geográfica entre a Gare du Nord e a Gare de l’Est, ainda possui uma série de espaços industriais abandonados.

Este projecto foi desenvolvido pelo atelier d’architecture autogérée/studio of self-managed architecture (aaa), uma associação sem fins lucrativos. É uma organização multi disciplinar que inclui arquitectos, artistas, arquitectos paisagistas, urbanistas, sociólogos, estudantes e habitantes da área, que em conjunto conduzem uma investigação sobre acções participativas urbanas.

Esta prática colectiva permite a re-apropriação e reinvenção do espaço público através de actividades quotidianas (jardinagem, cozinhar, falar, ler, debater, etc) entendidas como práticas creativas no contexto urbano.

Em 2001 foi iniciada a consulta com os moradores do bairro (figura 5.13.) para identificar possíveis usos temporários e estabelecer uma agência risomática no bairro. O objectivo deste projecto foi criar uma rede de espaços auto-geridos encorajando os moradores a acederem ao seu bairro e apropriando-se e transformando espaços em desuso(JONES 2005:59).

A estratégia utilizada procurou valorizar a flexibilidade e a reversibilidade do uso do espaço e a preservação da biodiversidade urbana.

No espaço foi montado um sistema modular flexível que tornou possível a criação de parcelas de diferentes tamanhos delimitadas por fileiras de paletes de madeira. Um dos princípios aplicados á construção do jardim foi o de que cada pessoa ou família interessada em explorar uma parcela teria que a construir por si. Para completar o projecto foram introduzidos móveis que proporcionam actividades complementares como uma cozinha, bancada para guardar as ferramentas, colectores de água da chuva, uma biblioteca e um mini laboratório média. Algumas destas instalações móveis foram utilizadas pelos moradores como ferramentas para ocupação de espaço público (figura 5.14. e 5.15). Estes módulos movem-se através de diferentes estratos sociais e origens. Estes simples dispositivos desafiam as actividades estereotipadas da vida quotidiana.

Durante os cinco anos em que decorreu o projecto (2001-2006) Ecobox tornou-se um local para actividades culturais, sociais e económicas. Foram ao longo destes anos desenvolvidos workshops, mercados mensais, sessões de culinária, projecções de cinema entre outras actividades. Através destas actividades foram criadas ligações a nível local e trans-local. Os moradores conseguiram neste projecto o interesse e acção social, actuando como curadores e mediadores, deixando espaço para os moradores assumirem o control.

O projecto foi despejado pelas autoridades locais da sua localização inicial, os moradores do bairro afirmaram ligação com o projecto e defenderam os seus valores. As autoridades locais foram forçadas a negociar uma nova localização para o projecto. Porque tudo neste projecto era móvel e negociável, a plataforma criada pelo projecto foi possível move-la do local inicial em Le Chapelle e reinstala-la, apresentando diferentes formas em diferentes locais e envolvendo novos utilizadores(JONES 2005:59). Actualmente Ecobox é autogerida por uma associação de utilizadores.

5.2.2. 2. Eco-Boulevard

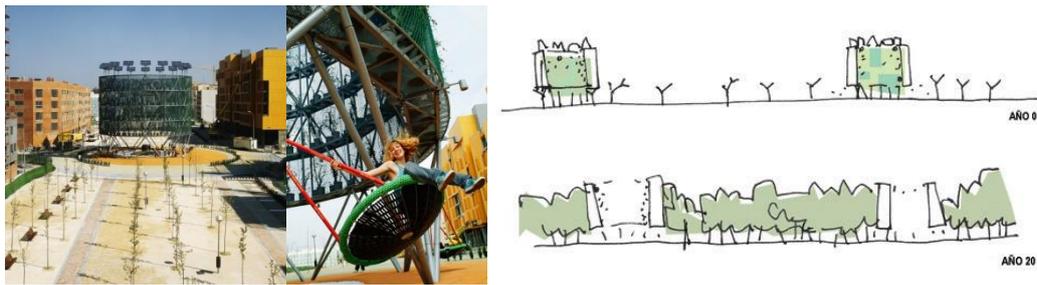


Figura 5.16., 5.17. e 5.18. Eco- Boulevard

Eco-Boulevard é um projecto do atelier madrileno Ecosistema Urbano, composto por uma equipa multidisciplinar de arquitectos, engenheiros civis e arquitectos paisagistas, desenvolvem projetos de regeneração de áreas urbanas através do foco na actividade social e incremento da biodiversidade.

Eco-Boulevard é um conceito inovador de design urbano que visa melhorar o conforto climático, promover a interação social no bairro Vallecas em Madrid e ser mais sustentável do que os modelos convencionais de crescimento da cidade (figura 5.16. e 5.17.). Procura combinar a actividade da comunidade com sustentabilidade ecológica.

O projecto consiste: na implementação de três “árvores de ar”, que funcionam como centros comunitários, ao longo da urbanização já existente; na densificação da plantação de árvores na área envolvente; e por fim na redução e disposição assimétrica das vias de circulação circundantes (PER 2008).

As três “árvores de ar” funcionam como suporte aberto a múltiplas atividades escolhidas pelos utilizadores, fornecem um maior conforto climático e servem, assim, como a semente de um processo de regeneração do espaço público. Estas estruturas podem ser consideradas como uma prótese temporária que será utilizada até à sua inactividade ou quando o problema de adaptação climática estiver resolvido. Quando se chegar a esse momento as três estruturas devem ser removidas e os espaços a que dão origem devem permanecer clareiras no meio da efectiva vegetação da área envolvente (figura 5.18.).

Estas estrutura são construídas a partir de materiais industriais: como plástico reciclado, tecido de estufa, pneus de borracha, etc. Possuem um simples sistema de adaptação climática evapotranspirante, semelhante ao utilizado nas estufas. Este sistema cria um ambiente climaticamente adaptado, no verão pode chegar a estar entre 8°C a 10° mais fresco do que a rua (PER 2008). São estruturas 100% auto-suficientes, devido aos painéis fotovoltaicos colocados no topo da estrutura, estes fornecem energia suficiente para realizar actividades como concertos, cinema e iluminação. A eletricidade excedente é vendida á rede geral, o lucro é revertido para os custos de manutenção do parque Eco-Boulevard.

Trata-se de uma estrutura leve e portátil que pode ser “transplantada” e reutilizada noutros projectos de desenvolvimento urbano.

5.2.3. Estratégia Cultural/desportiva

Procura novas formas de práticas urbanas que ligam instrumentos clássicos de planeamento às formas de activação cultural e desportiva. Utilizam o desporto e a cultura como forma de activação do espaço urbano, atraindo novos públicos a interagir com o espaço de maneira diferente.

5.2.3.1. Eichbaum



Figura 5.19. e 5.20. Eichbaum Oper

Eichbaum Oper é um projecto desenvolvido pelo atelier Raumlabor Berlin, um grupo de arquitectos berlineses, o seu trabalho encontra-se entre arquitectura e arte pública. Colaboração é uma parte fundamental de sua estratégia, junta especialistas, incluindo engenheiros, sociólogos, especialistas locais, etnógrafos e cidadãos, na investigação de estratégias para uma renovação urbana. O seu trabalho desenvolve-se especialmente no espaço público, cidades em transformação e nos limites entre público e privado, a seu ver o papel do arquitecto é o de destacar problemas, em vez de os tentar resolver. Os seus projectos funcionam como catalisadores, estabelecem um espaço de comunicação e de negociação, onde relações podem ser criadas e os conflitos libertados, para este grupo de arquitectos a arquitectura é antes de mais um fenómeno social.

Eichbaum Oper (figura 5.19. e 5.20.) foi uma transformação temporária da estação de metro Eichbaum numa casa de ópera. Eichbaum é um entroncamento entre a auto-estrada A40 e B1 e uma estação de metro. Quando foi construída nos anos 70, a linha de metro U18 representava um olhar optimista, que iria ligar dois portais industriais do noroeste: Essen e Mülheim. Esta linha de metro teve como objectivo criar uma perspectiva móvel e dinâmica para a região de Ruhr, mas essa conexão nunca foi concretizada. Durante alguns anos a plataforma da estação de metro albergou um pequeno mercado para agricultores de batata e de derivados dos ovos, actualmente é um espaço desertado, marcado pelo vandalismo, medo e má-fama (RICK 2011). Eichbaum pode ser encarado como modelo para a situação actual do distrito Ruhr, uma antiga região industrial que necessita novas soluções urbanas e sociais.

Durante três meses Eichbaum funcionou como casa de ópera, o projecto teve a colaboração dos vizinhos da estação, Ringlokschuppen Mülheim, Schauspiel Essen e o Musiktheater im Revier. Compositores convidados, libretistas e residentes locais compuseram librettos específicos para o local, neles ficaram expressos os seus medos, esperanças, sonhos e memórias. Em simultâneo o espaço da estação de metro foi palco de outros mini-projectos como o Opernbauhütte, um espaço para oficinas, sala de conferências, bar, cinema, galeria de arte, ponto de encontro, etc.



Figura 5.21. Eichbaum Countdown

Com Eichbaum Oper surgiu uma nova dinâmica, criaram-se relações que permitiram uma nova apropriação do espaço, a utopia real levou a um processo de identificação positivo, que transformou Eichbaum num lugar de aspirações diversificadas de uma sociedade urbana. Através deste primeiro contacto feito com a comunidade local foi possível discutir em conjunto os interesses, necessidades e sugestões de uso e explorar diferentes formas de activação. Iniciou-se uma nova fase do projecto, através de workshops interdisciplinares (cozinha, serigrafia t-shirt, a construção de uma câmara pneumática, sessão de fotos, análise antropológica urbana, construção de um modelo 1:1), que visavam descobrir como os jovens as possibilidades de apropriação do espaço(RICK 2011). Destes workshops, destacou-se o desejo de um grupo de jovens polacos do bairro, a conversão temporária da estação Eichbaum num ringue de boxe. Os jovens estabeleceram contacto com clube de boxe Mülheim-Dümpten, que apoiaram na sua experiência e compromisso entusiástico. Quando abriu em Outubro de 2010, todos os objectivos foram atingidos, Eichbaum Countdown (figura 5.21.) foi um campeonato regional de boxe, concertos, batalhas de rap, uma parede de graffitis, que colocou graffiters profissionais e jovens do bairro a pensar e desenhar uma das grandes paredes da estação de metro, como método experimental de prevenção de vandalismo, oficina para crianças e workshops de planeamento com planeadores urbanos. Foi um processo que deu bastante ênfase á identificação e participação dos jovens, através de uma abordagem criativa e imaginativa re-interpretou-se a estação Eichbaum. Este evento ofereceu á estação uma segunda transformação, através de uma nova abordagem espacial e socialmente diferente. Apesar de Eichbaum Oper ter funcionado apenas um verão, os combates de boxe, workshops e outros eventos continuam a acontecer no local sob a égide de voluntários locais.

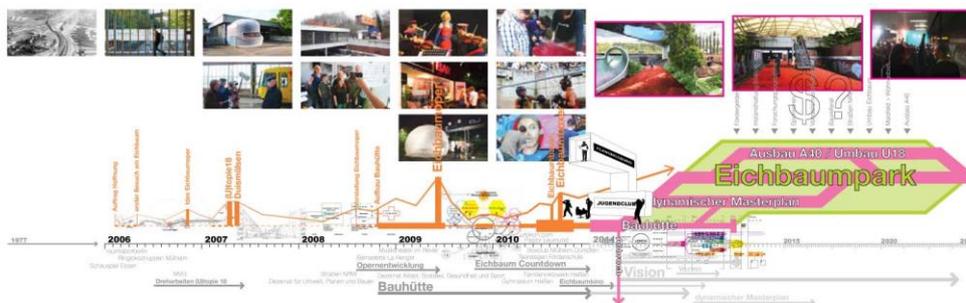


Figura 5.22. Eichbaumpark cronologia

Como consequência dos resultados positivos adquiridos pela estratégia aplicada, surge a vontade e necessidade de uma estratégia que desenvolva actividades no local a longo prazo (figura 5.22.), de maneira

a corrigir o processo de desenvolvimento urbano da zona. Inicia-se diálogo com a cidade de Mülheim (Departamento de construção social) e outras entidades com forte presença no local. Surge então o conceito de Eichbaumpark, um parque composto pelos espaços verdes e espaços em aberto ao redor da estação, a ser desenvolvido pelos jovens, moradores e actores regionais (RICK 2011). A sua intensão é promover a implementação espacial de actividades de carácter temporário ou estrutural, que estabeleçam novas relações com o seu contexto. Uma pesquisa e desenvolvimento dos espaços baseada na relação com o utilizador, de maneira realizar um processo de planeamento urbano, sustentado pela introdução da estrutura social local, através da implementação de diversas actividades em diferentes períodos de tempo.

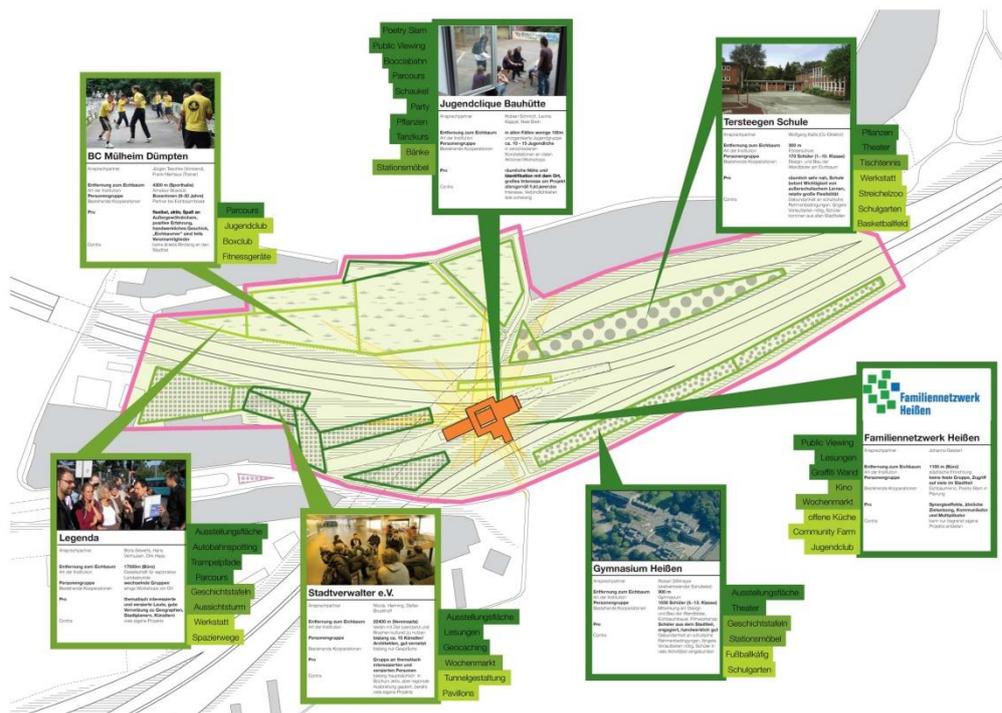


Figura 5.23. Mapa Eichbaumpark

O projecto Eichbaumpark (figura 5.23.), pode inicialmente, ser desenvolvido utilizando o fundo de manutenção e prevenção de vandalismo da estação Eichbaum e integrando-o como parte do orçamento da extensão da auto-estrada A40. Numa segunda fase o estudo de bolsas de financiamento que auxiliem a implementação de projectos individuais ou colectivos que se procurem fixar no parque.

Neste momento Eichbaumpark é apenas um conceito de desenvolvimento, encontra-se numa fase de discussão com as autoridades locais.

5.2.3.2. Mellowpark

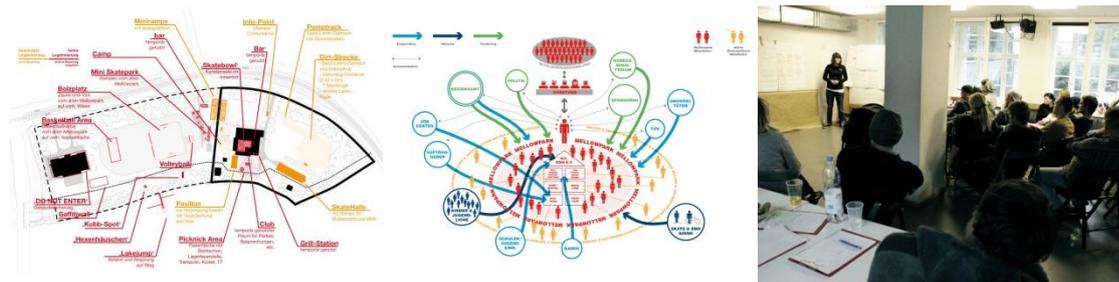


Figura 5.24., 5.25. e 5.26. Mapa de activação informal, Mapa da futura network e Workshop

Mellowpark é um dos maiores parques de bmx e skate da europa, em Köpenick arredores de Berlim. Este projecto iniciou-se em 1994 a partir da formação de uma associação All 1, composta por alguns jovens praticantes de skate e bmx, surge do seu desejo e necessidade de um espaço onde possam praticar as suas modalidades. Inicialmente ocuparam um espaço em Allende Viertel, o projecto foi desenvolvido com o objectivo de integrar a juventude e do desporto (WERNER 2010). Em 2000 ganhou o 1º prémio do concurso “Os jovens constroem a Nova Berlim” promovido pela cidade de Berlim. Pela necessidade de um espaço como este foi crescendo, inicialmente eram apenas algumas rampas de madeira e alguns montes de terra, nos anos seguintes surgiram campos de volei de praia, futebol e basquet, um skatepark e percurso com montes de terra. A importância de Mellowpark foi crescendo, chegou mesmo a acolher alguns campeonatos nacionais e internacionais de skate e bmx, até ao ano 2008 foi visitado por cerca de 20.000 pessoas(WERNER 2010). Em 2008 um grupo de investidores privados compram os terrenos ao redor do parque, onde planearam a construção de prédios para habitação. Com o argumento de que os futuros compradores das casas não iram gostar de morar perto de um skatepark instigaram o encerramento de Mellowpark. Após um ano de demonstrações e abaixos assinados, a câmara de Berlim decidiu que o Mellowpark seria encerrado no final de Dezembro de 2008 e realojado numa antiga fabrica de cabos com 7 hectares em Köpenick, próximo de rio Spree(WERNER 2010). Neste novo contexto o projecto requeria o planejar, organizar e legalizar Mellowpark , o arquitecto paisagista Klaus Overmeyer e o seu estudio Urban Catalyst, são convidados a intervir. Dado os anos de estudo e implementação de projectos pioneiros adquiriram um conhecimento profundo do potencial dos pioneiros espaciais, defendem que este tipo de projectos devem ser usados na activação e revitalização dos espaços urbanos, uma vez que é um campo frutífero de experiências de tipologias de uso do espaço.

Klaus Overmeyer colaborou na definição da estrategia de desenvolvimento interna do Mellowpark, como mediador do processo organizou um workshop de 10 dias o Mellowpark-Camp, onde se estabeleceu o diálogo entre os diferentes interesses e actores do novo espaço(WERNER 2010). O workshop teve como objectivo delinear a estrategia de desenvolvimento do parque, de forma faseada ao longo do tempo, respeitando as regras de construção e planeamento, os interesses da cidade de Berlim, dos políticos e dos moradores. O Mellowpark-Camp foi organizado para e com os jovens, permitiu-lhes identificarem-se com o novo espaço e formar uma nova geração de jovens comprometidos e activos. Foram criados vários grupos de trabalho: o grupo terreno, projecto, marca/comunicação e net-work que individualmente ou com outros

grupos discutiram e apresentaram propostas de ocupação de espaço, novos projectos inovadores de dinamização do espaço, criaram uma imagem de marca, um logo, identificaram a net-work que influencia o espaço e estudaram como pode ser ampliada a um maior número de pessoas. Foi um processo acompanhado por especialistas de várias áreas como sociólogos, empresários, arquitectos, assistentes sociais, engenheiros, políticos, jornalistas e especialistas em marketing, o seu conhecimento técnico permitiu enquadrar as ideias dos jovens no quadro legislativo (figura 5.26.). Um dos grandes desafios deste workshop foi o de compatibilizar a estratégia formal solicitada pelos órgãos de administração da cidade de Berlim com as práticas de carácter espontâneo e de apropriação que é característica da intervenção dos jovens.

O trabalho desenvolvido no Mellowpark-Camp permitiu formalizar a sua estratégia de desenvolvimento, o parque abriu oficialmente ao público em Agosto de 2012 com infra-estruturas necessárias para a prática de skate e bmx, um centro para a juventude gerido pela associação All 1, onde se organizam eventos, oficinas e viagens para jovens, um estudio de gravação, uma oficina de serigrafia, um café e uma pequena pousada(figura 5.24.). Para além destas actividades o Mellowpark procura acolher e incentivar o empreendedorismo jovem, aqui se formou um empresa de construção de rampas para skate e bmx, responsável pela construção das ramps do parque

5.2.4. Estratégia Económica

Esta estratégia tem como principal objectivo criar espaço público com uma economia própria. São projectos autónomos, a sua dimensão económica é pensada desde a sua base de maneira a assegurar os rendimentos dos seus intervenientes e não depender de subsídios ou incentivos do estado. São exemplos de activação de espaço público e ao menos tempo formas alternativas de criação de postos de trabalho.

5.2.4.1. Prinzessinnengarten



Figura 5.27. e 5.28. Prinzessinnengarten

Prinzessinnengarten (figura 5.27.) é um jardim comunitário móvel, situado em Moritzplatz no bairro de Kreuzberg em Berlim. Desde a construção do muro de Berlim Moritzplatz é um espaço em aberto deixado ao abandono, no centro do bairro de Kreuzberg, um dos bairros mais pobres e com a maior número de habitantes emigrantes em Berlim. No Verão de 2009 Robert Shaw, cineasta e Marco Clausen, fotografo iniciaram o Prinzessinnengarten como projecto piloto, a sua ideia era transformar temporariamente espaços em desuso na cidade como estaleiros de obras, parques de estacionamento e telhados em hortas urbanas e pontos de encontro (MULLER 2011). Com a ajuda de amigos e dos vizinhos limpam os 6.000 metros quadrados de terreno abandonado em Moritzplatz e transformaram-no num jardim urbano, café, restaurante (figura 5.28.), mercado e biblioteca.

Uma vez que a câmara de Berlim só permitiu o aluguer do espaço por um ano as plantações são feitas em sacos de arroz, pacotes de leite e caixas de plástico, o que permite um sistema dinâmico, que pode ser transportado para um novo local, caso seja necessário.

O conceito do projecto procura aproximar a comunidade local do seu espaço público, estimulando práticas de cultivo e o respeito pelo ciclo de crescimento dos alimentos. Desde o início da sua transformação o Prinzessinnengarten cativou o interesse de um vasto leque de pessoas: desde o especialista, que se interessa pelo carácter público e prático do projecto, os jovens que têm um novo espaço recreativo e cultural na cidade, aos vizinhos emigrantes turcos que veem no espaço a possibilidade e cultivarem as sementes que trazem do seu país (MULLER 2011).

Apesar do seu carácter público o Prinzessinnengarten não tem apoios do estado, é um projecto auto-sustentado, o seu lucro provem da exploração do café/restaurante, do pequeno mercado e da empresa de catering, que confecciona refeições para eventos. Todos os produtos vendidos no Prinzessinnengarten são das suas hortas, do resultado do trabalho de funcionários, voluntários e visitantes. O trabalho desenvolvido nas hortas é compensado com um desconto nos produtos do café/restaurante e do pequeno mercado, os

funcionários e voluntários do Prinzessinnengarten acabam por comprar legumes e vegetais mais baratos do que no supermercado.

Moritzplatz converteu-se num local para trabalhar, aprender e relaxar. Actualmente debate-se sobre o futuro do terreno de Moritzplatz, por um lado Robert Shaw, Marco Clausen e os cerca de 29917 apoiantes da sua petição(até 08.12.2012) procuram a possibilidade de ter o alargamento do contrato de aluguer do terreno por mais 5 anos, por outro lado a câmara de Berlim tem o intuito vender o terreno para construção de prédios de habitação. O futuro deste projecto ainda é incerto.

5.2.5. Estratégia Educacional

É uma abordagem que procura desenvolver recursos alternativos de ensino, afasta-se de um sistema de ensino puramente acadêmico e desenvolve um modelo de aprendizagem baseado na prática. Esta prática procura preparar melhor os alunos para a sua vida profissional, os alunos aprendem a trabalhar de forma colaborativa (prática colectiva) e desenvolvem a sua capacidade de negociação.

5.2.5.1. Die Baupiloten



Figura 5.29., 5.30. e 5.31 Taka Tuka Land Day Care Centre

Die Baupiloten é uma cadeira do curso de arquitectura leccionada pela arquitecta Susanne Hofmann, na Technische Universität Berlin, procura combinar a pesquisa, educação e prática. O papel do professor nesta cadeira passa pela responsabilidade de encontrar possíveis projectos e clientes, apoiar e supervisionar o trabalho desenvolvido pelos alunos. Numa fase inicial os alunos desenvolvem projectos individuais, onde promovem o envolvimento da comunidade local, através de workshops, sessões de desenhos e modelos. Na segunda fase é desenhado, colaborativamente, um projecto final, que reúne várias ideias e elementos dos projectos individuais dos alunos. Na fase final de construção do projecto, cada aluno assume a responsabilidade por fiscalizar determinada parte do projecto, a construção é executada por construtores profissionais(AWAN 2011:109).

Baupiloten é um dos poucos exemplos na formação de arquitectura, onde os estudantes desenvolvem um design, gerem e implementam o projeto. A execução destes projectos é garantida pela mediação e supervisão da professora Hofmann e aprovação da universidade, o que faz de Baupiloten uma opção viável para os clientes.

A maioria dos projectos realizados pelos Baupiloten são adaptações de jardins infância e escolas, espaços que estão a ser renovados por um programa de reestruturação em curso pelo sistema escolar alemão. As funções dos jardins infância e das escolas têm vindo a alterar-se ao longo dos tempos, as escolas permanecerem abertas durante todo o dia e os jardins infância têm um papel mais definido no ensino, os edifícios existentes necessitam de ser adaptados(AWAN 2011:110).

O projecto Taka Tuka Land Day Care Centre (figura 5.29 e 5.30.), em Spandau Berlim, é um exemplo das adaptações feitas pelos Baupiloten. Taka Tuka Land é o título do livro da Pipi das Meias Altas de Astrid Lindgren, que não deu só o nome ao jardim de infância, como também serviu de base conceptual para a transformação do espaço. Através de um processo interactivo adaptado á idade das crianças, foi possível a expressão de necessidades complexas e subconscientes, bem como idéias que muitas vezes são difíceis de

comunicar. Este processo permitiu às crianças conceber a sua própria visão de "Taka-Tuka-Land". Os Baupiloten através de colagens e modelos arquitectónicos apresentaram as suas soluções às crianças e pais interessados, promovendo um envolvimento directo dos utilizadores no projecto de renovação do seu espaço.

O projecto consistiu em sete intervenções (figura 5.31.) que fumentam a interactividade e comunicação, pontos de contacto onde as crianças podem interagir e brincar. Nas salas as janelas foram aumentadas para permitir maior interacção com o exterior e maior captação de luz solar. Metaforicamente o limoeiro da história da Pipi das Meias Altas é transformado numa fachada interactiva, uma estrutura de escalada oblíqua feita de madeira de carvalho pintada de verde e coberta por membrana amarela, que cria vários espaços para as crianças se esconderem(AWAN 2011:110). A cor amarela é dominante neste projecto, é associada á limonada, é utilizada no corredor da entrada, onde as crianças têm um expositor para mostrar aos pais os seus ultimos trabalhos; nos armários do salão, onde guardam a sua roupa; na "ilha da limonada", uma instalação onde se brinca ás escondidas e ás escaladas; e nas estruturas exteriores introduzidas na fachada.

O custo de construção foi extremamente baixo, devido à reciclagem de material e da reutilização de material do edifício danificado.

5.3. Projectos desenvolvidos

Neste capítulo são apresentados projectos desenvolvidos em paralelo com a tese, procuram colocar em prática a teórica desenvolvida nesta tese. São o resultado de oportunidades que surgiram no meu percurso pessoal como arquitecta paisagista, não se restringem a um espaço ou a um grupo de trabalho, são antes o resultado de uma procura de circunstâncias e condições que favorecem formas alternativas de ver e intervir no espaço e na paisagem.

5.3.1. Berlin/Berlin- corporative/cooperative



Figura 5.32., 5.33. e 5.34 Based in Berlin

Berlin/Berlin é um projecto desenvolvido pelo atelier Raumlabor Berlin no qual eu participei como estagiária no atelier. Foi o projecto vencedor de um concurso internacional, onde foi encomendado o design para uma exposição temporária de arte, que teria lugar no Verão de 2011 em Humboldthafen, um espaço em aberto desde os anos 40, junto à estação principal de Berlim (Hauptbahnhof). Exposição de 80 jovens artistas berlinenses, uma iniciativa que procurava representar “the Berlin art scene”, foi promovida pelo Departamento da Cultura e presidente da câmara de Berlim, Klaus Wowereit, com curadoria de cinco jovens curadores berlinenses, sobre a orientação e suporte de Klaus Biesenbach, Hans Ulrich Obrist e Macel Christine.

Humboldthafen, até ao final dos anos 30, foi cenário da Landesausstellungshallen, uma das maiores exposições anuais de Berlim, onde foram expostos todos os artistas de renome da Bauhaus dos anos vinte. Desde os anos 40 até ao final dos anos 80 foi atravessado pelo muro de Berlim. Com seu peso histórico Humboldthafen prometia ser o local perfeito para a nova “Berliner Kunsthalle”.

Em vez de se optar pelo design de um espaço homogéneo para acomodar sob o mesmo tecto os artistas, optou-se por um design mais heterogéneo composto por diferentes elementos espaciais, materiais e atmosferas (figura 5.35.). Através da utilização de elementos como contentores (figura 5.33. e 5.34.), gruas, carrinhas de mudanças, estufas, caravanas (figura 5.32.), casas e garagens pré-fabricadas, objectos muito recorrentes nas ruas de Berlim, mas muitas vezes ignorados, procurava-se sublinhar o carácter temporário da exposição. A participação dos artistas era fundamental na definição dos elementos a utilizar e na sua disposição no espaço, reinterpretando estes objectos quotidianos em espaços que albergariam a sua arte.

O conceito deste design basea-se na cooperação entre os artistas seleccionados e empresas berlinenses, que foram convidadas a fornecer gratuitamente os seus produtos, bem como elementos infra-estruturais, como casas de banho, cabos, energia eléctrica, água, etc durante o período da exposição. Não se tratava apenas de um patrocínio, era considerado um compromisso que a cidade de Berlim ofereceria a ambos.

Uma cooperativa engenhosa entre a cidade empresarial e da cidade da arte, que permitia a construção de uma exposição a baixo custo e destinar a maior parte do orçamento aos artistas para produção e disposição dos seus projetos.

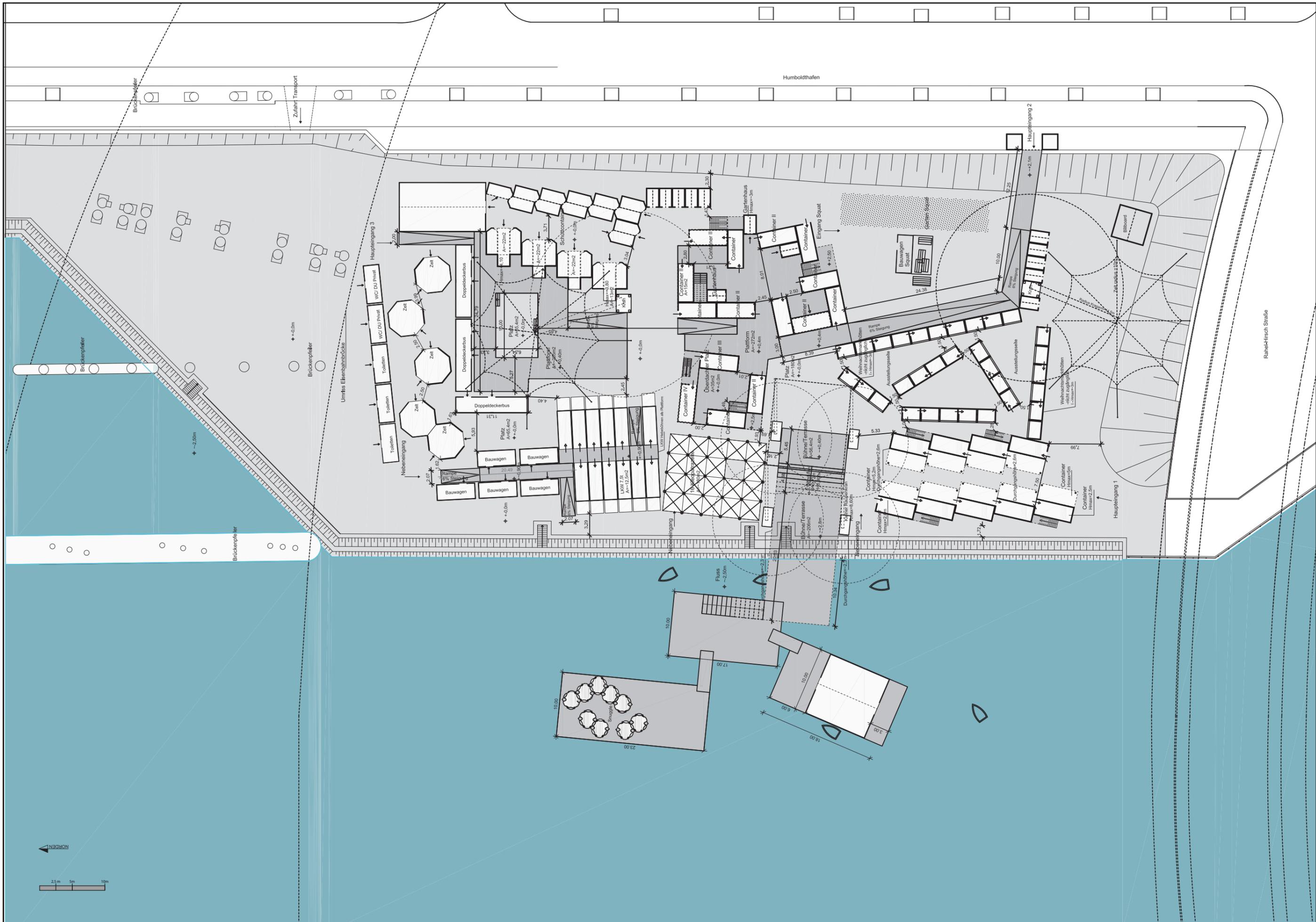
Desde a formulação do concurso da exposição até á sua abertura, foi um processo carregado de polémicas. Foi formada desde logo uma forte oposição ao desenvolvimento desta exposição por parte dos artistas que não queriam ser utilizados como ferramentas para acções populistas do governo. Entre manifestações e abaixos assinados cerca de 2500 artistas reclamaram vários tópicos do seu desagrado levados acabo no processo de desenvolvimento da exposição que pretendia representar a arte da capital.

- A instrumentalização da arte;
- A verba de 1,6 milhões de euros disponíveis para o evento.
- O carácter temporário da intervenção;
- Os critérios de selecção dos 80 artistas;

Desde o início é posto em causa o súbito interesse do presidente da camara de Berlim, Klaus Wowereit na “Berlin art scene”, este é acusado de ignorar e falhar no apoio ás artes durante todo o seu mandato. A sua iniciativa de construir a nova “Berliner Kunsthalle” foi considerada uma medida oportunista que tinha como intuito redimir a sua prestação, uma vez conhecido o seu interesse em re-candidatar-se ás eleições autárquicas do ano seguinte.

Berlim é a capital europeia com mais artistas, este fenómeno deve-se ás rendas baratas que se praticavam na cidade nos anos 80 e 90, o que permitiu a fixação de artistas nacionais e estrangeiros, este fenómeno que tem vindo a diminuir nos últimos anos pelo sucessivo aumento das rendas. Apesar da influência cultural da cidade o orçamento anual para a cultura é de 4 milhões de euros, a verba apresentada por Klaus Wowereit de 1,6 milhões de euros foi considerada excessiva para uma exposição temporária, que seria construída num terreno com um projecto imobiliário aprovado e com inicio no final do verão do mesmo ano. Outro ponto de controvérsia foram os critérios de selecção dos artistas, num concurso em que concorreram 1250, apenas 80 foram seleccionados, os artistas argumentaram que a verba apresentada para o evento poderia acolher um número muito maior de artistas.

O projecto de design do espaço da exposição que desenvolvi no estúdio Raumlabor Berlin não foi implementado por decisão dos curadores, estes a três meses do início da exposição decidiram desloca-la para Monbijoupark e para outras instituições culturais espalhadas pela cidade. A drástica mudança de planos por parte dos curadores, deve-se provavelmente a um corte orçamental na verba disponível para o evento. A exposição “Based in Berlin” estreou a 10 de Junho de 2011 num formato bastante diferente do que foi concebido inicialmente.



Designação	Mapa Based in Berlin		
Data	Mar 2011	Desenho	Figura 5.35.

5.3.2. Cinema na Parede



Figura 5.36. e 5.37. Cinema na Parede

Cinema na Parede foi uma iniciativa promovida pela associação Chão de Gente da qual sou membro, uma associação sem fins lucrativos criada em 2011, composta por pessoas com formações e interesses diversos: arquitectura paisagista, arquitectura, engenharia do ambiente, agricultura, antropologia, sociologia, biologia, entre outras, reunidas por vontade de trabalhar sobre o chão de diferentes gentes. Promovemos projectos que estimulem o desenvolvimento das comunidades e dos ecossistemas. Abrangendo diversas escalas, do território aos núcleos urbanos, pretendemos que cada projecto resolva problemas locais, tendo em conta o contexto global, trabalhando paralelamente com as comunidades, sistemas de gestão de recursos naturais, tecnologias inovadoras (energia, água e saneamento), soluções low cost de construção e manutenção de projectos, criação de oportunidades económicas e potenciais forças criativas.

A iniciativa cinema na parede, procurava o reavivar da memória de um espaço em aberto á mais de 40 anos. O antigo cinema parque Oceano, mais conhecido como “cinema da rua”, foi desactivado nos anos sessenta, ali permaneceu o ecrã com o tag: “Desliga a televisão. Liga a tua visão.” e um terreno tomado por plantas pioneiras. Com o apoio e participação de alguns moradores da parede quisemos chamar a atenção para o espaço e promover o debate em torno do seu futuro.

Numa primeira abordagem limpamos parcialmente o terreno de ervas daninhas e contactamos com alguns dos vizinhos do espaço, onde os informamos das nossa intenções, o nosso interesse de através de uma acção directa conduzir o debate sobre uma re-apropriação e reinterpretação do espaço. Protege-lo da privatização e especulação tão característica de terrenos com as mesmas carecterísticas. Desde esse primeiro contacto os vizinhos mostraram-se disponíveis para ajudar no que fosse necessário.

Após a limpeza parcial do terreno montamos, com paletes de madeira reutilizadas, uma estrutura de apoio á projecção de um filme (figura 5.36.) e com o empréstimo da electricidade de um dos vizinhos, estavamos preparados para estrear o cinema na parde. Para a primeira projecção (figura5.37.), foram convocados moradores da Parede e todos os interessados numa sessão de cinema ao ar livre. No final da sessão trocaram-se contactos e referências dos interessados em participar em novas iniciativas.

Apesar de ter sido apenas um evento, o cinema na parede foi um ponto de encontro entre a geração mais velha, que têm na memória os seus tempos de infância ou adolescência no antigo cinema parque Oceano e uma geração mais novas que não tem memória do cinema, mas uma enorme curiosidade por um espaço em aberto com um grande ecrã de pedra com o tag: “Desliga a televisão. Liga a tua visão.” A adesão por parte da população a uma iniciativa com um carácter transgressor e o seu interesse em discutir um futuro para o espaço foi uma surpresa positiva. Um grupo de entusiastas formalizou uma proposta de candidatura de “Requalificação do Parque Oceano” para o Orçamento Participativo Cascais 2012, a proposta foi

rejeitada, com a justificação de que o terreno objecto da proposta não é do domínio municipal, ou seja é um terreno privado em que a câmara não pode exercer qualquer acção.

5.3.3. R.U.A.- Rede Urbana de Agricultura



Figura 5.38. e 5.39. Desenhos da intervenção na cerca do Convento da Graça

R.U.A._ Rede Urbana de Agricultura foi um projecto desenvolvido com a associação Chão de Gente, partiu de um desejo colectivo de pensar o presente e o futuro da cerca do convento da Graça, um dos maiores espaços verdes no centro de Lisboa que juntamente com os terrenos adjacentes ao Teatro Taborda, formam o espaço de maior dimensões em toda a encosta do Castelo e Mouraria. Os 7000 m2 da cerca do antigo convento dos monges de Santo Agostinho foram cedidos à Câmara Municipal de Lisboa, que planeou a sua abertura ao público como um jardim. A nosso ver o espaço podia ser mais do que um jardim, devia ser um espaço vivido e permanentemente utilizado por quem habita ao redor da Cerca, imaginamos a Cerca como espaço de produção e recreio (figura 5.38. e 5.39), reavivando a utilização que já teve ao longo de séculos.

R.U.A. pretendia ser um local onde se experimenta e se reinventa a prática de agricultura urbana. Um local onde se reúnam agricultores urbanos e candidatos a tal. Onde se pensa em novos sistemas de rega, em recolha e poupança de água. Onde se escolham, colecionem e salvaguardem sementes. Onde se experimentem velhas e novas variedades de legumes e fruta. Onde se pense o que pode ser a agricultura dentro de uma cidade. Onde se imaginam estratégias e de onde, mais do que teorias, saiam práticas. Um local de encontro para os horticultores dos Vales de Chelas, dos taludes do IC19, das hortas de transição de Telheiras aos novos parques agrícolas criados pela Câmara Municipal de Lisboa. Um local de encontro, de experimentação, de difusão. Procurando reunir investigadores e inventores. Um local que por si só seja exemplo daquilo que pode ser a agricultura urbana numa cidade, e de como a investigação, a inovação, a experimentação e a partilha podem ser úteis para quem quer produzir legumes em Lisboa.

O projecto R.U.A. pretendia ser um laboratório de pesquisa e implementação com enfoque na agricultura urbana, combinando:

- Investigação agronómica
Centro de apoio técnico aos agricultores e de divulgação de informação referente aos solos, técnicas de plantio, uso da água, tipos de cultivares, métodos de produção, entre outros. Esta

acção seria fruto de uma colaboração com instituições como o Instituto Superior de Agronomia, com o intuito de estabelecer uma relação mais directa entre o conhecimento científico, o agricultor urbano e o cidadão.

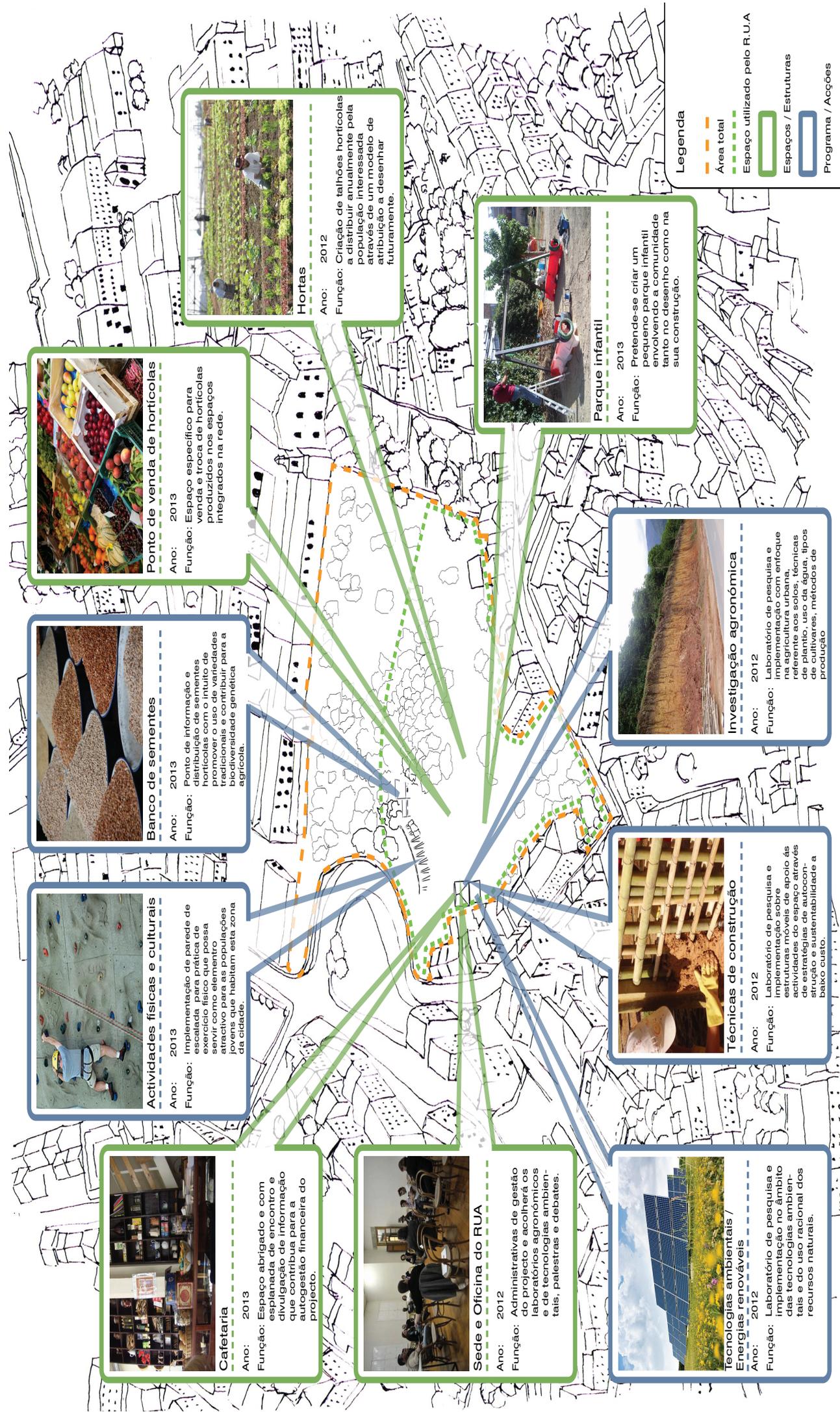
- Banco de sementes
Em colaboração com a Associação Colher Para Semear - Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais preveu-se criar um ponto de informação e distribuição de sementes hortícolas com o intuito de promover o uso de variedades tradicionais e contribuir para a biodiversidade genética agrícola.
- Tecnologias ambientais / Energias renováveis
Laboratório de pesquisa e implementação no âmbito das tecnologias ambientais e do uso racional dos recursos naturais. Com a intenção de desenvolver intervenções específicas, como um sistema de rega com recolha e armazenamento de água da chuva e tecnologias solares para produção de energia. O parceiro principal desta acção seria a ONG Cientistas do Mundo sediada em Lisboa, que tem por objectivo global a promoção da ciência e da tecnologia.
- Técnicas de construção
Laboratório de pesquisa e implementação das estruturas de apoio às actividades do espaço através de estratégias de autoconstrução a baixo custo. Implementação prática através da construção de mobiliário e equipamento necessário ao funcionamento do espaço como bancos, mesas (para picnics, jogar á sueca etc), apoios para alfaías agrícolas. Espaço de divulgação de investigação de 'arquitecturas de auto-sobrevivência' com universidades e grupos ligados a esta área.

A Cerca do convento da Graça foi pensado como jardim público, parque hortícola, parque infantil, sede e oficina do R.U.A., como uma cafetaria e ponto de venda de hortícolas.

- Parque hortícola
Criação de 70 talhões hortícolas com cerca de 50-100 m² cada um a distribuir anualmente pela população interessada através de um modelo de atribuição a definir. Os talhões poderiam ser atribuídos a entidades colectivas como escolas e associações e a particulares. O número significativo de hortelãos associados permitirá uma dinâmica de partilha e inter-ajuda forte.
- Parque infantil
Pretendia-se criar um pequeno parque infantil envolvendo a comunidade tanto no desenho como na sua construção.
- Sede e Oficina do R.U.A.
Pretendia-se recuperar a antiga casa do sargento utilizando soluções técnicas que o convertessem num edifício auto-suficiente em relação aos consumos de água e energia. Este espaço suportaria as funções administrativas de gestão do projecto e acolheria os laboratórios agronómicos e de tecnologias ambientais, uma oficinas, uma cafetaria e um ponto de venda de hortícolas produzidos

nos espaços integrados na rede. Seria também um espaço para o desenvolvimento de palestras, debates e como centro de convergências dos diferentes projectos envolvidos na rede RUA.

Este projecto (figura 5.40.) foi apresentado a membros da Câmara Municipal de Lisboa, apesar do seu interesse nas ideias que foram apresentadas informaram-nos que o convento da Graça era um espaço com projecto já aprovado. Mesmo sabendo que a Câmara Municipal de Lisboa não possui dinheiro para executar o projecto, esta não se mostrou aberta a uma ocupação temporária do espaço.



Cafetaria
 Ano: 2013
 Função: Espaço abrigado e com esplanada de encontro e divulgação de informação que contribua para a autogestão financeira do projecto.

Sede e Oficina do RUA
 Ano: 2012
 Função: Administrativas de gestão do projecto e acolherá os laboratórios agronómicos e de tecnologias ambientais, palestras e debates.

Tecnologias ambientais / Energias renováveis
 Ano: 2012
 Função: Laboratório de pesquisa e implementação no âmbito das tecnologias ambientais e do uso racional dos recursos naturais.

Actividades físicas e culturais
 Ano: 2013
 Função: Implementação de parede de escalada para prática de exercício físico que possa servir como elemento atractivo para as populações jovens que habitam esta zona da cidade.

Banco de sementes
 Ano: 2013
 Função: Ponto de informação e distribuição de sementes hortícolas com o intuito de promover o uso de variedades tradicionais e contribuir para a biodiversidade genética agrícola.

Ponto de venda de hortícolas
 Ano: 2013
 Função: Espaço específico para venda e troca de hortícolas produzidos nos espaços integrados na rede.

Hortas
 Ano: 2012
 Função: Criação de talhões hortícolas a distribuir anualmente pela população interessada através de um modelo de atribuição a desenhos futuramente.

Parque infantil
 Ano: 2013
 Função: Pretende-se criar um pequeno parque infantil envolvendo a comunidade tanto no desenho como na sua construção.

Investigação agronómica
 Ano: 2012
 Função: Laboratório de pesquisa e implementação de enfoque referente aos solos, técnicas de plantio, uso da água, tipos de cultivares, métodos de produção

Técnicas de construção
 Ano: 2012
 Função: Laboratório de pesquisa e implementação de estruturas móveis de apoio às actividades do espaço através de estratégias de autoconstrução e sustentabilidade a baixo custo.

Legenda

- Área total
- Espaço utilizado pelo R.U.A
- Espaços / Estruturas
- Programa / Acções

5.3.4. YesWeCamp Marselha 2013

Porque em Marselha?

Desde 1995 iniciou-se em Marselha um projecto de renovação urbana, o Euroméditerranée, um grande projecto de requalificação urbana que incidiu principalmente no bairro La Joliette. O grande objectivo desde projecto foi elevar o pontencial já existente do porto de Marselha e construir ao seu redor um polo económico e empresarial. O culminar das obras coincidiu com o início das comemorações do evento Marseille-Provence 2013 Capital Europeia da Cultura.

A Capital Europeia da Cultura foi um conceito introduzido em 1983 pela ministra da cultura grega Melina Mercouri, a sua ideia foi criar um evento que fortalecesse uma identidade e cultura europeia. Para Melina Mercouri a cultura é a alma da sociedade, a seu ver, o factor determinante de uma identidade Europeia assenta no respeito da diversidade de culturas e na necessidade de criar um diálogo entre as culturas europeias.

A Capital Europeia da Cultura foi desenvolvida como ferramenta, permitindo aos cidadãos da Europa serem mais do que espectadores, participar, entender, sentir, definir e modelar novas idéias e relações no processo de uma Europa politicamente unificada. Trata-se de um lugar de encontro para discussão, troca de ideias e de comunicação, onde artistas, intelectuais e cientistas com o seu trabalho e esforço conjunto promovem um pensamento europeu. Com este ponto de vista a Capital Europeia da Cultura apresenta um programa que prevê a participação do público em grande escala, o seu objectivo é atrair não só uma população local e nacional, mas também turistas de outros países.

Ao acolher este evento a cidade tem a oportunidade de comemorar e mostrar a singularidade da sua cultura, criatividade, o lugar e as pessoas, tanto dentro do seu país de origem como para o exterior. Este evento têm sido utilizado como catalisador para o desenvolvimento de cidades :

- regeneração urbana das cidades
- elevar o seu perfil internacional e melhorar a sua imagem aos olhos de seus próprios habitantes
- promover a participação da comunidade local, e permitir um sentimento de orgulho sociais
- dar uma nova vitalidade à sua vida cultural
- elevar o seu perfil internacional, estimular o turismo e melhorar a sua imagem aos olhos de seus próprios habitantes.

Os propósitos da Capital Europeia da Cultura e as recentes remodelações feitas na cidade de Marselha vêem exacerbar o seu caracter de porto internacional, estas condições tornaram Marselha um cenário perfeito para realizar a ideia desenvolvida pelo projecto YesWeCamp.

A ideia

A ideia do projecto YesWeCamp surge do encontro entre Olivier Bedu, criador de Cabanon Vertical e Eric Pringels, um dos fundadores de Marseille 2013 OFF, o seu intuito foi desenvolver um projecto cultural utópico e alternativo ás propostas oferecidas pela programação oficial de Marseille-Provence 2013. Consistiu numa proposta activa, isto é não se apresentou vinculada a nenhuma encomenda institucional, foi formada a associação YesWeCamp, apresentado o seu projecto para a obtenção de financiamentos e só á medida que o projecto se foi materializando foi se criando o colectivo.

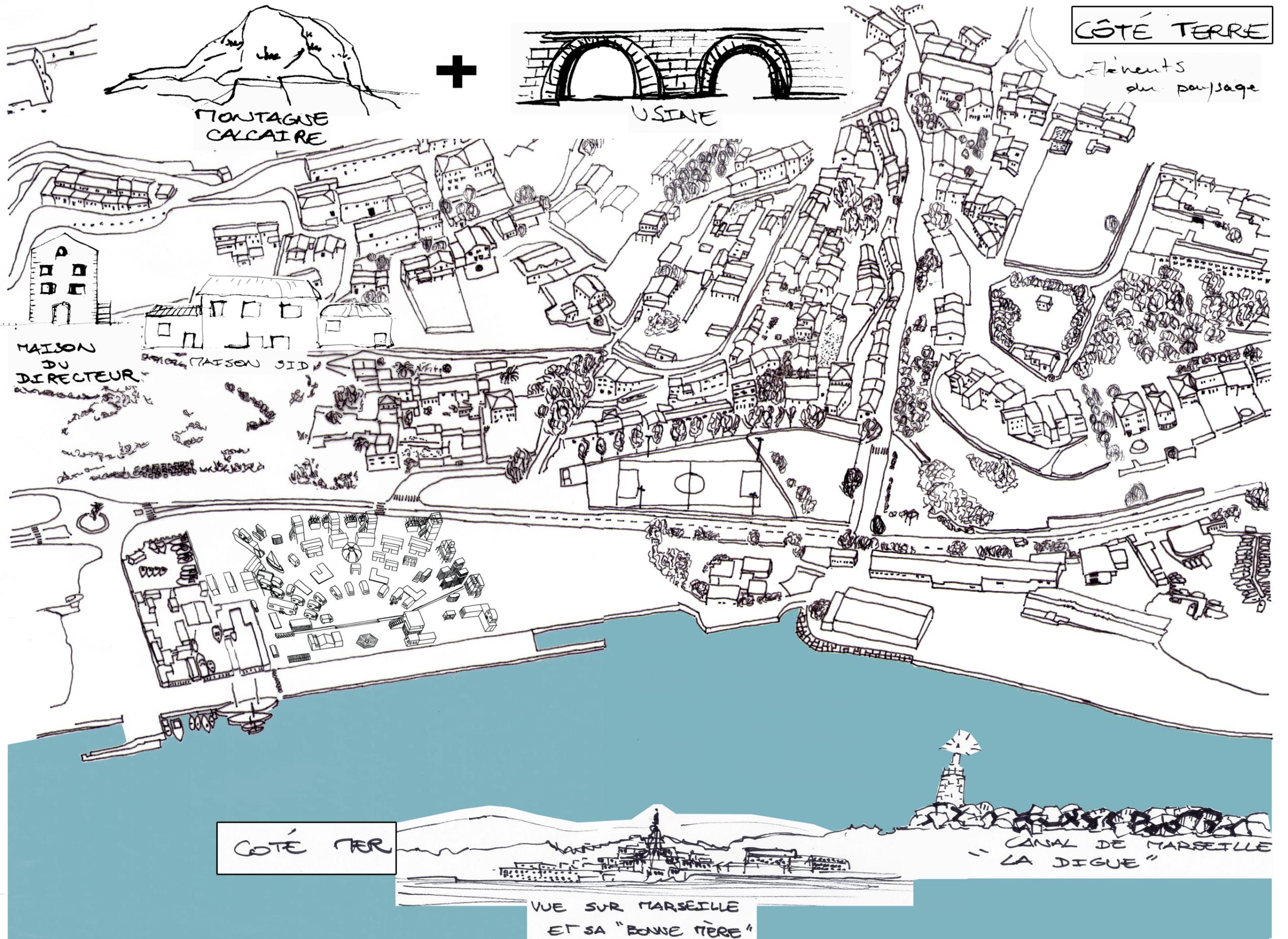
YesWeCamp Marselha 2013 veio preencher uma das lacunas da cidade de Marselha, a necessidade de um acampamento nas imediações da cidade para acolher vizinhos, visitantes, artistas e campistas.

YesWeCamp foi projectado como um pequeno bairro, um laboratório experimental com a sua própria dimensão económica, ecológica e social. Não consistiu simplesmente num acampamento urbano (com dormitórios, caravanas, espaço para tenda, camas de rede, etc) foi também um espaço de entretenimento diário (com workshops, palestras, exposições), um lugar para residências de artistas e um local de festas e eventos com uma programação bastante variada.

L'Estaque- Espaço de intervenção

YesWeCamp foi construído no Quai de la Lave (figura 5.41.), em l'Estaque, o 16º bairro de Marselha, uma zona residencial limítrofe noroeste da cidade. L'Estaque é subúrbio norte de Marselha, um bairro social conhecido pelos seus problemas de violência e marginalização, constituído por uma grande multiplicidade de culturas e comunidades emigrantes, que por estas circunstâncias apresentam um grande sentido de pertença e afirmação territorial. Um dos grandes objectivos do projecto foi trazer um programa cultural para esta área de Marselha tão problemática e por este motivo excluída do programa desenvolvido pela Marseille-Provence 2013.

L'Estaque é frequentemente dividida em L'Estaque-praia situada ao longo da costa, antigo bairro de pescadores, onde se encontra grande parte do comércio, o porto e as praias, e L'Estaque-estação desenvolvida mais a partir do século XIX entorno da estação de comboios. Foi construída no sopé de uma montanha de calcário, até finais do século XIX foi um vilarejo de famílias de pescadores e agricultores. No final do século XIX até o início da primeira guerra mundial L'Estaque-praia era conhecido como local de turismo da burguesia marselhesa, que chegou ao fim pela forte industrialização e conseqüente poluição desta zona. Nos anos 50 todos os bairros norte de Marselha sentiram fortemente a recessão, a industria do cimento e productos químicos foram o maiores empregadores da região, empregavam principalmente mão de obra imigrante e sem qualificação. Muitos trabalhadores construíram as suas habitações de forma precária ao redor das suas fábricas, o que deu origem a muitos bairros de lata. A questão dos bairros de lata em L'Estaque só foi resolvida no início dos anos 80, foram construídos prédios de habitação social, L'Estaque – Saumaty.



CÔTÉ TERRE

Éléments du paysage

MONTAGNE CALCAIRE

USINE

MAISON DU DIRECTEUR

MAISON SIDA

CÔTÉ MER

VUE SUR MARSEILLE ET SA "BONNE MÈRE"

CANAL DE MARSEILLE "LA DIGUE"

Um projecto faseado e participativo

O desenho do espaço passou por várias fases (figura 5.42.), este foi sendo alterado várias vezes. Numa primeira fase fez-se um apelo a proposições, as estruturas escolhidas foram integradas no desenho inicial do espaço. Quando as construções foram iniciadas alguns dos projectos escolhidos mostraram que não eram viáveis e exequíveis, outros foram abandonados uma vez que pela lei não podiam ser construídos dentro das normas de segurança, o que levou a algumas alterações do plano do projecto. A fase de construção do projecto foi previsto demorar cerca de um mês a ser finalizado, o que não foi possível, as construções e pequenas alterações de plano foram prolongadas por mais 2 meses.

YesWeCamp foi um grande exercício de participação, os projectores criaram as condições base para a desenvolvimento de um projecto a uma escala territorial bastante grande, á responsabilidade de uma associação com meios humanos insuficientes para levar para a frente esta ideia. YesWeCamp foi construído e gerido essencialmente por mão de obra voluntária, integrada na organização já existente, todos os participantes tiveram a possibilidade de introduzir a sua visão pessoal do projecto e contribuir com os seus conhecimentos. Nicolas Detrie o director da associação procurou criar uma plataforma de participação o mais horizontal possível, ocorreram varias reuniões gerais abertas onde eram convocados todos os participantes a discutir os problemas e as soluções que o projecto requeria. A um certo momento do projecto foi criado um sindicato o "sidicanet" que tinha como objectivo reivindicar as condições de trabalho e os direitos dos voluntários. Para uma melhor organização e definição das funções e responsabilidades de cada membro, foi introduzida uma classificação dos utilizadores do espaço:

- voluntários
- responsáveis
- artistas
- campistas
- aderentes

A responsabilidade da construção, gestão e manutenção do espaço ficou ao cargo essencialmente dos voluntários, a gestão e organização dos voluntários mostrou-se um dos maiores desafios do projecto. YesWeCamp acolheu cerca de 500 voluntários nacionais e internacionais, inseridos no programa de woofing e divulgado através da internet. Na fase inicial de construção os voluntários prestaram auxílio nas diversas construções projectadas por artistas convidados a intervir no espaço. No que diz respeito ao trabalho desenvolvido pelos voluntários, esta foi provavelmente a fase mais estimulante, todos os voluntários adquiriram um conhecimento prático e a possibilidade de se envolverem num pequeno projecto, ajudar na sua construção e observar o seu desenvolvimento, o que se desenvolveu num sentimento de pertença com espaço. A abertura do camping ao público iniciou uma nova fase de tarefas para os voluntários: restauração, bar, manutenção e recepção de campistas, artistas e turistas. As actividades de construção tiveram uma presença constante ao longo do evento com workshops que tinham como objectivo melhorar as condições do acampamento. Na fase final do acampamento os voluntários foram responsáveis por toda a desmontagem, venda e transporte do material para outras associações.

A classe dos responsáveis definiam as tarefas diárias a ser executadas pelos voluntários e exerciam um papel de mediação interna e externa.

Os artistas foram convidados a desenvolver projectos criativos e residências no espaço, a sua presença dinamizou o quotidiano do acampamento.

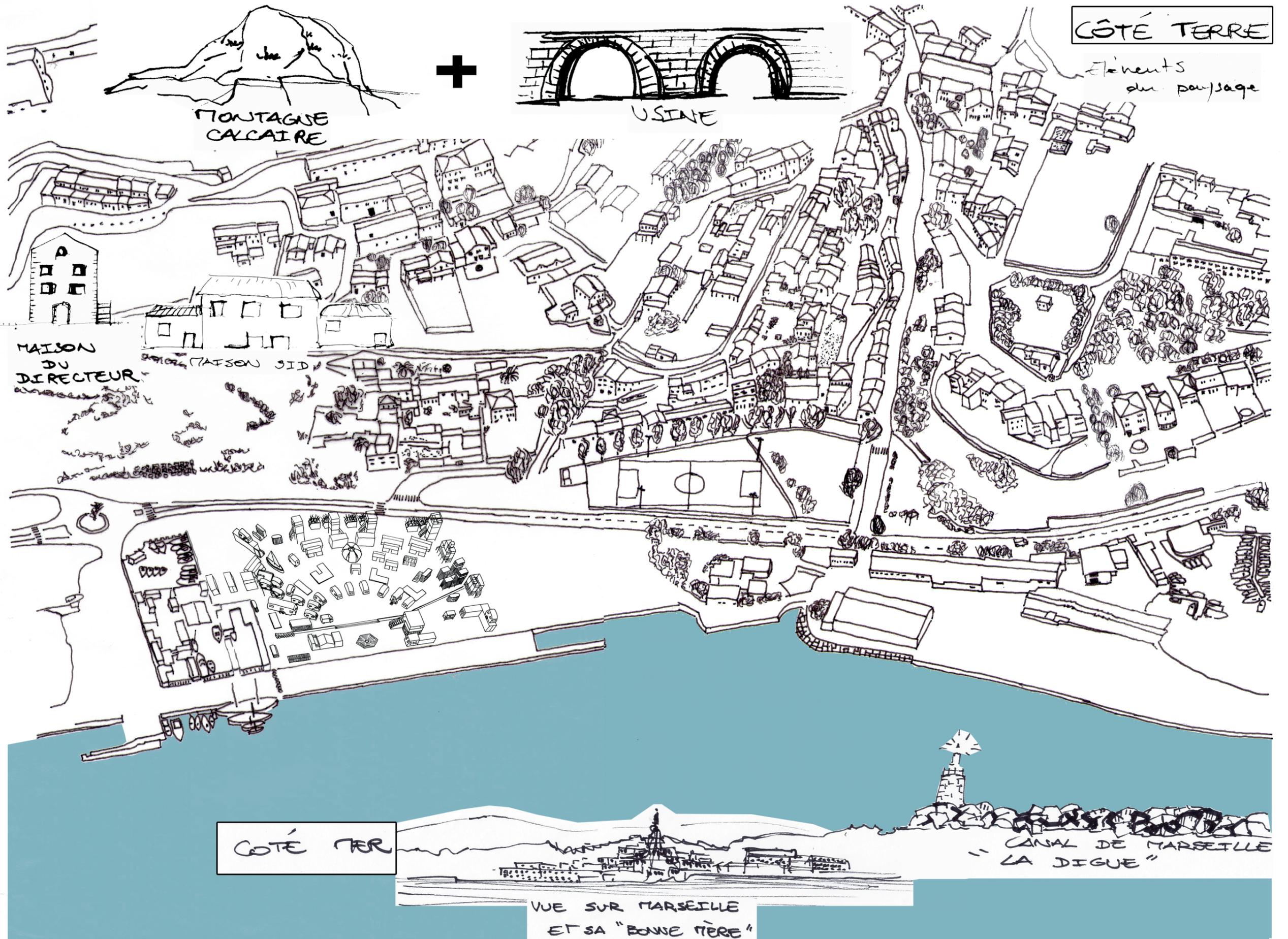
Os campistas pagavam para usufruir do espaço e do programa cultural, a interacção com os voluntários e os responsáveis dependia um pouco da abordagem e do a vontade de cada um.

Os aderentes foram todos os curiosos que passaram pelo espaço, uma vez que YesWeCamp possui o estatuto de associação gerente do acampamento todos os seus visitantes foram obrigados uma adesão á associação, onde facultaram o seu nome, contacto e uma doação livre para associação.

Esta ideia de classes teve uma certa dificuldade de ser implementada no espaço, por um lado foi uma classificação bastante aberta e pouco definida, o que permitiu uma serie de sobreposições de classes na mesma pessoa, por outro lado apesar de pertencer a outra classe a realidade é que quase todo o corpo regente do projecto prestou um trabalho voluntário, ou seja sem remuneração, o que levou a muitos participantes abdicar das suas funções no espaço.

Um projecto pioneiro e em rede

A ideia do YesWeCamp foi materializada Quai de la Lave, em l'Estaque, um espaço em aberto, sem projecto formalizado apenas com uma utilização esporádica e informal dos habitantes do bairro que o atravessavam para aceder ás docas. Foi um projecto construído com um orçamento bastante reduzido, procurou-se reduzir ao mínimo os custos de todas as estruturas construídas, recurendo a material reutilizado ou reaproveitado de outras empresas. Por estes motivos pode dizer se que se tratou de uma ocupação pioneira do espaço, um projecto temporário que procurou utilizar os recursos disponíveis, as oportunidades que se apresentaram ao longo do processo e testar uma forma alternativa de activar o espaço. Esta activação foi resultado da rede e contactos dos membros da associação e pelas propostas escolhidas do apelo proposições. Esta rede activou este espaço durante seis meses com as suas intervenções arquitectónicas, artisticas e culturais, reinventando um espaço até então subvalorizado, tornando-o num ponto atractivo da cidade (figura 5.43. e figura 5.44.).



CÔTÉ TERRE

Éléments du paysage

MONTAGNE CALCAIRE

USINE

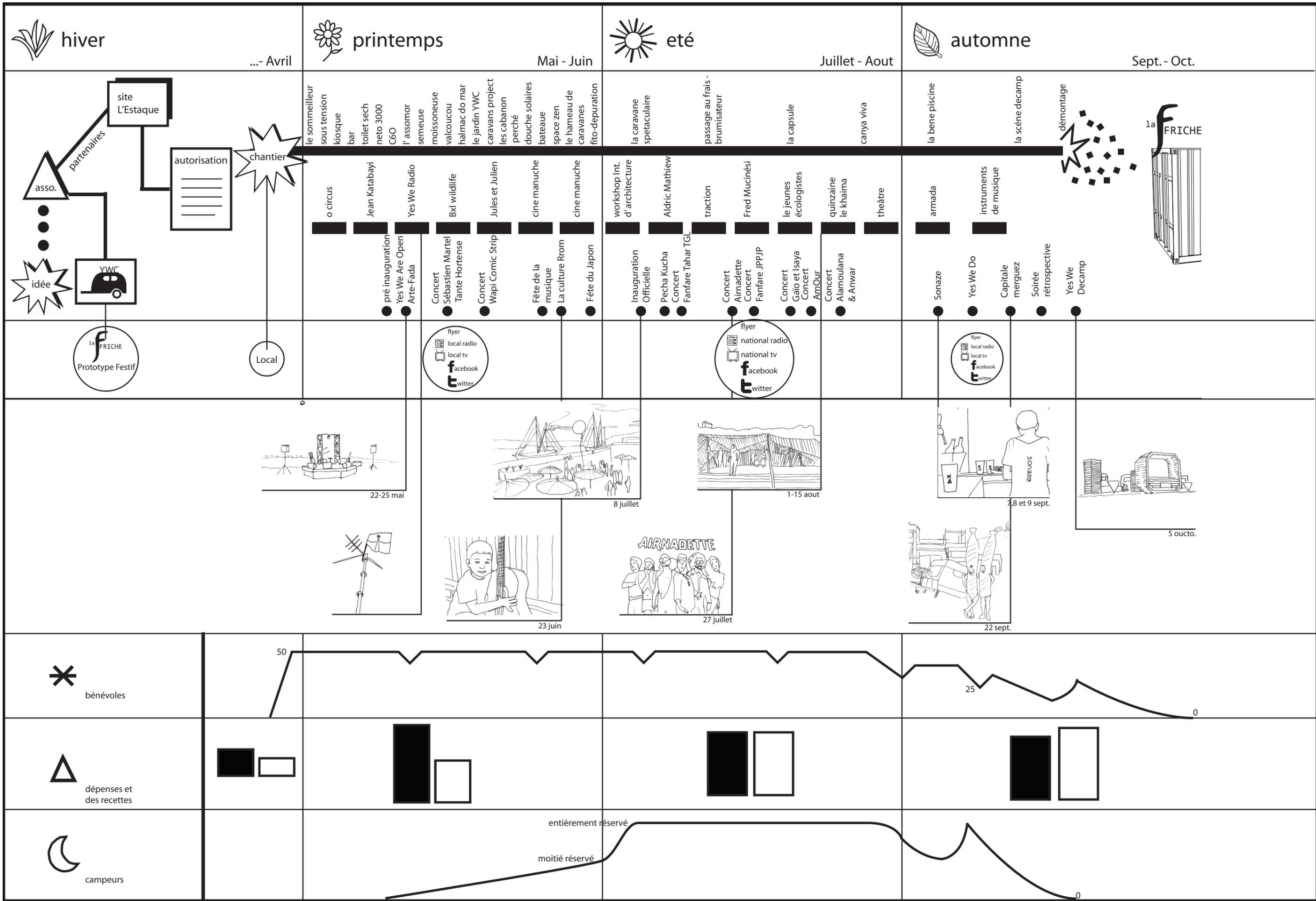
MAISON DU DIRECTEUR

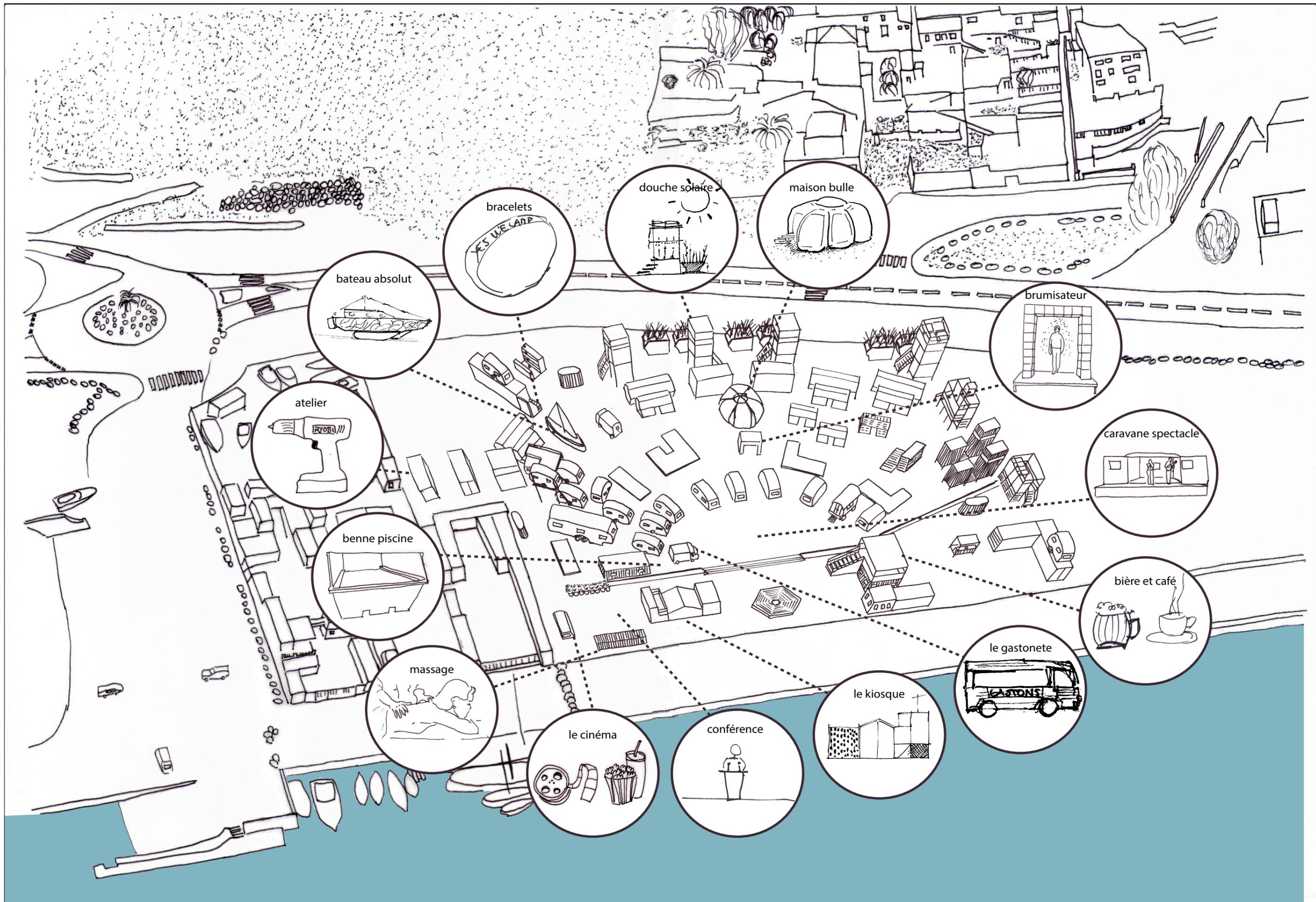
MAISON SIDA

CÔTÉ MER

VUE SUR MARSEILLE ET SA "BONNE MÈRE"

CANAL DE MARSEILLE "LA DIGUE"





Projecto sustentável

Procurou-se desenvolver um projecto o mais sustentável possível, para tal foram considerados os três pilares da sustentabilidade: o económico, o ecológico e o social.

dimensão económica

No que diz respeito á dimensão económica foi um projecto com bastantes peculiaridades, desde a sua origem não se associou a Marseille-Provence 2013, o financiamento para iniciar o projecto é resultado de subvenções da comissão europeia, investimentos pessoais de membros da administração e financiamento colectivo (croudfunding). É na fase inicial que se dão as maiores despesas, é o inicio da construção, salários de profissionais, compra de materiais, despesas de transportes e alimentação. Não só foi uma fase com maiores despesas, como foi uma fase de teste e observação, a falta de experiência e desorganização da equipa teve reflexo na factura a pagar.

Inicia-se uma fase intermédia, quando as grandes construções terminam, o acampamento está praticamente construído, as despesas de construção diminuem drasticamente, representam apenas reparações e workshops de construção de baixo custo. As despesas, são essencialmente a alimentação dos voluntários e artistas convidados e manutenção do espaço. É nesta fase que se geram maiores as receitas, resultado da abertura ao público: eventos e alojamento. É nesta fase que se torna claro que as receitas produzidas pelo projecto não são suficientes para compensar os custos e despesas que foram efectuadas na fase anterior.

Numa fase final para controlar os custos as despesas com salários da administração são cortados, abandonam-se os contratos de trabalho e não se renovam os estágios. O projecto é gerido e suportado por trabalho voluntário. Mantêm-se no projecto voluntários que acreditam no resultado do projecto e que têm um sentimento de responsabilidade para com o mesmo. A receita é gerada pelos últimos eventos e pela venda depois da desmontagem de material em bruto, maquinaria e caravanas.

dimensão social

Foram estabelecidas parcerias locais para a criação de oportunidades de emprego e ensino para os locais, o resultado destas parcerias levou á participação de cerca de 30 jovens na fase de construção do espaço, como parte integrante da sua formação profissional. Este jovens tiveram a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e técnicas inovadoras.

No que diz respeito á colaboração com associações locais o processo foi mais complicado, apesar de terem sido contactadas e solicitada a sua colaboração estas não se mostraram muito interessadas em participar no projecto. Pelas conversas que conseguir ter com alguns membros destas associações senti que viam o projecto como uma invasão de espaço cultural, associavam-no a mais uma das intervenções típicas da Capital Europeia da Cultura, e pelo facto de ser um projecto temporário, isto é com um espaço curto de intervenção, não se motivaram a participar, consideravam que os resultados produzidos dessa experiência não seriam frutíferos. No entanto foram feitas colaborações com associações principalmente de Marselha,

que contribuíram essencialmente com workshops, palestras e conferências que enriqueceram o programa cultural.

Desde o início das construções do YWC foi claro que esta ocupação não era muito bem aceite pela comunidade local, para esta população o YWC representa um modo de vida e práticas que não fazem parte da sua vida quotidiana. Por outro lado despertou a curiosidade de muitos, que provavelmente nunca entraram no espaço, mas observaram o desenvolvimento do projecto do princípio ao fim através do perímetro limite do espaço. Uma das grandes valias do projecto foi a relação estabelecida com a família Sid, uma família respeitada pela comunidade local, esta relação foi aprofundada pelo trabalho voluntário prestado pelo Abdel e pelo seu irmão mais novo, bem como o fornecimento de pão todos os dias ao acampamento pelo Farrid. Este laço colocou o projecto numa posição mais confortável com a comunidade local.

A meu ver a maior valia social prestada pelo projecto foi a possibilidade dada aos cerca de 500 voluntários que passaram pelo espaço de experimentarem uma série de ofícios, desde a construção com vários materiais, organização de reservas, restauração, jardinagem, animação cultural, etc...

dimensão ecológica

YesWeCamp foi um projecto baseado em ideias ecológicas, essa preocupação reflectiu-se um pouco por todo o acampamento, desde as construções, manutenção dos resíduos, consumos de água e energia à comida.

O espaço onde foi construído o acampamento eram um espaço em aberto da cidade, não existia sistema de drenagem que permite-se a conexão de um sistema de esgoto do acampamento à rede de águas residuais da cidade. A sua proximidade com o mar fez da gestão de águas residuais um dos aspectos ecológicos principais deste projeto. A ambição foi alta: alcançar zero descargas de águas residuais. Para conseguir este objectivo, foram minimizados os consumos de água através implementação de casas de banho secas, duchas solares e pontos de água com aproveitamento da água cinzenta, enquanto o tratamento de águas residuais foi feita por um sistema de fito-depuração.

No que diz respeito à construções de maneira geral tudo o que foi construído no projecto resultou de material reciclado ou foi construído de maneira a que o material pudesse mais tarde ser reaproveitado. Desde o início do projecto foram estabelecidas parcerias com empresas fornecedoras de materiais, uma dessas grandes parcerias foi com o *Brico Dépôt*, uma grande superfície de comercialização de materiais de bricolagem onde se aproveitou todo o material que não se encontrava em condições para venda, foram recuperadas tintas, utensílios, metais, materiais de pavimentos, paletes, etc.

YesWeCamp foi um grande laboratório de experimentação de várias técnicas e construções ecológicas: casas de banho secas, duchas solares, sistema fito-depuração, pontos de água com aproveitamento de água cinzenta, dormitórios em paletes e andaimes, estrutura de sombra com cana, etc...

Casas de banho secas

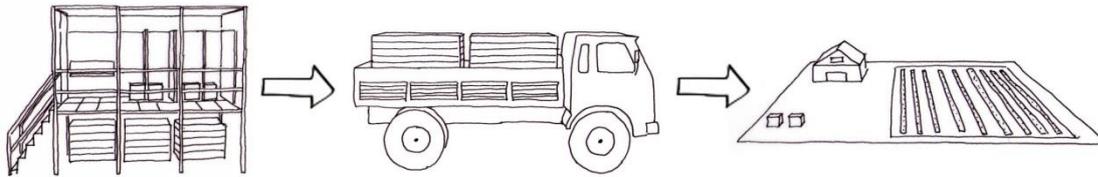


Figura 5.45. Ciclo dos resíduos sólidos

Com a utilização de casas de banho secas procurou-se fechar um ciclo natural, onde o alimento que se torna resíduo, é transformado em húmus, resultando num adubo/fertilizante orgânico, que ao ser utilizado no solo para agricultura vai ajudar á produção de alimentos(figura 5.45.). Este sistema de saneamento seco não necessita de água para o seu funcionamento, o que permite uma grande poupança no consumo de água e não está ligado á rede de águas residuais, evitando a contaminação do sub-solo.

As casas de banho do YWC foram construídas com seis compartimentos, dois compartimentos para resíduos líquidos destinados aos homens, dois compartimentos para resíduos líquidos para as mulheres e dois compartimentos uni-sexo para os resíduos sólidos. Esta divisão teve que ser feita, uma vez que a preparação dos reservatórios de resíduos líquidos e resíduos sólidos são diferentes. No reservatório destinado aos resíduos sólidos enche-se cerca de 20% do reservatório com uma mistura 50% serradura e 50% turfa, para proporcionar a oxigenação necessária ao processo de degradação, isto é ajudar o de decomposição anaeróbia, absorver líquidos e evitar odores. Nos reservatórios de resíduos líquidos enche-se cerca de 50% do reservatório com serradura, para ajudar a absorver a urina e evitar o seu odor. Para além desta preparação é aconselhado aos utilizadores, através de painéis informativos, adicionar um pouco de serradura após a utilização das casas de banho, esta acção vai ajudar á criação de bolsas de ar entre os dejectos o que beneficia a sua degradação.

Os reservatórios eram retirados sempre que estavam cheios e transportados para um agricultor nas redondezas, este fica responsável pelo armazenamento dos reservatórios, esperar o tempo necessário (entre um ano e meio a dois anos) para a decomposição dos excrementos e posteriormente a sua utilização como adubo orgânico na sua plantação.

Duches solares e Sistema de Fito- depuração

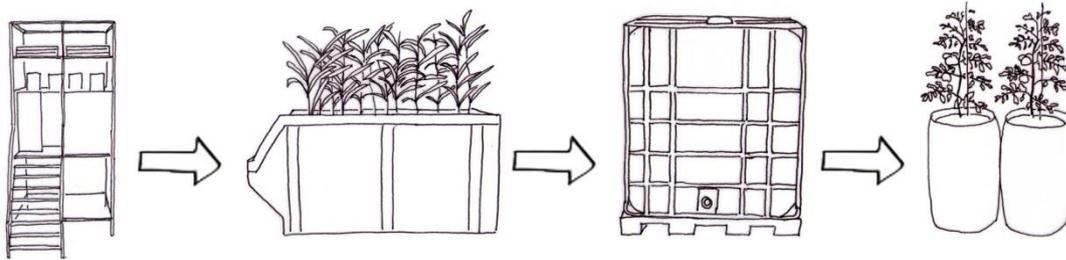


Figura 5.46. Ciclo da água

Os duches solares foram construídos sobre torres de andaimes, foram construídas duas torres cada uma com dois lavatórios de água fria e quatro chuveiros. Para reduzir os volumes de consumo de água foram instalados vários dispositivos que ajudam a prevenir grandes consumos de água:

- misturador centralizado a uma temperatura de 35°C, a temperatura do duche não podia ser regulada.
- torneiras temporizadas com reductor de débito (3L/min para os lavatorios e 6-8L/min para os duches)
- reductor de pressão

Nestas condições previa-se que cada pessoa permanecesse no banho cerca de 5 minutos.

A água utilizada nos duches era conduzida e colectada para os contentores de fito-depuração, para ajudar a purificação da água era aconselhada a utilização de productos biológicos. Como não é possível assegurar esta condição era fornecido aos utilizadores o sabão de marselha, producto local e biológico, para assegurar o bom funcionamento do sistema.

Os contentores da fito-depuração foram tratados e isolados com geotextil para evitar que a ferrugem dos contentores entrasse em contacto com a água. No fundo do contentor foi feito um buraco para a evacuação da água e colocado um tubo de drenagem de pvc para permitir a recolha e evacuação da água do contentor. O contentor é constituído por:

- camada inferior de 20-25 cm de pozolanas de diâmetro 12/20
- camada intermédia de 15-20 cm de pozolanas de diâmetro 25/50
- camada intermédia de 20-25 cm de pozolanas de diâmetro 12/20
- camada superior de 20-25 cm de pozolanas de diâmetro 4/8
- uma fina camada com a mistura de terra e composto
- cana

A água que passa pelo sistema de fito depuração é posteriormente armazenada num reservatório de água no topo de estrutura de andaime das casa de banho secas, através da força da gravidade é utilizada para regar as plantas do jardim (figura 5.46.).

C12O e C8O

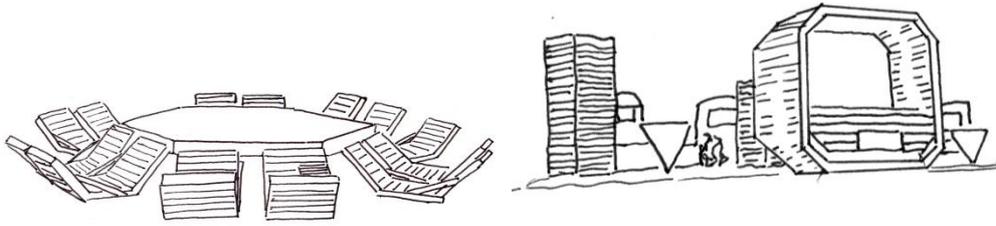


Figura 5.47. e 5.48. C12O e C8O

C12O é uma estrutura multifuncional desenhada com associação Chão de Gente para Guimarães Capital Europeia da Cultura, foi concebida tendo em conta os desperdícios da indústria dos arredores da cidade de Guimarães. Como não foi seleccionada para este evento o seu design foi reinventado e adaptado para as condições de Marselha. Foi um dos projecto seleccionados do apelo a propostas feito em Fevereiro de 2013 pelo YesWeCamp, a sua construção iniciou-se no final do mês de Abril e demorou cerca de 1mês a ser finalizado. A demora na sua construção deve-se especialmente á necessidade de recolher material reutilizado das industrias locais, o que prolongou um pouco o processo, mas permitiu a construção de uma estrutura com um orçamento bastante reduzido. Por dificuldades técnicas e priorização de outras construções no projecto não foi possível finalizar a estrutura como foi desenhada, do desenho inicial foram construídas os módulos C e O, mas não foi finalizada a sua união, ao longo do evento estes elementos foram utilizados de forma independente e para uma grande variedade utilizações. O modulo C provou ser bastante multinacional, foi utilizado como banco, vedação, suporte de equipamento e até como altar num casamento. No final do evento o grupo YesWeCamp levou a cabo a missão de finalizar a estrutura, esta foi reinventada e reinterpretada para o evento final do projecto "Yes We Decamp". A partir da utilização dos módulos C foi construído um palco que serviu de cenário para as últimas performances do evento, a formula química da estrutura transformou-se num C8O.

Projectos para o futuro

Após o YesWeCamp o futuro do grupo ainda é um pouco incerto, terminada a ocupação da Quai de la Lave, põe-se a questão: O que se faz a seguir? Numa primeira fase instalou-se na La Friche um escritório para o grupo, um espaço comum de trabalho que procura incentivar a criação e o desenvolvimento de novos projectos. Para projectos futuros já existem algumas ideias:

Embassade- Este projecto procura continuar a intervenção iniciada com o YesWeCamp 2013, aproveitar as conexões locais feitas em L'Estaque e desenvolver no local um espaço público e desportivo para os seus habitantes. Fixar e enraizar o grupo a um local, de preferência o local onde o grupo se formou. No espaço da Quai de la Lave em L'Estaque procura-se desenvolver através de uma prática colectiva a re-apropriação e reinvenção do espaço, a embaixada materializa-se através de um edifício temporário em andaime, uma horta-jardim público e um parque desportivo que procura integrar os habitantes de L'Estaque.

Ao utilizar o conceito de embaixada representa-se um território com sua própria legislação, um território que acolhe os seus membros, os abriga por determinado tempo e os ajuda a progredir no seu rumo. Esta

ideia dá forma a um edifício construído em andaime que tem como objectivo ser uma plataforma de trabalho que apresenta as varias formações e perfis presentes no grupo, formar pequenos grupos de intervenção que trabalham sobre um tema ou problemática específica.

Através da horta-jardim público e parque desportivo pretende-se estabelecer uma relação mais profunda com a população de L'Estaque, incentivar a apropriação e cultivo de parcelas do terreno e a prática de actividades desportivas como o skate e bmx. A ideia é desenvolver o espaço público como palco e o meio de interacção entre as várias culturas e gerações presentes no bairro.

Mons2015- É a continuação da lógica desenvolvida no YesWeCamp2013 em L'Estaque, associa-se ao projecto capital europeia da cultura. Desloca-se o conceito para Mons na Belguica, uma das próximas cidades a ser abrangida pelo programa capital europeia da cultura. A ideia passa por desenvolver novamente um acampamento cultural, uma amostra e palco de experimentação de técnicas de construção temporárias e preocupações ecológicas.

Lyon2015- Possibilidade de participar na Bienal de Arte Contemporânea com uma estrutura ou espaço desenhado pelo grupo.

Devido a proximidade do encerramento do projecto YesWeCamp2013 e a incerteza de apoios torna-se um pouco difícil definir o futuro do grupo, apenas nos resta a reflexão e consolidação da experiência anterior.

6.0. Conclusões

O conceito de Espaços em Aberto atribuído aos espaços indefinidos, geralmente desaproveitados e desagregados que apresentam vários indícios de um desfasamento temporal do tecido urbano no momento actual, mostrou-se o mais abrangente e ambíguo. O termo Espaços em Aberto não possui uma conotação implícita, é capaz de englobar a dimensão espacial e temporal fundamental na sua interpretação e possível projectação, destacando ainda, o facto de não implicar um propósito futuro considerado permanente e/ou previamente antecipado. Embora estes espaços tenham sido denominados de diferentes maneiras por diferentes autores, as suas opções de nomenclatura surgiram como contraditórias ou redutoras. A opção por este conceito procura sublinhar a sua relação temporal como espaços segregados e ao mesmo tempo versáteis. Este tipo de espaços podem responder a uma série de necessidades da sociedade contemporânea, por estes motivos encontram-se em aberto as possíveis utilizações e intervenções.

O percurso pedonal efectuado foi extremamente importante na análise e contextualização dos Espaços em Aberto, permitiu o contacto directo com os espaços, desvendou uma componente relacional e social, para além da tomada de consciência de outros aspectos que não seriam desvendados utilizando unicamente uma abordagem tradicional.

Identifica-se a dificuldade em tipificar os Espaços em Aberto na cidade de Lisboa, dada a multiplicidade de circunstâncias, características e de contextos em que estes surgem. No entanto, foi possível seleccionar um conjunto de critérios de diferenciação entre eles, como contributo para a sua conceptualização e entendimento enquanto ocorrência urbana. A forma de os diferenciar deve basear-se no(s) motivo(s) mais evidentes da sua última transformação, ou de não transformação e na circunstância momentânea em que eles se encontram. Por exemplo, ocorrências extremas do meio natural (impedimento à edificação por risco de inundação ou por risco de erosão), desafectações de um uso claramente reconhecível (agrícola, industrial ou outra), fragmentos do tecido consolidado da cidade (correspondendo a espaços abertos ou edificados de natureza diversa), ou interstícios resultantes da implantação de infra-estruturas.

Esta metodologia própria de análise permitiu o entendimento da existência e identidade dos Espaço em Aberto e da circunstância em que se encontram. Aliado ao estudo do seu contexto socio-económico é possível descobrir as oportunidades que decorrem do seu aproveitamento. De entre os vários métodos de intervenção o processo de participação pública mostrou-se um dos mais apropriados a este tipo de espaços.

A abordagem participativa foi estudada neste trabalho como metodologia de articulação, activação e reabilitação dos Espaço em Aberto. Mostrou ser um conceito bastante genérico que encerra em si vários graus de envolvimento, desde a participação simbólica até ao poder total dos cidadãos participantes no processo. Para ser efectiva, a participação necessita que os cidadão se assumam como co-gestores da sua cidade. Esta concepção implica que a gestão não seja exercida só pelos responsáveis administrativos, mas passe a ser uma função partilhada. A participação dos cidadão é necessária à compreensão da cidade, e para isso a cidade tem de chegar às pessoas, tem de estar presente e ser considerada essencial e ser

sentida por cada um dos habitantes influenciando, assim, a decisão das soluções para as cidades. O processo participativo põe em causa a democracia representativa, integrando directamente os valores, interesses, perspectivas, aspirações e necessidades dos cidadãos nas decisões que os afectam. Fomenta o exercício de cidadania, criando um envolvimento efectivo e mais activo dos cidadãos, o que dá um sentido crescente e fundamentado aos princípios da democracia participativa. Neste processo o arquitecto desempenha o papel de curador, faz a mediação entre instituições, clientes e utilizadores.

Na activação e articulação dos Espaços em Aberto o processo participativo contribui com respostas mais dinâmicas e flexíveis face aos múltiplos contextos (territoriais, temporais, políticos,...)em que opera, em comparação com abordagens mais tradicionais. Mostrou ser um processo que devido á capacidade de inspirar os cidadãos a envolverem-se na gestão do espaço, este passa a ser um campo experimental que pode ser transformado utilizando métodos simples e actividades que envolvam directamente a população. Renovam não só as estruturas espaciais, mas também os desperdícios de materiais, o que permite uma intervenção a custos muito baixos, como se verifica nos projecto desenvolvidos (capítulo 5.3.).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAFIATE, M. T. Expressão dos valores do sítio da paisagem. Tese de Doutoramento, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia. Lisboa, 2000.

ANGUIANO, M. The Battle of Chicano Park: A Brief History of the Takeover. Disponível em: <http://chicano-park.com/cpscbattleof.html>, Acesso em: 12 de Outubro de 2012.

ARNSTEIN, S. A Ladder of Citizen participation, Journal of the American Institute of Planners, p.214-215, 1969

AUGÉ, M. Não lugares. Introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Bertrand Editora, 2ª ed., 1998.

AWAN, Nishat; SCHNEIDER, Tatjana; TILL, Jeremy. Spatial Agency: Other Ways of Doing Architecture. London: Routledge, 2011

BANDEIRINHA, José António. O Processo SAAL e a Arquitectura no 25 de Abril de 1974. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007.

BARTHES, Roland; HEATH, Stephen Image, Music, Tex. Farrar, Straus and Giroux, 1978

BISHOP, Claire. Antagonism and Relational Aesthetics. October, Mit Press, p.54, 2004.

BOUMAN, Ole. Unsolicited, or: The new Autonomy of Architecture. Volume, Amsterdam, nº4, p. 26- 108, 2007

BOURRIAUD, Nicolas. Relational Aesthetics. Paris:Les Presses du Réel, 2002.

BRU, E. Coming from the south. ACTAR, Barcelona:ACTAR, 2001.

BURNS, F. Connections: Ways to Discover and Realize Community Potentials, New York: McGraw Hill, 1979

BURKE, E. A participatory Approach to Urban Planning. New York: Human Science Press, 1979.

CARAPINHA, A. Da leveza da cidade. Monumentos, p.180-183, 2007.

CARERI, F. Walkscapes - El andar como prática estética. Colección Land&Scape Series, Barcelona:Editorial Gustavo Gili SL,2002.

Cidade Campo, 2, 1979

CLAUSEWITZ, Carl; STRACHAN, Hew. On War. New York: Atlantic Monthly Press, 2007

CLEMENT, G. Manifesto del tercer paisaje. Barcelona: GG mínima, 2007.

CUPERS, K. e MIESEN, M. Spaces of uncertainty. Wuppertal: Verlag Mueller & Busmann, 2002.

DEBORD, Guy; SMITH, Donald. The Society of Spectacle. New York: Zone Books, 1994.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix; HOLLAND, Eugene. Anti-Oedipus: introduction to schizoanalysis. London: Routledge, 1999.

DIAS, F.S. Utopias e realidades para os Vales de Chelas. Boletim Lisboa Urbanismo, 9. Disponível em: <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/003/003/artigo.php?ml=2&x=b9a6pt.xml>, 2000. Acesso em: Janeiro 2011.

HILL, Jonathan. *Actions of Architecture: Architects and Creative Users*. London: Routledge, 2003.

JONES, Peter; PETRESCU, Doina; TILL, Jeremy. *Architecture and Participation*. Abingdon: Spon Press, 2005.

JONES, Peter; PETRESCU, Doina; TILL, Jeremy. *Architecture and Participation*. Giancarlo De Carlo Architecture's Public. Abingdon: Spon Press, 2005.

KOOLHAAS, R. S,M,L,XL- OMA, *Surrender*. New York :The Monacelli Press, 1995.

KOOLHAAS, R. El espacio basura: La modernización y sus secuelas. *Arquitectura Viva*, p.23-31, 2000.

LAVADINHO, S. The Pedestrian as Urban Actor. In: *Actions: What you can do with the city*, Giovanna Borasi e Mirko Zardini (eds), Canadian Centre for Architecture, SUN Architecture, 2008.

LEFEBVRE, Henri. *Le droit à la Ville*. Paris: Ellipses, 1968.

LEFEBVRE, Henri, BONONNO, Robert. *The Urban Revolution*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2003.

LYNCH, K. *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960.

MAGALHÃES, M.R. *A Arquitectura Paisagista Morfologia e Complexidade*. Lisboa: Editorial Estampa, p.525, 2001.

MATOS, R.S. *A reinvenção da multifuncionalidade da paisagem em espaço urbano - Reflexões*. Tese de doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem, Universidade de Évora, 2010.

MERLEAU-Ponty, M. *Fenomenologia da Percepção*. Martins Fontes, p.83-143, 1999.

MIESSEN, Markus. *The Violence of Participation*. Berlin: Sternberg Press, 2007.

MULLER, C. *Prinzessinnengärten. Anders gärtnern in der Stadt*. Berlin: Nomadisch Grün, 2011.

NORBERG-Schulz, C. *L'art du lieu: Architecture et paysage, permanences et mutations*. Paris :Ed. Le Moniteur, 1997.

OCHOA, A.R. *Dinâmicas de crescimento em metrópoles portuárias tensões a oriente da cidade de Lisboa: On the w@terfront*, p.30-41, 2005.

PENELAS, J.L. *Superlugares - los espacios inter-media*. Madrid: Editorial Rueda, 2007.

PER, A. *The Public Chance: New Urban Landscapes*. Victoria Gasteiz: a+t ediciones, 2008.

PIZZETTI, I. *Dump-spaces, rubble-spaces, debris-spaces*. Milão: Casabella ano LVII, 597-598, p.125, 1993.

RANCIÈRE, Jacques; Liz Heron. *On the Shores of Politics*. London:Verso, 1995.

RANCIÈRE, Jacques; Gabriel Rockhill. *On The Politics of Aesthetics: The Distribution of the Sensible*. London:Continuum, 2004.

RANCIÈRE, Jacques; Steven Concorran. *Hatred of Democracy*. London:Verso, 2006.

RICK, M. Raumlaborberlin Intervenção Urbana "Eichebaumoper", Mulheim. *Arqa*, 90/91: 80-87, 2011.

RODRIGUES, S.I. Planos Directores de Lisboa. Relatório do trabalho de fim de curso em Arquitectura Paisagista. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia / UTL, p.4-30, 2008.

SANOFF, Henry. *Integrating Programming, Evaluation and Participation in Design*. London: Avebury, 1992

SECCHI, B. For a town planning of open spaces. *Milão: Casabella* ano LVII, 597-598, p.116-117, 1993.

SECCHI, B. Urban scenarios and policies. In N. Portas, A. Domingues e J. Cabral (eds), *Políticas urbanas - Tendências, estratégias e oportunidades*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.275-283, 2003.

SILVA, F. N. (coord.). *Métodos e técnicas para o desenvolvimento sustentável '08*. Coleção Exponentes, CESUR - Centro de sistemas urbanos e regionais, p.81, 2009.

SHALK, M. *Urban Curating*. Disponível em: www.soc.nu/urbancurating, Acesso em: 10 de Janeiro de 2013

SOLÀ-Morales, I. *Terrain vague*. In C. Davidson (ed), *Anyplace*, Cambridge: MIT Press, p.118-123, 1995.

TATOM, J. *Urban highways and the reluctant public realm*. In Charles Waldheim (ed.), *Landscape Urbanism Reader*, New York: Princeton Architectural Press, p.179-195, 2006.

TORRES, C.M. A evolução das linhas portuguesas e o seu significado ferroviário. *Gazeta dos Caminhos de Ferro* 70, 1682: 61-62. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Linha_de_Cintura, 1958. Acesso em: Novembro 2010.

TRANCIT, R. *Finding Lost Space - Theories of urban design*. New York: Van Nostrand Reinhold, 1986.

VALERE, S. *Espacio privado, espacio público: dialécticas urbanas y construcción de significados*. *Tres al Cuatro*, p.22-24, 1999.

WALDHEIM, C. *The landscape urbanism reader*. New York: Princeton Architectural Press, 2006.

WERNER, J. *Mellowpark Campus: Analyse, Strategie Vermittlung*. Berlin: ExWoSt Begleitforschung, 2010.

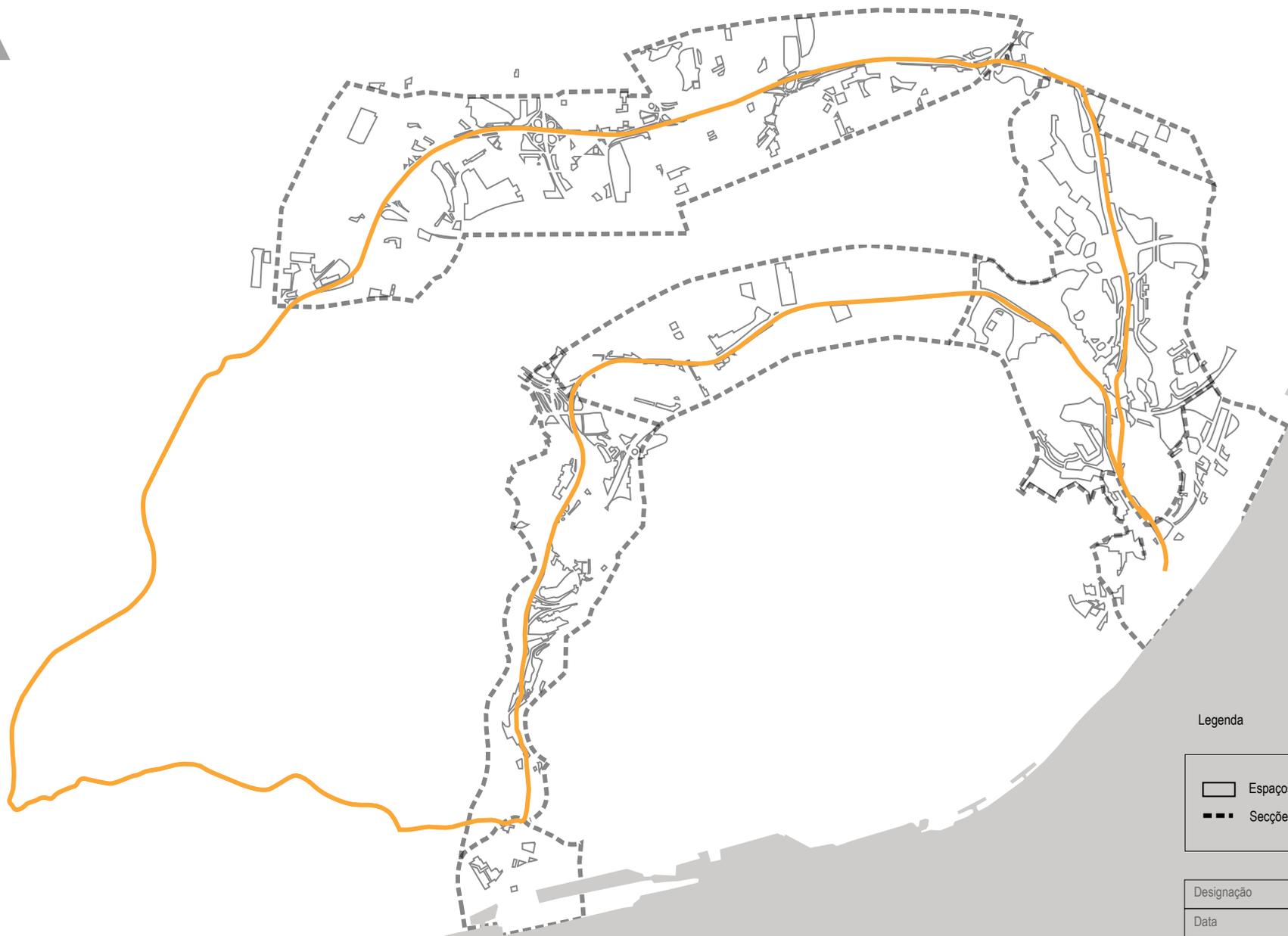
WOLF, Mauro. *Teorias das Comunicações de Massas*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

WULZ, F. *The Concept of Participation*. *Design Studies*, 1986

ANEXOS

Anexo 1. Aspectos biofísicos e antropológicos dos Espaços em Aberto no percurso em Lisboa

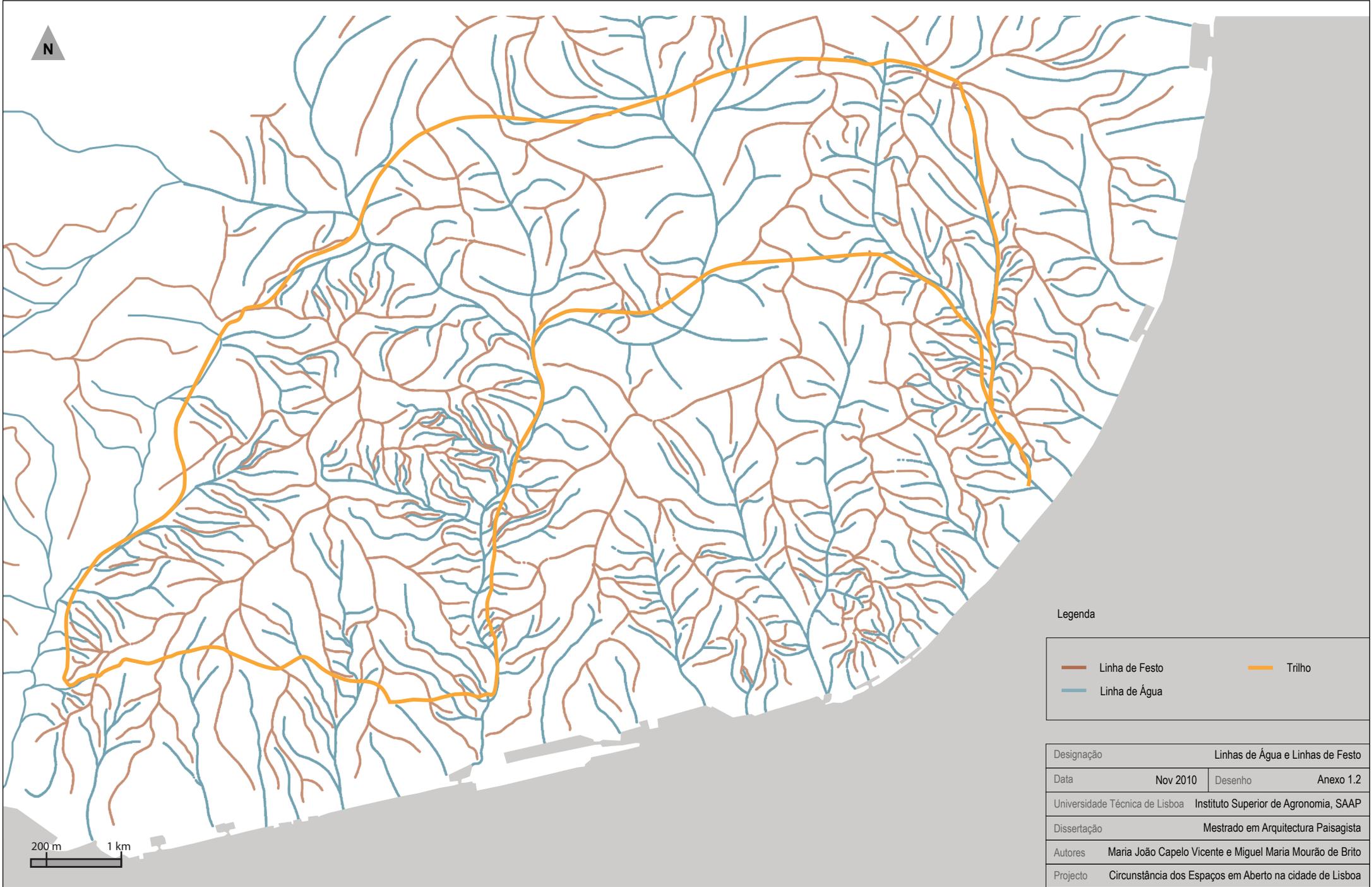
- 1.1. Espaços em Aberto
- 1.2. Linhas de água e linhas de festo
- 1.3. Altimetria (5 m)
- 1.4. Declives
- 1.5. Geologia
- 1.6. Quintas, aqueduto e elementos de água
- 1.7. Sistema de circulação
- 1.8. Espaço edificado e espaços verdes urbanos
- 1.9. Ortofotomapa



Legenda

 Espaços em Aberto	 Trilho
 Secções	

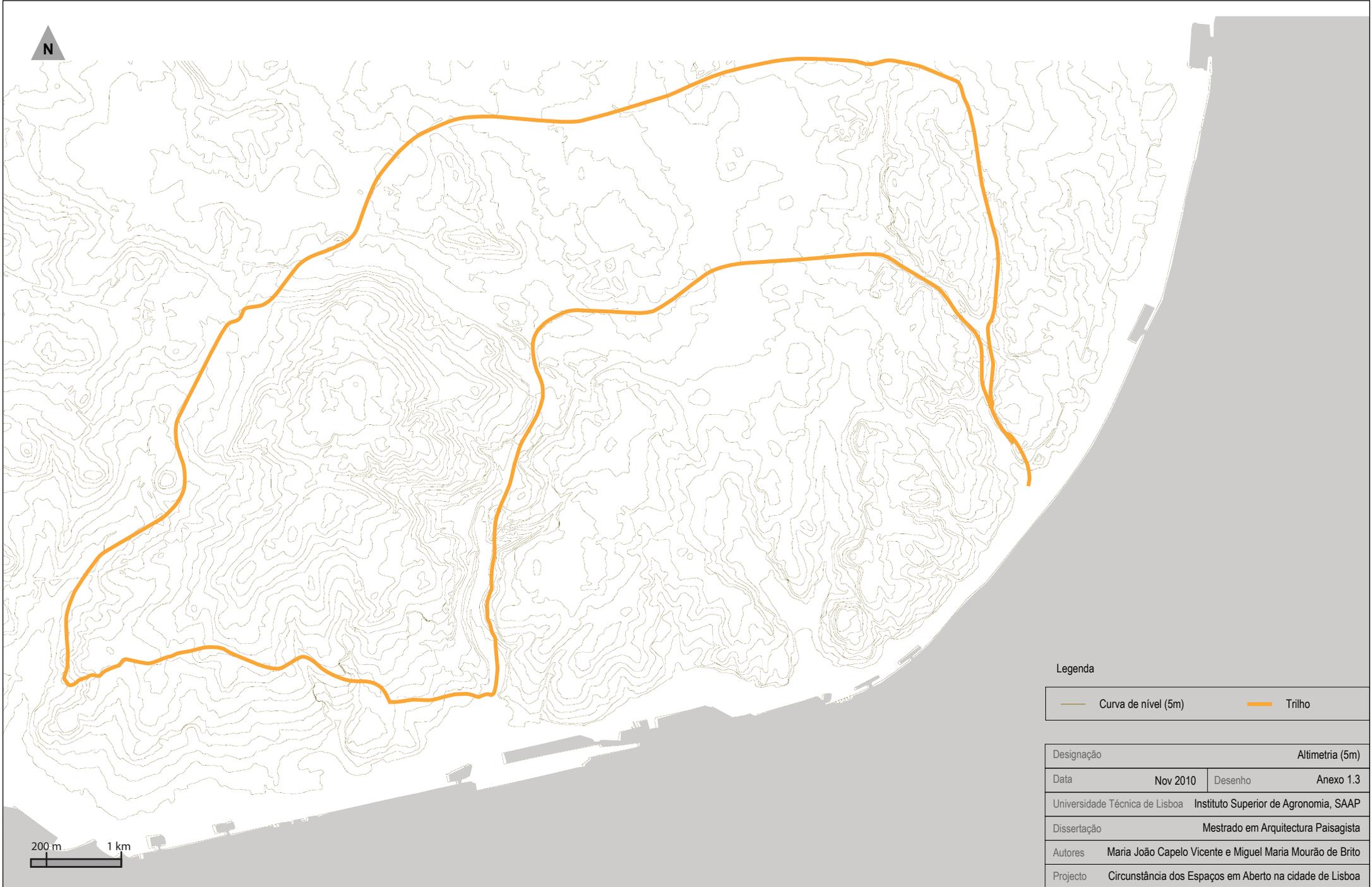
Designação	Espaços em Aberto		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.1
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		



Legenda

	Linha de Festo		Trilho
	Linha de Água		

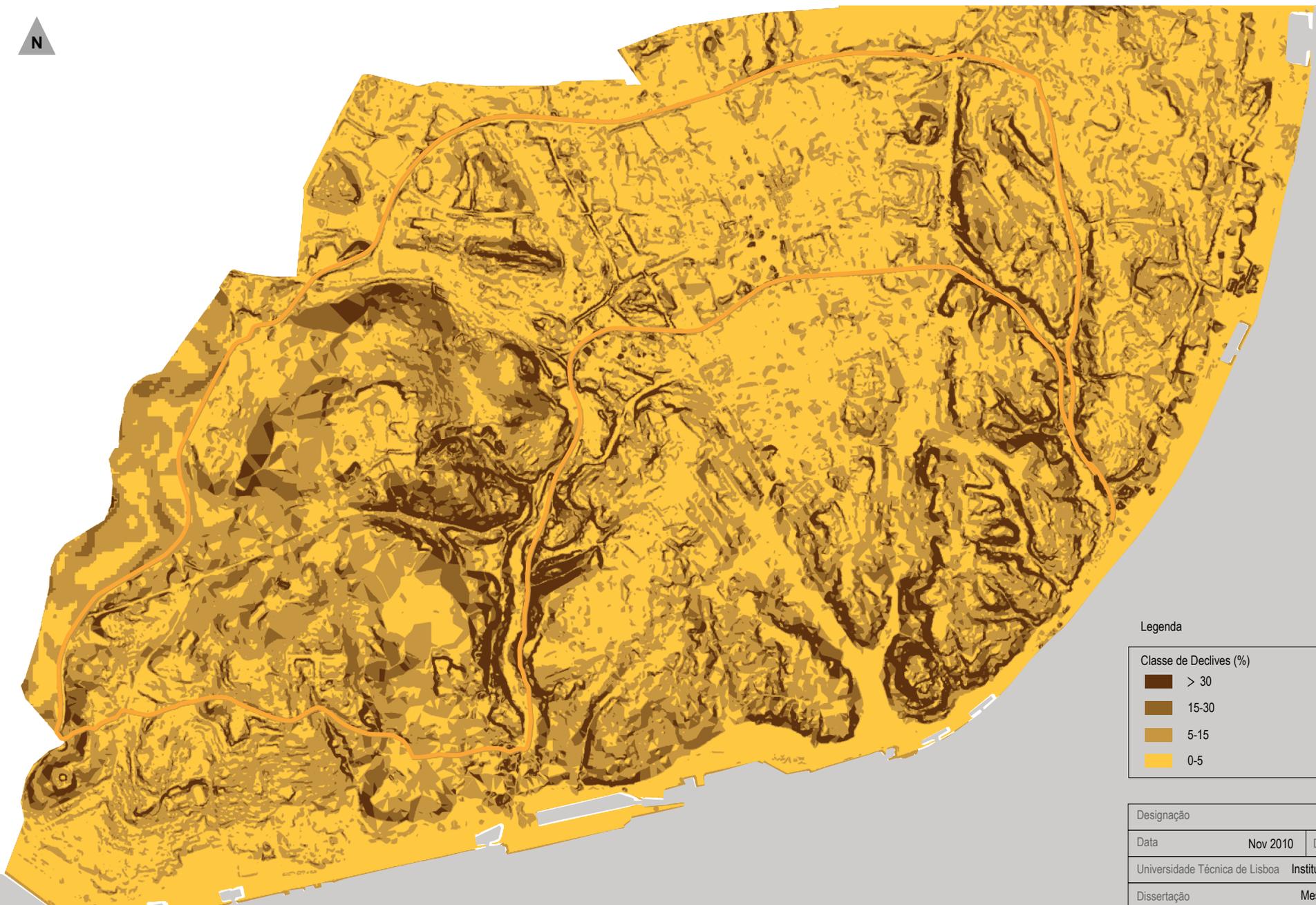
Designação	Linhas de Água e Linhas de Festo		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.2
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		



Legenda

 Curva de nível (5m)	 Trilho
---	--

Designação	Altimetria (5m)		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.3
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		

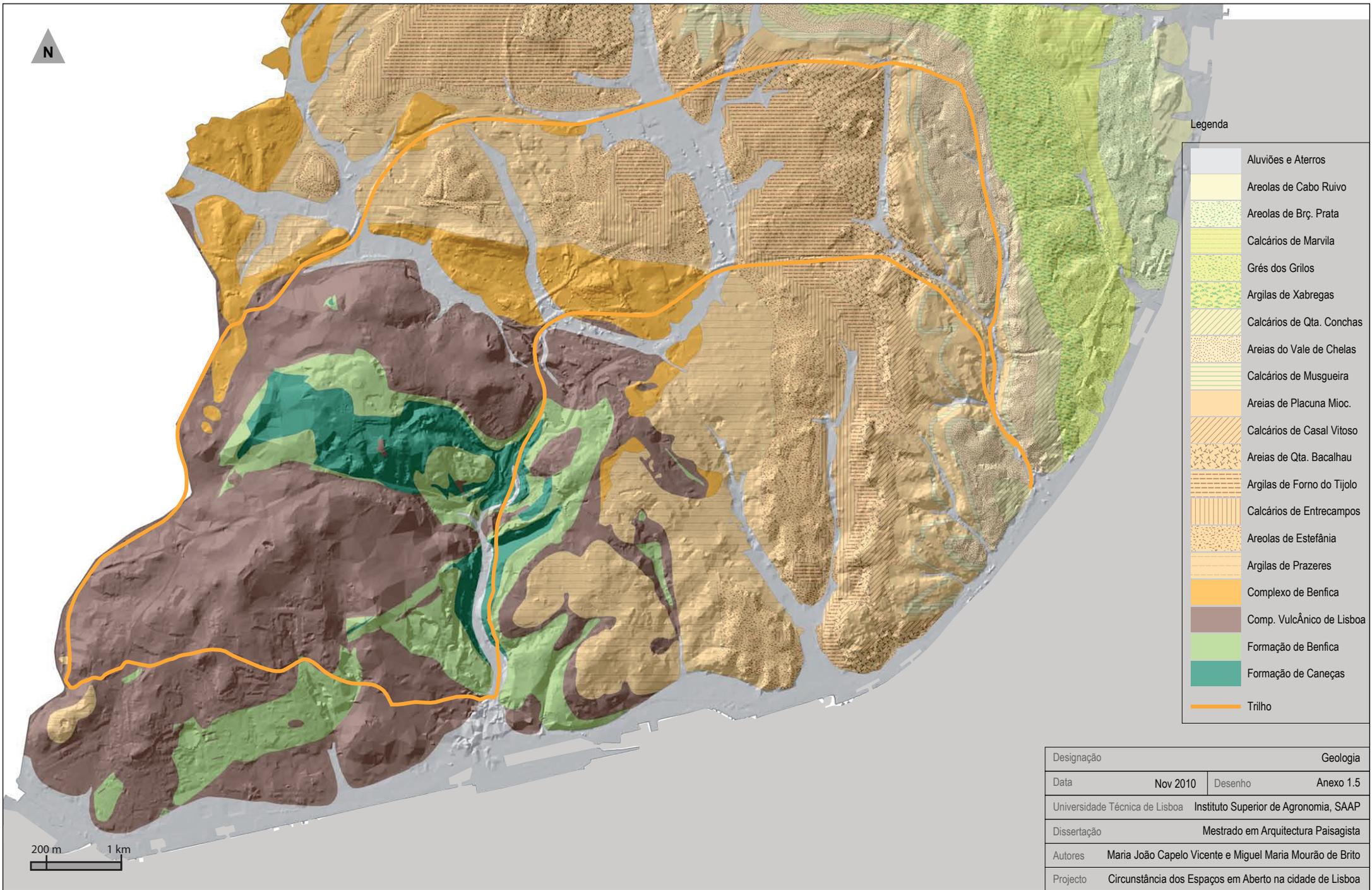


Legenda

Classe de Declives (%)	
	> 30
	15-30
	5-15
	0-5

 Trilho

Designação	Declives		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.4
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		



- Legenda
- Aluviões e Aterros
 - Areolas de Cabo Ruivo
 - Areolas de Brç. Prata
 - Calcários de Marvila
 - Grés dos Grilos
 - Argilas de Xabregas
 - Calcários de Qta. Conchas
 - Areias do Vale de Chelas
 - Calcários de Musgueira
 - Areias de Placuna Mioc.
 - Calcários de Casal Vitoso
 - Areias de Qta. Bacalhau
 - Argilas de Forno do Tijolo
 - Calcários de Entrecampos
 - Areolas de Estefânia
 - Argilas de Prazeres
 - Complexo de Benfica
 - Comp. Vulcânico de Lisboa
 - Formação de Benfica
 - Formação de Caneças
 - Trilho

Designação	Geologia		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.5
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		

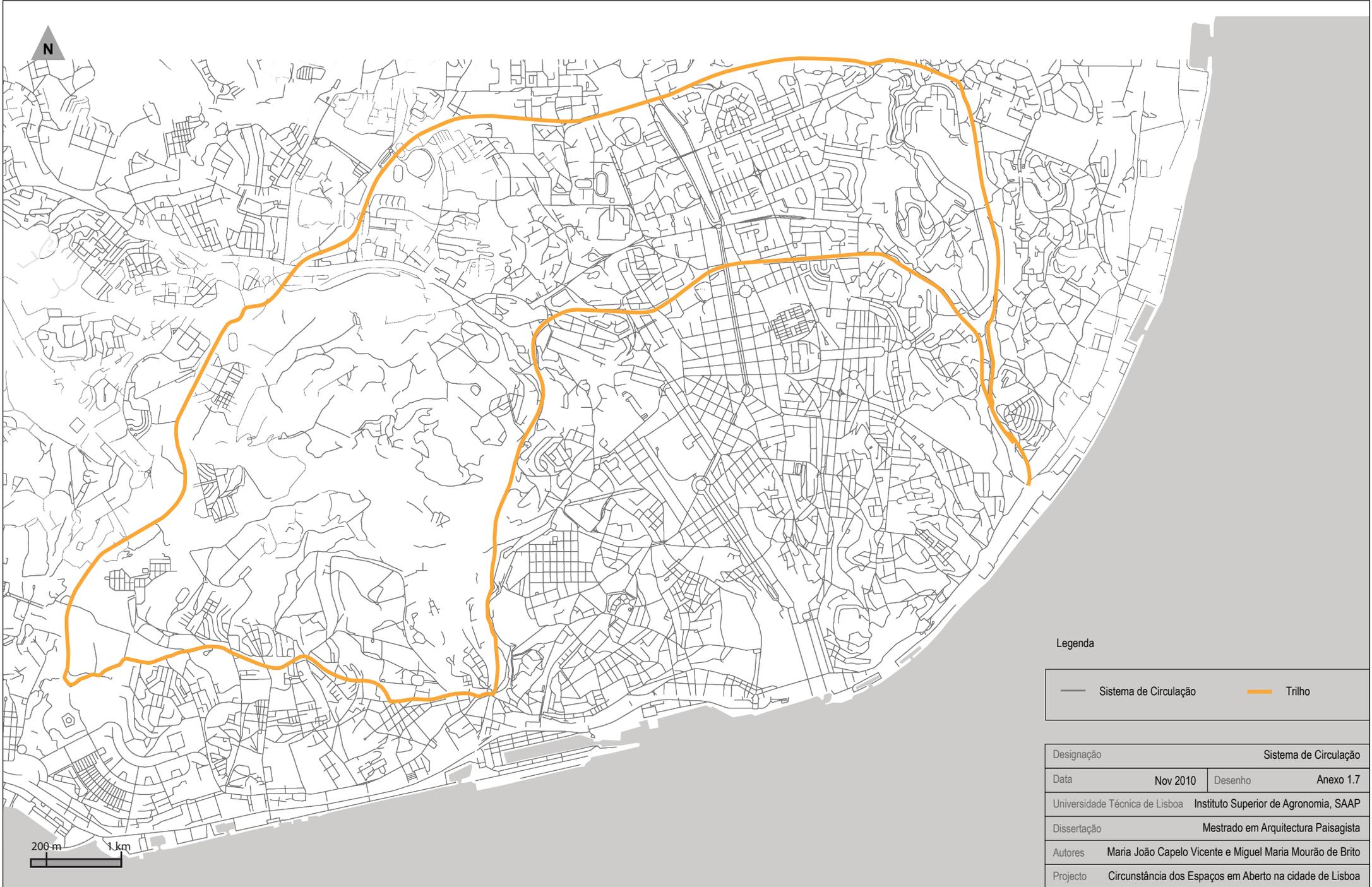
200 m 1 km



Legenda

● Quintas	— Trilho
● Pontos de Água	
— Aqueduto	

Designação	Quintas, Aqueduto e Elementos de Água		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.6
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		



Legenda

	Sistema de Circulação		Trilho
---	-----------------------	---	--------

Designação	Sistema de Circulação		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.7
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		



Legenda

■ Espaços Verdes Urbanos	— Trilho
■ Edificado	

Designação	Espaço Edificado e Espaços Verdes Urbanos		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.8
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circuntância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		



Legenda

 Trilho

Designação	Ortofotomapa		
Data	Nov 2010	Desenho	Anexo 1.9
Universidade Técnica de Lisboa	Instituto Superior de Agronomia, SAAP		
Dissertação	Mestrado em Arquitectura Paisagista		
Autores	Maria João Capelo Vicente e Miguel Maria Mourão de Brito		
Projecto	Circunstância dos Espaços em Aberto na cidade de Lisboa		